OBRAS POETICAS

DE

D. LEONOR D'ALMEIDA PORTUGAL LORENA E LENCASTRE,

MARQUEZA D'ALORNA,

CONDESSA D'ASSUMAR, E D'OEYNHAUSEN,

CONHECIDA ENTRE OS POETAS PORTUGUEZES

PELO NOME

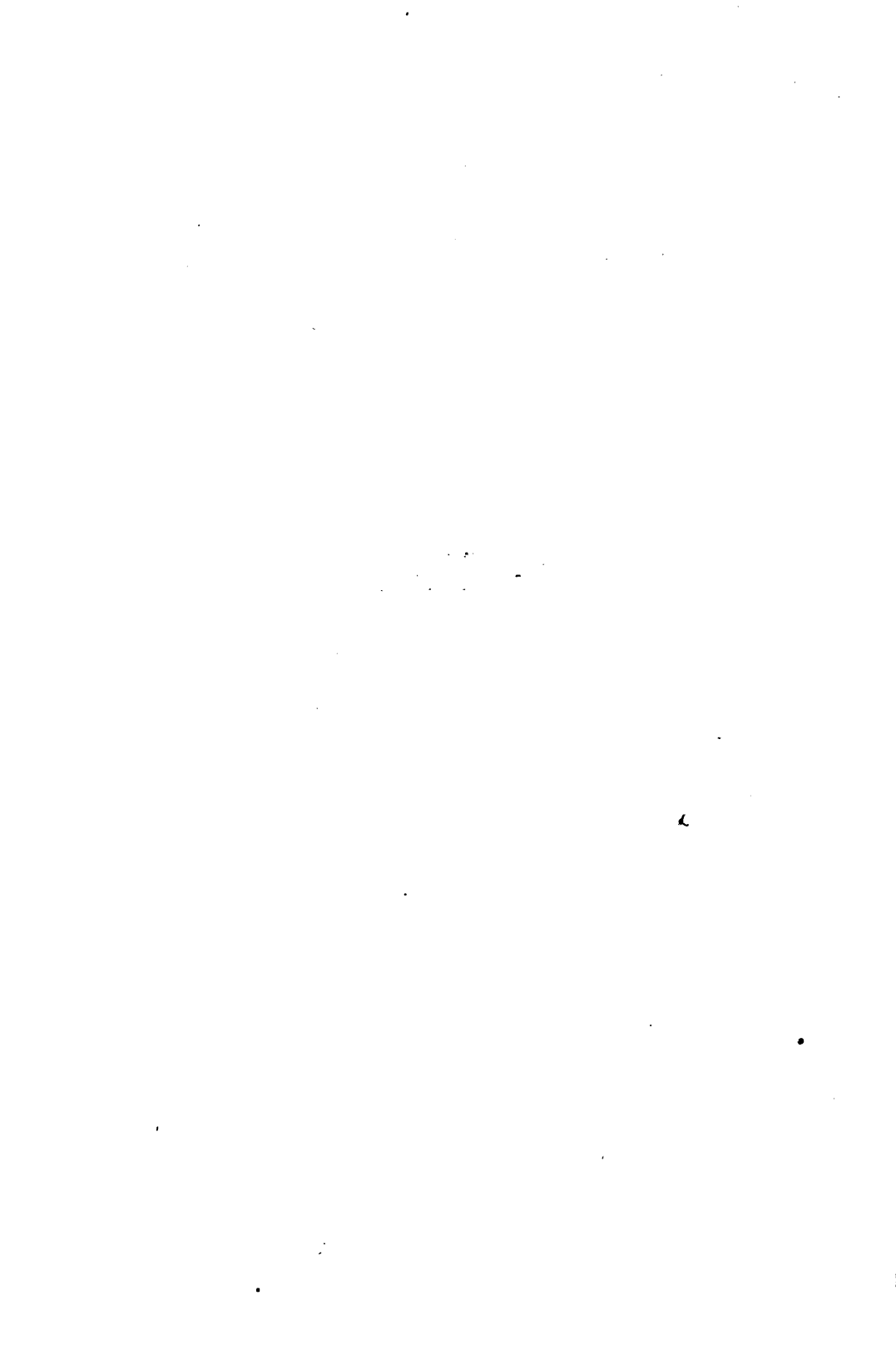
DE

ALCIPE.

TOMO II.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1844.

EPISTOLA.

Enthusiasmo patriotico, na occasião do feliz parto da Infanta D. Marianna Victoria, filha da Rainha a Senhora D. Maria I., e mulher do Infante D. Gabriel d'Hespanha.

ORNAMENTO do throno, Soberana!
Que do molde de Astréa o Ceo formou:
Por qual razão a sorte deshumana
Tão longe de teus olhos me lançou?

Acolhem-me os rochedos de Vauclusa, (1)
Os meus férvidos votos ouve o Rheno,
E a minha cara Patria expulsa a Musa
Que nutrio, que inspirou o Tejo ameno!

Quanto a Patria é querida a uma alma nobre!
Quanto occupa meus ternos pensamentos!
Do esquecimento a sombra que me cobre
Jámais póde apagar taes sentimentos.

Apesar do Destino, empunho a lyra;
Cantarei dos meus Principes a gloria:
O momento feliz que hoje m'inspira
Alcança do meu fado uma victoria.

(1) A esse tempo achava-se a auctora em Avinhão.

Rodeai-me, penhores da ternura,
Oh filhos meus! abençoai o dia
Em que a Aurora, rasgando a sombra escura,
Nos mostra os doces raios da alegria.

Cercai o berço augusto onde reside
O novo fructo da feliz alliança;
Felicitai a paz que ali preside;
Cantai comigo o nome de Bragança.

Por este nome, filho meu querido,
Dar a vida convem; por este nome
Affrontar o destino desabrido,
Os abysmos, o frio, a sede, a fome.

Se um dia, os nossos esquadrões soberbos
Pedem o sangue vosso por defensa,
Fartai com elle os fados mais acerbos,
E baste-vos a honra em recompensa.

Em quanto o tenue sopro que me anima,
Que anima vosso pae, o Ceo preserva,
Estas são as lições que vos intima
O paternal amor, Marte, e Minerva:

E quando a macilenta mão da Morte,
Que o pezar (seu ministro) serve attento,
Sobre nós disparar o fatal corte,
Formai-nos co' a virtude o monumento.

Mas que digo! Que imagem saudosa
Vem perturbar a mais doce harmonia?
Fugi, desgostos, tropa numerosa
Que interrompeis os cantos d'alegria:

Fructos da dor de um golpe inda recente (1),
Que as almas portuguezas magoando,
Funestas impressões deixou na mente,
Que transpiram na voz de quando em quando.

Applaca-te, oh lembrança! O Ceo piedoso
Ordena a successão do mal e bem;
E o pranto que custou um terno Esposo
Enxuguem-no as delicias de ser mãe.

Nos golfos do futuro os olhos lanço;
Animada de um estro providente,
Dos destinos propicios hoje alcanço
A promessa de um novo descendente.

N'um sonho vago que lhe ameiga a idéa,
Interprete da sabia Providencia,
Affonso vio o throno que o premêa
Immutavel na regia descendencia.

Por entre nuvens d'oiro os Ceos abertos,
Á vista das campinas transtaganas,
Ao grande Affonso oraculos tão certos
Confirmaram mil vozes sobre-humanas.

Suavissima esperança, dom dos Ceos!
De tão grandes motivos derivada:
Tu, que animas constante os votos meus,
Traze ao Tejo a ventura desejada.

Da Natureza as leis restauradoras
Se annunciam aos campos anhelantes,
Quando no estio as gotas percursoras
Nos promettem chuveiros abundantes:

(1) A morte d'ElRei D. Pedro III.

Tal o filho da augusta Marianna
Precede os que terá o Regio Irmão:
Brilhai, doces imagens da Sob'rana
Que hoje faz as delicias da Nação.

Oh Rainha! em quem poz a natureza
Thesouros de virtude e de razão,
De força e de justiça que despreza
O prestigio da vil adulação:

Lê na minha alma, escuta a voz do Povo;
Escuta os ternos sons com que te acclamo;
Observa a minha sorte... Se te louvo,
Não é porque te adule, é porque te amo.

EPISTOLA

Á Princeza D. Maria Francisca Benedicta, depois da morte de S. A. R. o Principe D. José, seu Esposo.

(Por ordem de S. A. S. a Senhora Infanta D. Marianna.)

Pelas trevas minha alma revoando,
Expulsando os phantasmas de um cuidado,
Vou com teu Nome excelso moderando
Os golpes que dispara incerto o fado.

Vês tu como nos mares se baldêa
O luminoso Deos, author do dia?
Vês como a sombra os orbes senhorêa,
E occulta a luz que Phebo diffundia?

Vês como rasga a Aurora a sombra densa,
Manda ao Cocyto as larvas denegridas,
Faz que outra vez Apollo a noite vença,
Resalte o mundo e as coisas escondidas?

Este progresso vejo, isto medito,
E acho nas leis da augusta Natureza
Materia com que nutra algum escripto
Balsamico vigor contra a tristeza.

Não me assustam phenomenos que houveram,
Nem me admira a sua variedade:
Desde o ponto em que os seculos nasceram
Corro co' a mente o pelago da idade.

Resoluta os espaços contemplando
Dos mundos me surpr'ende a quantidade,
E este globo, onde sempre ando lutando,
Reluz, qual ponto só, na immensidade.

Que sombra vã, que 'stupida quimera
Me parece o mortal soberbo e louco
Que abrange os raios de nma immensa esphera,
E se crê delles o luzido foco!...

Sem possuir os sonhos que passaram,
Sem poder demorar um bem presente,
Percebe instantes quando já voaram,
Busca o futuro, encontra o contingente.

Quer, e despreza o mesmo que queria;
Agradece o que ha pouco rejeitava;
Fluctua entre desejos noite e dia,
E alcança, quando já não desejava.

No globo não persiste uma só forma,
E a presumpção dos homens pretendia
Que uma lei, a que tudo se conforma,
Um Deos a seu favor mudar podia!...

Mas d'entre este caracter tão mesquinho
Surge o Sabio, c'os Deoses competindo,
Traça nos Ceos aos astros um caminho,
Calcula o espaço, mundos mil medindo.

Hemispherios oppostos aproxima,
Domando as ondas, e vencendo os mares,
Disputa o vôo ás aguias, leis intima
Ás mesmas nuvens, invadindo os ares.

Desce á terra, interroga a Natureza;
Das leis que traçou nella a mão divina,
Admirando a sublime singeleza,
Os mais vastos mysterios descortina.

Pela astuta diacrese conduzido,
Thesouros desentranha dos rochedos,
E o mundo todo, ás artes submettido,
Confia da razão os seus segredos.

Tudo a razão, tudo o saber aclara,
Do pezo e movimento as leis conhece;
E Archimedes a terra levantara
Se um ponto fóra della achar pudesse.

Tudo apaga a ignorancia, e deste todo,
Que a sciencia utilisa e vivifica,
A estupidez percebe um pardo lodo,
E no Cahos antigo inerte fica.

O exame e trabalho cauteloso
Com verdade e descanço o Ceo premêa;
Mas a mão do descuido preguiçoso
A Cohorte dos erros desenfrêa.

A tudo os ignorantes mãos se atrevem;
Talvez seus tresvalios aos bons percam:
Quem sabe que desastres nascer devem
Destas trevas opacas que nos cercam! (1)

(1) Que presentimento! Esta epistola foi escripta em 1788.
(Nota da auctora).

Já não são as paixões quaes ser deviam,
Suave ingrediente da ventura;
São furias que raivosas allumiam
O caminho lethal da Sorte escura.

Não scintilla no posto levantado
Uma nobre ambição, justa firmeza;
Muitos cuidam servir melhor o estado
Em quebrantando as leis da Natureza.

Não ha quem destes damnos se convença:
Egoismo infernal!... Tu que geraste
Os corruptos vapores da indiff'rença,
Da humanidade os vinculos quebraste.

Porêm Philosophia animadora,
Que dourou sempre os meus crueis momentos,
Os seus thesouros me abre; vem agora
Ensinar-me a applacar outros tormentos.

Não me assusta a distancia que medêa
Entre a tripode, e o Solio levantado;
O sentimento não tolera a idéa
De coarctar-se no espaço limitado.

Foge o tempo, Princeza! isso que importa?
Foge quanto julgamos mais seguro;
Mas a mão poderosa que o bem corta
Tambem sabe alongar muito o futuro.

Se nos põe a ventura mais distante,
Se um objecto adorado em fim perdemos,
Segura-nos a posse mais constante,
Vamos correndo ao sitio aonde o temos.

Aos que a fortuna affaga muito custa
Avaliar do tempo a brevidade;
Mas esta, a quem padece, nada assusta,
Lança os braços afoito á Eternidade.

Existe um Deos. Suavissima lembrança!
Esta idéa nos liga a quanto existe;
Esta idéa, motora da esperança,
É quem sabe applacar o animo triste.

Sibila o vento, brada a tempestade,
O relampago brilha, o trovão sôa,
Dos astros desce a doce claridade,
Tudo a causa immortal nos apregôa.

A cada instante a nós se communica,
Tudo contêm, sciencia, poder, gosto;
Sempre no peito afflicto a paz radica
Quando ao mortal um Deos serve d'encosto.

Neste golfo d'immensa beatitude
Vai co' a mente encontrar o que te falta,
Pois deste modo as privações illude
Quem se transporta á região mais alta.

Tudo s'entende lá diversamente,
Da morte o negro aspecto nos esquece;
Morre-se aqui, vai-se viver contente
Onde o bem sem sossobro permanece.

Tudo toma celeste natureza;
A mente então nas causas se exercita,
Sabe o que attrahe um astro, porque pésa,
Por que razão a terra em fim gravita.

Cuidas tu que o Amor desapparece
Neste abysmo do bem? Não, não, Princeza;
No seio de um Deos bom prospera e cresce
O elemento de toda a Natureza.

Esse vinculo doce que seria
Se as Parcas o rompessem cruelmente?
Uma pura regaça d'alegria,
O veneno de um animo innocente.

Nada em vão ordenou quem nos governa:
Um preludio da bemaventurança
É nesta vida aquella paixão terna,
Mais doce, que na posse, na esperança.

EPISTOLA

Em resposta a um Embaixador de Portugal em França, onde foi feita.

ILLUSTRE Souza, (1) o fogo sacrosanto
Com que a razão, tua Musa, entoa os versos,
Accende o estro meu; melhor m'inspira,
Que os fantasticos Numes que desprezo.
Desertora do templo das Camenas,
De um coração sincero os puros votos
Consagro nos altares da Verdade;
Trilharei com pé firme os seus caminhos
De cardos, ou de flores semeados.
Mas quem sabe, ai de mim! onde reside
Este Numen, que incensam tantos Sabios?
No berço meu, no misero Occidente
Apenas se conhece mascarado:
Curtas idéas em recinto estreito
Os energicos vôos não intentam;
E recaindo sobre o proprio centro
Perecem estagnadas sem remedio.
Mas em troca verás que o fingimento
Entre nós não conserva simulacros:
Somos quaes somos, quaes a natureza
Soube crear em um momento honrado.
Nos paizes mais cultos eu não vejo
Arder de Vesta a pyra respeitavel,
Accendida por candidos costumes:

(1) D. Vicente de Souza.

Degradam a cultura, os olhos mancham
Os festejos profanos de Cybele:
Já se não vêem as timidas Lucrecias
Satisfazer co' a morte a honestidade,
Lavar injurias c'o seu proprio sangue:
Batem-se as mãos ao crime, o crime exaltam
As Graças brincadoras á porfia.

Que m'importa que as luzes curiosas
Nos façam ver os eixos do Universo?...
Que m'importa que fixem dos Planetas
A ordem, que numerem as estrellas?
Os astros são uns mundos estrangeiros;
O homem deve só viver na terra;
Que estude o ser feliz; consiste a arte
Em mais virtudes, menos attractivos.

Eis-aqui como um raio da Verdade
Me compensa os clamores com que a chamo.
Não penses, não, que eu seja partidaria
Da ignorancia cruel que affecta a Patria;
Eu dou lagrimas tristes aos seus erros.

Com uma honesta inveja olho as vantagens
Com que o estudo triumpha em outros reinos,
E corrigindo os meus proprios defeitos
Sempre docil serei aos teus preceitos.

EPISTOLA

A Armania (1) que me pedio versos.

QUERES versos, Armania, e já te esquece
Que os dicta a paz, e a vida socegada?
Que um misero poeta que padece
Tem quasi sempre a citara empenada?

Eu sinto n'alma ás vezes certo alento
Para cantar Heroes, se os Ceos os dessem:
Mas tu não vês que apaga o esquecimento
Os Heroes e os Poetas que apparecem?

O teu gesto, a tua alma delicada
Inda corrigem esta fatal sorte:
Mas tu tens tempo para escutar nada?
Tu feliz? tu amavel? tu na Corte?

Queres versos, Armania, quando eu chóro!
Enxuga o pranto meu tão rigoroso;
E das Musas verás o santo coro
Desfechar um concerto harmonioso.

Sem applauso e fortuna tu verias
Horacio mesmo estupido, e sem gosto:
Eu nada disto tenho; e tu querias
Que a lyra não tivesse já deposto!

O culto da nação cria o ingenho,
O favor, deste ingenho, faz prodigios;
Mas quando a antipathia tem empenho,
De tanto bem não ficam nem vestigios.

(1) D. Marianna Arriaga, açafata da Rainha a Senhora D. Maria I.

Eu não sinto no seculo presente
Quem possa fazer versos singulares
Senão quem rege o Erario omnipotente,
E que é nauta, sem nunca ver os mares (1).

Este sim, que possue as artes todas;
E neste caso lastima seria
Que houvesse n'um composto de taes rodas
Tanta ficção, e pouca poesia.

Armania, cá no peito inda me ferve
Aquelle antigo brio lusitano:
Louvo-te a ti; porêm Deos me preserve
D'approvar os caprichos de um tyranno.

Quem despedaça o nome, e a fama apaga,
Faz peor que se o sangue me derrama:
O mundo indifferente não indaga
Se mente ou não aquelle que difama.

Perdoa o desafogo a um peito honrado;
Passa adiante, Armania, e não me pizes;
Pois das feridas que este tem levado
Doridas tenho ainda as cicatrizes.

Tu, que foste e serás o meu conforto,
Tu, que sabes co' a candida amizade
As penas adoçar que eu mal supporto,
S'isto é fraqueza, tem de mim piedade.

Augusta quer o bem, isso me basta;
Quando te vejo a ti ao pé d'Augusta
Todo o receio d'alma se me affasta:
Que hei de temer, se a minha causa é justa?

(1) O M. d'A... que governava as duas Repartições.

EPISTOLA

A Natercia (1).

Almeirim 1796.

NATERCIA, já te não lembra
Uma amiga solitaria
Que vegeta nestas selvas,
Ou luta co' a sorte varia?
Sabes como passo os dias
Sem te ouvir ou sem te ver?
Se as Parcas me não acabam
É que teem mais que fazer.

Nessa terra dos Latinos
Andam talvez occupadas,
Cortando as vidas felizes,
E alongando as desgraçadas.
Se eu duro, faz-me durar
Talvez a doce esperança
De que Natercia me guarda
Um momento na lembrança.

(1) A Viscondessa de Balsemão, D. Catharina Michaella de Souza Cesar e Lencastre.

Dá-me provas disto, Amiga,
Lendo no meu coração,
Conforta-o de quando em quando,
O Ceo te achará razão.
Lê neste o que te não digo,
Pois firme por natureza
Sei lançar, quando convem,
Duros grilhões á tristeza.

Ás vezes sinto-a gemer,
Encarcerada no peito;
Mas impondo-lhe silencio
Segue o rigido preceito.
Inda não cultivo a terra, (1)
Não sei porquê na verdade;
Nem cumpri o voto puro (2)
Que fiz á santa amizade.

Já diversas estações
Para gentes mais felizes
Deram tempo ao que plantaram
De lançar longas raizes:
Eu, Natercia, inutilmente
Os dias contando vou;
Murchou-se a minha ventura,
Tudo para mim murchou.

(1) Porque me faltava a posse das terras que tinha aforado á Corôa.
(2) Tinha feito a promessa de plantar um freixo em honra de Natercia.
(Nota da auctora).

Ando ás vezes nestes campos
Buscando flores bravias,
Com isso engano desejos,
E encurto penosos dias:
Ando fingindo que vivo
Com acções, com movimento;
Mas é falso, que só vivem
Os que teem contentamento.

Este meu doce viveiro,
Penhores de eterno amor,
Tenho medo que não medre,
Faltou-lhe o cultivador:
Esta geração moderna
Que em torno de mim gorgêa,
Com sons como os passarinhos
Os meus ouvidos recrêa.

Porêm, Natercia, que são
Sons, contra penas tão graves?
Não tem vigor de abrandá-las,
Bem que pareçam suaves.
Um parte daqui, correndo
Atraz de uma borboleta,
Outro de uma canna forma
Uma espingarda, uma setta.

Entretanto eu, cogitando
Em mil casos desastrados,
Tenho tempo de lutar
Comigo, e com meus cuidados.
Não quero turbar os gostos
Da pacifica innocencia,
Nem com gemidos inuteis
Fatigar-te a paciencia.

EPISTOLA

Em resposta a Natercia.

DEIXA-TE d'isso, amiga, não me pregues;
Amor é para mim uma quimera;
Em meu peito deserto não prospera
Mais que a lei da razão que tu não segues.

Bem percebo essas maximas sublimes
Que ostenta a gente fraca; e que despreza
Quem tem força, quem doma a natureza,
E quem não quer passar d'erros a crimes.

Faze embora elogios á inconstancia,
Ama vinte, se queres, não m'importa;
Eu para criticar estou já morta...
Não conheces a minha tolerancia?

Sou de composição muito exquisita;
Não creio nos amores desta terra,
E declaro aos amantes maior guerra
Quando de amor minha alma necessita.

Quem vês tu que mereça ser amado?
Qual do culto de Amor digno hierophante
Não terá co' as fraquezas d'inconstante
Os augustos mysterios profanado?

Amor em mim não é qual o tu sentes,
Um clamor, um tumulto dos sentidos;
Eu tenho esses escravos submettidos
A leis mais elevadas, mais decentes.

Sinto amor como a terra toda sente
As forças que a mantêm, forças diversas;
Amor me faz fugir d'almas perversas,
Por amor busco (em vão) uma innocente.

De opiniões cobardes governados,
Os homens hão de rir destas doutrinas,
Hão de rir os peraltas e as meninas:
Queres que adore um desses malcriados?...

EPISTOLA

A PHILOTAS,

Sobre um Poema Epico, cuja acção principal era o nascimento do Principe D. Antonio. Este Poema foi-me remettido para dizer a minha opinião sobre elle, antes que se imprimisse. Não se imprimio.

NÃO posso ouvir em paz a lyra impia,
Que profanando os dons das santas Musas
Troca os hymnos celestes e a verdade
Pelo canto insidioso das Serêas;
E sem dó dos desastres que motiva
Co' a lisonja sonora o Throno assalta.
Não foi assim que Alceo, soltando as vozes,
Fez retumbar de Lesbos as florestas,
Nem que o doce Arião calmava os mares.
Luz celeste, que os Deoses communicam!
Estro divino! desce, arde em meu peito;
Toma a forma dos raios fulminantes
Com que Apollo vingava os grandes crimes.
Toma o teu livro, candido Philotas,
Que habituado ao bem o mal ignoras;
Lê, medita, repara quaes symptomas
De extrema corrupção todo respira;
Como as orlas fataes de um precipicio
Enramalheta com cheirosas flores.
Excessos no louvor são quasi insultos
De que se offende um coração modesto;
E quem transtorna a marcha das idéas
Para louvar sem freio um Rei mancebo,

A cicuta lhe off'rece em vasos d'oiro.
Não é (mente o Poeta) o louro steril; (1)
É symbolo da gloria que o Rei busca:
Não são quimeras carros de triumpho,
Vencidos Reis, e Povos destroçados;
Estes males são grandes, mas dos males
Menor mal é vencer que ser vencido.
Querem os Povos paz, mas paz decente, (2)
Que é fructo de virtudes vigorosas;
O Principe qual é, não qual o pinta
A servil phantasia do Poeta;
Querem ver o que vem, que antes da aurora,
Attento aos arsenaes, cortando o Tejo,
Despreza o frio, e as iras Neptuninas; (3)
Junto ás cohortes bellicas anima
O valor, a destreza, a honra, a gloria;
Querem-no ver attento, investigando
O incognito caminho da verdade;
Justo, intrepido, firme, compassivo,
Qual Marco Aurelio foi, e os Ceos o deram.
Tudo disse o Poeta, menos isto;
Errou, desafinou, e fez maos versos:
A lyra estranha, quando adula os homens.
A Poesia boa é como o fluido
Que a tua mão perita desenvolve (4)
Da planta em clara lympha mergulhada,
Na presença da luz, quando o Sol brilha;

(1) O auctor do poema assumpto desta critica condemnava os preparativos que então se faziam em Portugal contra a França.

(2) Aconselhava a paz.

(3) Nesta epocha S. A. R. visitava as esquadras, e assistia aos exercicios maritimos e militares.

(4) Allude-se a uma operação com que se extrahe o oxigenio das plantas.

(Notas da auctora).

Oxigenio que a vida nos realça,
Balsamico elixir com que a virtude
S'envigora, e reluz em nossas almas.
Se qual Erinys seva, o Sol despreza,
E do baço luar procura influxos;
Se o sangue de licranços, de serpentes,
Do teixo a folha, as aguas solfatarias
Tempera ousada, com sinistro intento,
Para compor seus filtros venenosos;
Digo então que o Poeta não conhece
As veredas do Pindo deleitosas:
Por suspeito o dou logo ás castas Musas,
E o *Plaudite*, que espera, não concedo.
Eu jámais contarei como Poetas
Os que forem buscar ficções aos charcos,
Ás lobregas moradas onde a Inveja
Traições medita, e as sedições fomenta. (1)
A Epopéa tem leis, que Apollo mesmo
Gravou co' a propria mão em taboas d'oiro:
Homero as trasladou, e fielmente
A Grecia em córos as redisse ao Lacio.
Os bosques, as campinas, o Eridano
Applaudiram Virgilio: o Tejo, o Tames
Depozeram tambem as verdes algas,
E do louro virente se adornaram.
Deve haver uma acção que seja heroica,
De que resulte maxima sublime.
Tu já leste Aristoteles, Horacio,
Leste Boileau, Scaligero, e mil outros:
Dize, qual dos Lycurgos do Parnaso

(1) Axiomas e imagens em que achei tendencia para as opiniões revolucionarias.

(Idem).

Acharia proeza o ter nascido?
Nasce qualquer, ninguem se gaba disso.
Os Reis, pelas phalanges defendidos,
E cobertos de purpura e diamantes,
Sem pedagogo sabem bellamente
Que tem principio e fim como os mais homens.
A invocação é frouxa e lisongeira,
A exposição, incerta, e me parece
Esse intrincado e vasto labyrintho
De que um Theseo apenas se livrara.
Depois, qual nao sem leme, abandonada
Aos bravos mares, batem-na mil ondas;
Sem piloto, sem bussola, ora toma
O rumo errado que lhe aponta a França,
Ora no abysmo horrisono se immerge.
A convulsiva Musa, delirando,
Julga Genios os monstros e phantasmas
Que enferma a phantasia lhe debuxa.
Descreve-me uma Inveja furibunda
Que aos impavidos póde metter medo,
E não ha para quê. Com feios berros
Uma Discordia velha, mola usada,
Que desempenha qualquer vate afflicto.
O Grego Cysne, pae das ficções bellas,
Se crê; mas crê-me tu, eu só lhe sinto
A linguagem dos delphicos prophetas,
Ou de um que sae da gruta de Trifonio,
Não sei bem se é Poeta, ou energumeno.
Se falla dos Heroes, o estilo eleva,
Resplandece co' as luzes da verdade,
E o clarão Apollineo o vai guiando
Pelas ladeiras ingremes da Gloria.
Eis que escorrega, timido vacilla,

Cala o grande segredo, memorando
Que ao Principe occultar ninguem devia:
== Pacheco ignoto, preso, pobre, afflicto,
== Lutou co' a morte só, que as testemunhas
== As tinha a ingratidão afugentado:
E nos mares que o viram triumphante,
Dos quaes foi o terror, o assombro, o espanto,
== Sem premio, sem fortuna, e sem thesouros,
== Acabou Albuquerque injuriado.
A maior das acções é morrer firme:
Assim morreo tão bem... mas os vindouros
Dirão mais altamente o que eu não digo.
O quarto canto é lindo; mas que importa?
D'uma estatua infeliz Flacco applaudia
A perfeição das unhas, dos cabellos,
Quando o harmonico todo lhe negava.
Canta o Principe, e canta a Gloria Lusa:
Busco o primeiro, e em dois cançados versos
O alcanço apenas quando a solfa acaba:
A Gloria Lusa busco, mas tardia
Só me apparece, quando eu já cançada
De andar á sirga pelo mar de Creta, (1)
Salto de Chypre ao Sol, e não sei donde
(Que o Poeta confuso nada explica)
Avisto os atrios de um pomposo Templo.
Se a descriptiva frase mais afoita
Deixasse andar os resolutos verbos,
Se qual menino timido não fosse
O substantivo sempre apadrinhado

(1) No quarto canto, bem que de um modo extravagante, o Poeta faz menção dos Heroes Portuguezes, e não obstante a irregularidade do caminho que leva, não deixa de ter merecimento.

(Idem).

De um rancido epitheto já sabido,
Nada notara neste canto lindo.
Quem não conhece as *horas fugitivas?*
E os dias, se são novos, por *ligeiros?*
É que *ligeiros* quadra mal com *dias;*
Dias *rapidos* ha, dias *velozes*,
Quaes os meus, *dias tristes:* temos visto
Que os epithetos proprios dão mais força;
Mas os improprios o discurso arrastram.
Paro aqui; doutrinar é triste officio.
E tu perguntarás quem me àuthorisa
A legislar na patria os dons de Phebo?
Se me comprime a testa a c'roa d'hera?
Se as lições recebi do gosto puro?
Se eu sou quem pede Apollo e as Musas honram?
Eu não sei bem qual sou; mas sinto n'alma
Uma chamma, um ardor que me arrebata,
Se um sacrilego audaz a lyra empunha:
A meus olhos a tripode vacilla,
Descora Apollo; os louros do Parnaso
A folha perdem, Hyppocrene sécca,
Morrem os Cysnes, calam-se as Camenas.

EPISTOLA

Em resposta ao Conde da Ega, Ayres de Saldanha.

Almeirim 1800.

ENGANAS-TE; não posso *tanto, tanto*
Quanto esperas de mim, quanto me pedes;
Mais vida, mais vigor tem estas plantas,
Os arbustos que crescem nestes prados.
Vegeto as mais das horas; se me acorda
Deste triste lethargo algum assumpto,
Ou vem rompendo nuvens de cuidados
Em que envolta me traz a sorte austera,
Ou, qual trovão que vibra a mão de Jove,
De mil sustos me assombra o fraco peito.
Da vida a brevidade nos prohibe
Entablar esperanças dilatadas;
A Parca é surda ao nosso humilde rogo,
E já de um sopro seu envenenado
Me apagou de uma vez todo o Universo.
Eis-aqui como afflicta, e sepultada
Nos abysmos do puro sentimento,
Me separo da classe dos viventes:
Mas então radiante a razão surge,
E ao clarão de seus raios luminosos
Vou distinguindo os erros da tristeza,
E aprendo philosophicos preceitos,
Que mansa a paciencia me decora.
Fortificada assim, os olhos lanço
Sobre o painel da creação tão vasto:
Nos meus ermos co' a mente os Ceos abranjo,
Da Natureza estudo os tres dominios,

E em quanto desenvolve a Primavera
A força vegetal, que os campos veste,
Faço dormir a dor, calo as saudades.
  Flora, por deleitar-se, um dia claro
Desceo do Olympo á terra, e destramente
Classificou as plantas variadas;
E em premio da razão indagadora
Revelou a Linneo grandes mysterios.
  Flora mesma tambem me vai guiando,
E sem sequito, mais que alguns perfumes,
Os ventos brincadores, e o socego,
Me communica as leis simples, sublimes,
Com que a familia rege e desenvolve
Das lindas liliaceas que hoje apontam.
  Cedo virão do Tlaspe argenteo as flores
Distinguir nas cruciferas as raças;
Virão os goivos perfumar os ventos;
De floreas borboletas brevemente
Se hade a terra cobrir, hade enfeitar-se.
  Vês tu na Corte um tronco mui frondoso,
Cujos ramos ou tribus nos recordam
Da antiga lei as bençãos tão famosas?
Eu tambem, cá no campo, tambem vejo
O Geranio cheiroso, que sem fausto
Cento e tantas especies me apresenta.
  Nunca um só individuo desta prole
Teve cargos nem postos que agitassem
As pacificas leis das outras plantas.
  Que modelos não tem a Natureza,
Que brilhando no objecto inanimado,
Envergonham a especie intelligente!
  Repara na Umbellifera vistosa;
Dos pedunculos desta saem raios,

Destes raios os filhos todos pendem;
O mesmo succo a todos vivifica,
Todos a um tempo os raios do Sol gostam,
Vivem juntos, e todos juntos morrem.
  Ai de nós! quão diversa é nossa sorte!
Que divisões, que lutas, e que estragos
Semêam as paixões entre os humanos!
  Se no seio das ondas empoladas,
Nos mares da politica, entre escôlhos
Passas teus dias, praza a Deos que possas
Aportar felizmente nestas praias;
Sincera gratidão aqui te espera,
E um lugar consagrado a ingenhos claros.
  Nem porticos marmoreos, nem columnas
Que cinzelasse em Paros mão perita,
Has de achar neste sitio: altos pinheiros
Formam de espessa rama o nosso tecto,
E graminea alcatifa nos off'rece
Para pensar lugar accommodado.
  Uma fonte serena ali murmura,
E mil vezes afoita a phantasia
Cuida ouvir revolver-se dentro d'agua
A Nayade gentil que lhe preside.
  Se agita o vento as cannas buliçosas, (1)
Se da serra um rochedo assusta a vista,
Mythologicos sonhos me recordam
Ora aquella que a dor petrificara,
Ora a Nympha medrosa e fugitiva
Que o pudor converteu em verde junco.
  Com palavras e idéas todo o globo
Corre depressa aquelle que conversa.

(1) Allusão a Val de Nabaes, sito não longe da serra d'Almeirim.

Quando se esconde o Sol, e a noite ostenta
D'entre sombras milhões d'astros luzentes,
Para entreter as filhas com proveito
Vou revolver então montes de idades.
Vinte seculos voam, quando apenas
Vem surgindo das trevas rutilante
O Pae dos Crentes, cujos passos guia
Deos mesmo para a terra onde o estab'lece.
Então de lá do Egypto o Rei primeiro
Vem pôr da gloria grega os alicerces:
Vem Cecrops depois fundar Athenas;
Athenas!... este nome as scenas abre
D'heroismo, valor, artes, e ingenho.
Italia, que hoje assusta mão terrivel
De um Guerreiro (1) rebelde e temerario,
Dormia então de fabulas coberta,
Nem raiava o crepusculo dos dias
Que illustrou Scipião, Fabricio, e Cesar.
Com os mappas na mão, aventurando
A memoria, lhes digo: Aqui foi Troya;
Se a coalisão moderna acaso fosse
A fatal coalisão da argiva gente,
Talvez como os de Pergamo, infelizes,
Os muros de París já vacillassem;
Mas supprimo as palavras neste assumpto,
E um grilhão ponho até no pensamento.
Distrae-me a vista ali no mar visinho
Lesbos, patria d'Alceo, d'Erinna, e Sapho;
Vem as magicas artes lançar fora
O tedio das lições, do estudo austero;
Ora a voz, ora a mão industriosa,

(1) Buonaparte.

Copiando modelos mais amenos,
Dão alma aos sons, e vida á tela e cores.
Vem pensar como nós, vem por um pouco
Ver triumphar as Aguias nestes ares,
Em quanto sobre o Adige infelizmente
As insulta esse Corsega inhumano.

EPISTOLA

A ELMANO (1)

Em resposta á dedicatoria das suas obras.

Londres.

DESGOSTOSA de um mundo espedaçado,
Vagando c'o ligeiro pensamento
Nos serros que o Peneo banha e fecunda,
Fui buscar uma gruta accommodada
Para entregar a Phebo a mente e as penas.
  Aqui, disse, amansou o Thracio Vate
Com meigos sons as feras e os penedos;
D'aqui partio a demandar a esposa,
E quebrantou do Averno as bronzeas portas.
  Ali se elevam dois montes soberbos
Que avistam Phebo apenas deixa Thetis.
Entre os dois alicerces dos Gigantes
(Modelo horrivel dos Antheos d'agora)
Repousa o Valle aonde as Musas brincam.
  Ao norte surge o monte sacro-santo
Donde dimana a luz aos genios altos...
Oh quimerica Tempe, a ti me acolho,
Se não c'os membros, co' a alma fatigada;
Nos teus bosques frondosos articulam
As folhas, que menêa o vento leve,
Harmonico susurro, o metro nasce
Do compassado som que nos recrêa.

(1) Manoel Maria Barbosa du Bocage. A dedicatoria acha-se no 3.º tomo das suas obras.

Torrente argentea entorna o fresco Eurotas,
Que altivo não mistura de outras aguas;
Altêa os hombros mesmo o Pae de Daphne,
E respeitoso os seus cristaes transporta.
Assim tambem me arrojo na desgraça;
Eu vou sósinha entre a corrente escura
Que a todos leva, aonde? Ah! não sei onde...
Elmano! Com teu canto, oiro d'Apollo,
Magico dom das Musas, me ergues templo,
Que em vão Sansoneas mãos arrazar querem.
Vem, junto ás fontes da Thessalia illustre,
Cantar aonde eu busco algum conforto;
Brinda as Cantoras que estes sitios honram
Com teus versos de fogo, com teus versos
Em que renasce Ovidio, e que sossobram
Nos lares immortaes o Mantuano.
Alcipe, dirás tu, *Alcipe a Vate*
Fiz com meus hymnos Deosa, e com meus hymnos
Lhe afianço sem susto a eternidade.
Elmano, jura Alcipe, vence o tempo,
Vence as serpes da inveja, e transformado
Em Cysne voador, qual outro Flacco,
Tem por Mecenas o seu proprio ingenho,
Por juizes os Numens e a Verdade. (1)

(1) Quando chegou esta epistola a Lisboa, já Elmano tinha morrido.
(Nota da auctora).

EPISTOLA

A G***

Resposta ao Poema sobre a origem dos Açores.

Em Inglaterra.

SALVE, oh lyra deleitosa,
Salve, oh Vate Lusitano,
Anonymo que passêas
Sobre as forjas de Vulcano.

Goza em paz desses aromas
Que espalham as Paphias rosas,
E á gentil Cloris dedica
Tuas canções sonorosas.

Mas sabe que aonde mora
Um cysne já moribundo
Veio teu canto embargar-lhe
A saída deste mundo.

Apollo que n'outro tempo
Me revelou mil segredos,
Scintillava nos teus versos,
E tornou-me aos dias ledos.

Vi, como tu, a Fortuna
Sobre a roda baqueando,
E tambem zombando della
Fui meus versos entoando.

Tinha-lhe feito um aceno
De que a cruel se sentio;
Fantastica, quer escravos,
Vio-me soberba, fugio.

Ao mago clarão dos versos
Vulcano vi forcejando,
Por cumprir o gosto a Venus
As ilhas desconjuntando:

Manda aos Brontes que do ferro
A essencia tenaz desatem;
A um tempo os braços levantam,
A um tempo os martellos batem.

A labareda das forjas
Reflecte nas faces brutas,
E dos golpes na bigorna
Gemem com estrondo as grutas.

As armas adamascadas
Que das mãos destras saíam
Fiaram d'Eneas glorias
Que a Turno mais competiam.

Ha muito que amor da gloria,
Zelo, lealdade pura,
Tem para corações nobres
Maior calor que ventura.

Bastardos restos da Phrygia
Obtem dos Deoses favor,
Armas, applausos deixando
Inutil, natal valor.

Vio o Tibre ensanguentada
Por isto a praia latina,
As mesmas paixões causaram
D'outras praias a ruina.

Foram vãs as hecatombas
Que a Jove os Gregos fizeram,
Nos ares preces e votos
Os ventos desvaneceram.

Perfidas mãos destruiram
O chefe d'Argiva gente;
Para os animos cobardes
Crime é ser nobre e valente.

Tão miserandos successos
Da memoria são tormento,
Por mais que a razão s'esforce,
E que invoque o esquecimento.

EPISTOLA

A P. C. P. (1).

Em 1815.

Tu mea plectra moves.
Antraque Musarum longo torpentia somno
Excutis, et placidos ducis in orbe choros.
Claudiano.

Mais facil me seria pôr o Pelion
Em cima dos gelados cimos do Ossa,
Que alcançar até onde a intriga chega;
Quanto eleva, derruba, quanto gasta.
  Não cuides, não, Pierio, que insensivel
Os teus versos suaves não escuto;
Oiço, percebo, gosto, porêm temo
Responder-te, receio que trasborde
A bilis que reprimo, e que afogara
Em torrentes amargas erros tantos.
  O meu fel não procede de outros erros,
Deo-mo a justiça, neutralisa-o força,
E se o mundo não fôra tão perverso,
Fôra do mundo excelsa medicina,
E com ella voltara a idade d'oiro.
Ah! tu porêm conheces como a Grecia
Com triste agoiro grava e representa
A esperança nutrindo uma quimera.
  O já devorador Saturno impede
Que o monstro nos illuda; nada espero:
O profanado Phebo hão de insultá-lo

(1) Pedro Caetano Pinto de Moraes Sarmento.

Os semi-sabios, presumidos nescios,
Hão de os casquilhos enterrar a lingua
Que Ferreira fallou, falla Filinto.
Mas taes males não são mais que symptomas
De outros maiores, pois Doutores bestas
Só nascem de fortuna e poder grande,
E de trevas, que a luz do ingenho apagam.
Pois que o mundo assim fica, que faremos?
Admirar, lastimar tão triste scena!...
Não posso atormentar-me com tal vista,
Prefiro uma caverna onde medite,
Onde a imaginação soltando as azas
Vá sem constrangimento encontrar Musas,
Orpheos, Terpandros, Linos, e mil outros
Que em divinos concertos ensinaram
A terra a ser feliz. Não me divertem
Histriões sem costumes, dramas oucos
Que no Theatro as almas envenenam.
Oiço co' a idéa os sons melodiosos
Do amante de Eurydice; as duras rochas
Da terra circundante se despegam,
Atrahidas dos melicos accentos;
Do Hebro as ondas pasmam, e a carreira
Da rapida torrente se demora;
Curva o Rhodope a frente levantada,
O tigre a furia amansa, e alegre pasce
Entre animaes pacificos, cedendo
Ao prazer que diffunde o doce canto;
E em quanto estas imagens me rodêam
Nada invejo dos lyricos theatros.
De factos, que não teem analogia
Co' as tão lindas ficções da antiga Grecia,
Tiro ás vezes proveito, convertendo,

Como Homero fazia, tudo em oiro.
Analyso Escrivães, Juizes, e outros,
E cuido ver sair do escuro Averno
Com seu sequito audaz o Deos das Sombras:
Cuido entrever Plutão investigando
No subterraneo abysmo uma vereda
Por onde aos prados da Sicilia surja,
E roubar venha a bella Proserpina.
Já sobre o corpo d'Encelado marcham
Os fogosos ginetes com estrondo;
A sulfurosa costa rompe o carro,
Tudo é ruido, pó, trevas e fumo:
Os astros se obscurecem, treme a terra,
Os obstaculos, as rochas se desfazem;
Grita a filha de Ceres, e desmaia:
Nada importa, Plutão empolga a preza...
  Tens percebido?... Pois contempla agora
Uma alma sem remorso, uma alma simples,
Na qual a gratidão domina sempre,
E que estes toscos versos te dedica.

EPISTOLA

Ao Principe D. Pedro.

Em 1815.

Se te deleita o plectro harmonioso,
Se as Musas amas, Principe sublime,
D'ellas affasta a catadura horrivel
Com que a etiqueta, qual feroz Medusa,
Os genios petrifica; e não te peje
Seguir nos valles Phebo, quando humilde
Apascenta do antigo Admeto os gados.
Se posso, a ti consagro quanto ardendo
Em patrio amor escrevo, quanto a lyra
(Que humedeço com pranto os mais dos dias)
Entoa, por vencer acerbos fados
Que malogram serviços e talento.
Vou, por entre borrascas, vou cantando
Teu nome divinal, vou no futuro
Divisando milagres d'harmonia,
Com que no berço as Musas te embalaram;
Vejo as artes e o ingenho refulgirem;
Vejo em serie lustrosa vir raiando
D'entre o negrume de impostoras nuvens
O Vate, o Heroe, que fraude atroz sumia,
Qu' ía apagando o tempo malfadado,
Sem respeito ao que traz d'antiga stirpe
Illesa fé, valor, brio immutavel.
Só é dado ao Sabêr tirar das trevas
A verdade que embaçam feros erros:
Só é dado ao Sabêr saltar barreiras
Que oppõe Sophisma a rectos axiomas;

Fazer sair o certo d'entre as sombras
Em que o some fatal paralogismo.
Nos cofres de Mnemosine encerradas
Moram priscas virtudes, que algum dia
Incorrupta razão hade off'recer-te
Para a gloria sem par de restaurá-las.
A ti destina o Ceo esta ventura:
Serás tu, refulgente de virtudes,
Quem a Patria languente resuscite,
Quem se apresente ao Pae ausente e pio,
E lhe diga = « Senhor, olha o que fazes!
« Dos thesouros que tinhas pouco resta;
« Salva quanto do estrago remanesce. »
Passei co' a mente os ambitos da terra;
Transgredindo dos astros as balizas,
Muito alêm dos confins dos Ceos levada
Fui nas azas do puro sentimento,
Que da fraca razão o vôo excede.
Vi pesar na balança omnipotente
Dos homens a equidade e seus juizos:
Não como o vulgar vê, vi os successos
Bem como os via o Sêr omnividente;
E por mais que os mephyticos vapores
Da terra se exhalassem, puras, santas
As intenções de victimas sublimes
Offuscar ante Deos nunca alcançaram.
No altar d'ouro as angelicas essencias
Punham cofres de rutilos diamantes,
Onde o mais puro incenso recolhiam.
Não era o terreo incenso da Panchaia,
Nem perfumes d'Assyria, eram virtudes:
Viam-se ali aquellas que sem premio
O Ceo tiveram só por testemunha,

(Sendo os fracos humanos incapazes
De attribuir-lhe o preço que Deos fixa;)
As que a terra illudida transmutara
(Para fartar cobiça) em erro, ou crime.
Via-se o pranto de chorosas Virgens
Cair nas mãos do immenso Sêr piedoso,
Em perolas celestes convertido.
Os inuteis gemidos das Viuvas
Reflectiam no Ceo, quando na terra,
Contra a lei, com furor se desprezavam.
Em fim, lá vi, Senhor, quanto rejeita
A superflua justiça dos humanos,
Que profana teu nome, sem que o saibas.
Remontei-me ao mais alto, os Ceos se abriram;
Rasgou-se um véo; luzio com vigor novo
Luminoso clarão, que reflectia
Na pura consciencia de um Rei justo.
O Auxilio renasceo e a Confiança,
E no eterno arsenal gemendo entraram
Os coriscos que arrazam a innocencia:
Os vituperios no ar se dissiparam;
Fugio a fraude, afflicta, envergonhada;
E gaguejando, a incuria decisiva
Foi praguejar no abysmo sem proveito;
Buscando em vão o desprezivel manto
Da hypocrisia e falso amor da Patria,
Que em sangue tantas vezes ensopara.
Veremos pois, Senhor, raiar os dias
Que Sibyllica voz fizera eternos,
Se o lycio grasno, em tempos desditosos,
Como oraculos vãos não supprimira.
Bem como, em justa proporção, nos quadros
Escultou com primor os casos Phidias

Que á Grecia tanta gloria recordavam;
Na mente augusta imagens se relevam
Que excitam n'alma movimentos gratos:
A natureza inteira lhe recorda
Quanto frustrou malicia, e zelo falso,
Quanto heroico soffrêr calado espera.
Voltam-lhe á mente os seculos passados:
O Conde augusto vingador das Damas,
A bella Elvira, adorno da Navarra,
E essa que o nome e o lustre ao Sol colhia.
Não mais bellas, mais nobres e innocentes
Foram do Cid as filhas, nem aquelle
Pela patria fez mais, que os que levaram
'Té ás portas d'Aurora a gloria Lusa.
Já do preclaro Avô o exemplo o punge,
E a neta de Pelaio (1) injuriada
A seus olhos parece horrido eclipse
Que resente affrontada a Natureza.
A par de um cadafalso que elevara
A mentira, a perfidia, vê cem thronos
Que tributarios lhe renderam esses
Cujo sangue e fadigas não tiveram
Premio igual aos exemplos que deixaram;
E que sem desmentir-se os seus seguiram.
Nas paginas da historia fita os olhos,
E todo o interno senso se lhe abala:
Percebe que a suspeita, monstro horrivel,
Recaío sobre os homens que achariam
Poucas mil vidas, quando mil tivessem,
Para salvar-lhe a sua, e os patrios lares.

(1) Juliana.

(Nota da auctora).

Mil lustrosos argueiros apercebe
Que pertendem supprir tão grandes astros;
Mas da Verdade o rutilante aspecto
Dissipa o nevoeiro que esses formam.
Vê as cousas quaes são, e accelerado
Busca os balsamos puros com que salvam
Os Reinantes feridas dolorosas;
Com que apagam meteoros pestilentes
Que infestam, sem proveito, a atmosphera.
Que privilegio, oh Principe! que gloria!
Quem pode, senão Deos ou quem o imita,
Restaurar existencias, romper trevas,
Que affrontando a innocencia, a sepultavam?
Gravou nos corações o quinto Affonso
Um padrão que é modelo d'equidade,
E ao patrio chão deu vida, destruindo
A proscripção fatal que injuriara
A incorruptivel fé dos Portuguezes;
Portuguezes!... que á polvora assemelham,
Os quaes sempre a favor da Monarchia
Fazem grande explosão, com tenue massa.
Não lhes vem o valor de estranho mestre,
Vem de stirpes, memorias, brio innato;
Na lembrança lhes vive o antigo Affonso
Cuja lança potente a terra deita
O gigantesco Rei de Silves, morto;
Omar cahe a seus pés, Ismar recua,
E o mauro povo em toda a parte cede.
Não lhe faltava gente forte em torno,
Os Fafes Luz, os Mendes, os Gutterres,
Os Mellos, que tambem eram Almeidas;
Os Pereiras, Dom Fuas, nesta lide
Com seu Rei competiram nas proezas.

Como um fogo voraz foi caminhando
A gloria Portugueza, e a cada passo
Se tomava ou vencia uma cidade,
E assim o immortal Reino se fundava.
Uma serie de Reis, todos valentes,
Uma serie de Heroes, todos vassallos,
Consolidou com gloria o Solio Luso.
Tudo é brilhante, heroico, magestoso
Nos cavalheiros seculos passados.
A politica lugubre e solipsica,
Dos ministros de então desconhecida,
Reservou para nossos baços dias
As intrincadas formas que a revestem.
Proclama-se um torneio, são chamados
Ao som de trompa nobres cavalheiros:
Concorrem d'Inglaterra, França, Hespanha,
Os mais destros e audazes, mais distinctos,
E entre enigmas, divisas, galanteios,
Se disfarça o projecto glorioso
Que Ceuta sujeitou ás Lusas quinas.
Luta D. Pedro, luta o sabio Henrique:
São pela regia mão do Pae ditoso,
Em premio de fadigas gloriosas,
Na maura praia, armados cavalleiros.

EPISTOLA

A JONIO.

Imitada da 1.ª Epistola do livro 1.º d'Horacio.

TU, que da Musa minha adolescente
Os numeros singelos escutaste,
Como as canções, sem graça, derradeiras,
Queres que entoe nova cantilena?
No jogo antigo queres enredar-me?...
De applausos cavilosos vou cançando;
De taes esforços sinto-me liberta.
Discreto Jonio, não intentes tanto;
Nem sempre a idade e a mente são as mesmas.
Deixou Vejanio (1) as armas penduradas
No templo d'Horus, e vivia occulto
No seu casal, a fim de recusar-se
Depois de vencedor a ser vencido,
E supplicar refugio indecoroso
No infimo lugar da infausta arêa.
Tenho quem sem disfarce a meus ouvidos
Retinir faça claramente as cousas:
Ponho de parte agora versos, cantos,
E quanto alegra a juvenil caterva;
Da virtude e razão sómente cuido,
Sómente isto appeteço; entregue toda

(1) *Vejanio*, gladiador celebre. O gladiador vencido, e prestes a receber o golpe mortal, pedia a vida ao povo, que lha concedia quando elle tinha combatido lealmente. Vejanio era valente, mas as forças começavam a faltar-lhe, e era este o caso da indulgencia.

Á seria reflexão, mais nada estudo:
Só construo e componho o que sem risco
Produzir posso a salvo e sem censores.
  Não me perguntes qual escola sigo,
Em que lares me abrigo: não sou dessas
Que a jurar me restrinja pelo mestre.
Onde a razão me leva, afoita corro,
Ou me hospede a ventura ou fado adverso;
Acudo onde a verdade me esclarece:
Agil prosigo ás vezes na vereda
Onde brotam as mais viçosas flores,
Ou sou por ondas bravas açoitada;
Da virtude custodia e da verdade,
Sou dellas defensora a todo o custo.
  Os commodos preceitos d'Aristippo
Tambem ponho de parte sem violencia:
Eu cuido em subjugar a mim as cousas,
E em nunca ser por ellas subjugada.
  Quanto a tardança enfada a quem espera!
Como os dias parecem tediosos
Aos jornaleiros! o anno preguiçoso
Ao pupillo que opprime inda tutela!...
Para mim assim tardo vai correndo
O tempo ingrato que a esperança alonga.
  Pois basta d'illusões, e me contente
O que aos pobres é util como aos ricos,
Aos moços util sempre como aos velhos,
E mui nocivo a todos se lhe esquece:
Convem pois que a razão no-lo recorde.
  Resta-me em fim reger-me com acerto,
Fazer destes principios meu thesouro.
Quem não tem como lynce a vista aguda
Usa de algum collyrio, os olhos unge,

E quanto póde vê; vejo o que posso,
Confortada co' as maximas que sigo:
Ellas de seita empirica me affastam,
E as faculdades d'alma me dilatam.
Se de Glycon, o gladiador, não tenho
Os membros ageis, fortes, não é justo
Que despreze os remedios que me livram
Da nodosa podagra que entorpece
Os movimentos: posso andar ao menos,
Se não me é dado progredir mui longe.
Se avareza ou cubiça me ardem n'alma,
E me atormenta seu ardor insano,
Palavras ha, razões brandas que adoçam
A dor que afflige, e diminuem parte.
Expiações saudaveis ha que saram
Os enfermos de vicios; algum livro
Que tres e quatro vezes me repita
Quanto é futil a gloria momentanea.
Não ha paixão feroz que não reprima
Saudavel reflexão: odio, vingança,
Colera, amor, inveja, modifica,
Anulla, quasi sempre, sã doutrina,
Quando docil ouvido lhe prestamos.
A virtude é saber fugir do vicio:
Carecer de 'stulticia é ser cordato:
Nisso consiste a summa sapiencia.
Com que trabalho, e até risco de vida,
Fugimos de quimeras que julgamos,
Sem raciocinio, serem mal supremo!...
Da falta de dinheiro, e da vergonha
De soffrer que o recusem se o pedirmos!
Deste apparente mal outros se seguem
Que empenham nossas vidas. Quantas vezes

O mercador solicito se arroja
Pelo agastado mar até ás Indias,
Fugindo da pobreza? Outros affrontam
Incendios, precipicios, serranias,
Loucamente admirando e desejando,
Só porque entendem pouco, cousas ôcas?
Nestas loucos s'empenham, mas recusam
Ouvir, acreditar, aprender essas
Que valem muito mais, e ' alma lhe saram.
Qual soldado haverá que em sua aldêa,
Certo da palma olympica, se ostente
Em seus humildes tectos laureado,
E despreze a ventura de c'roar-se
Nos jogos tão famosos, tão patentes,
Onde tantos applausos alcançara?
Muito mais se a esperança lhe promette
Conseguir facilmente nobre premio:
E que são esses premios? — fumo, vento.
A prata vale menos do que o oiro,
E o oiro muito menos que a virtude.
Oh Jonio, Jonio! a maxima perversa
Do mundo de hoje é dar a preferencia
Sobre tudo ao dinheiro. A praça grita...
Grita dinheiro, depois delle as honras:
Isto reclamam juvenis casquilhos,
Isto approvam os velhos desalmados,
Em usurarios calculos immersos.
Mas se acaso, exemplar em teus costumes
Tu fores, se discreto, se perfeito
Em palavra, em dictame, e ninguem tenha
Que notar, has de ser desconhecido
D'infima plebe, pobre, mas qu' importa?
Hão de acclamar-te Rei os d'alma regia,

Os candidos, os justos coroar-te.
Os nossos dias são como os de Roma:
Em faltando os sextercios necessarios (1),
Ou seja ou não de Scipia raça, um homem
Não será cavalheiro... Forte peça!
Se tem a consciencia sem remorsos,
Se qual muro de bronze a probidade
O defende dos sustos vergonhosos
Com que os culpados tantas vezes coram,
Por mais que em faxas d'oiro andem pensados.
Dize pois qual preferes: a Lei Roscia,
Ou o simples remate das cantigas
Que na rua as crianças já cantavam,
Quando tinha a virtude justo preço,
Quando Curio e Camillo respiravam?
==Faz bem tudo o que faz==Que mais desejas,
Se fallando de ti assim disserem?
Uns te dirão talvez: «Enthesaurisa,
«Se por licitos meios isso pódes,
«Se não, como puderes, e é preciso
«Para andar com mais pompa, com mais fausto,
«Ter camarote fixo, ir dar sentenças
«Sobre Dramas insulsos, Elogios
«Cincoenta e duas vezes praguejados (2).»
—Outros te exhortarão a viver livre,
Subjugando os caprichos da Fortuna
Á tua independencia: —qual escolhes?...
Qual destes dois avisos mais estimas?...

(1) Quatrocentos mil sextercios era a somma necessaria para ser cavalleiro, em virtude da lei de Roscio Othon, chamada lei Roscia do nome de seu auctor.

(2) O Padre José Agostinho de Macedo todas as semanas no seu jornal chamado —O Espectador— lança uma excommunhão litteraria sobre as obras de um certo Pato Moniz, auctor dos Elogios.

(Nota da auctora).

Se essa gente com quem vivo, e que encontro
Nos jardins, nos passeios, na assembléa,
Me pergunta porquê tanto diffiro
Em idéas e gostos dos seus delles,
Lhe direi o que diz acautelada
A raposa ao leão que jaz enfermo:
== Observo, e com temor, que á tua gruta
== Todos quantos vestigios ha de passos
== Lá vão parar, e nenhum ha de que voltem ==.
Muitas cabeças tem hoje esta fera
Que chamam Sociedade: entre nós outros
Qual nos deve guiar? qual seguiremos?
Uns trepam co' a ambição altos empregos;
Nem todos podem: outros laços tendem
Á inexperta avareza; arras, heranças
De viuvas e velhos, tudo enredam,
E na espraiada rede astutos pescam.
E quantos pela usura se enriquecem!
Quantos mais co' a lisonja e co' a vaidade
Dão comsigo no escolho que recêam!
Os prazeres affagam, tedio os mina;
Mudam de gosto quando o gosto fartam;
Limites ao deleite em tudo encontram,
Quanto mais se aboboram na materia.
Solta-te, oh Jonio, das cadêas ferreas
Com que a futeis delicias te aferrolhas:
Avalia a tua alma, Kant estuda;
Serás livre, ditoso, serás sabio,
Avistarás a extensa eternidade:
Com desprezo as sensiveis metas vendo,
Remontarás teu vôo 'té onde chega
O immortal sêr que dentro em nós reside,
E o terreo volvedoiro despir deve.

EPISTOLA

A Godefredo (1).

Como sopra do Oeste rijo o vento!
Que susurro medonho as folhas fazem
Entre a floresta que reveste o monte!...
Como retrata o rio a nuvem negra
Que vem descendo, prenhe de borrascas!...
  Porêm... verdeja o chão... e o Sol brilhante
Por uma fresta d'entre a nuvem rompe...
Já não desfolha as flores fero o vento,
Nem na floresta o rijo tronco estala.
  Eis, Godefredo, a imagem que me antoja
O furor com que assaltas as doutrinas
Que á mente humana mil thesouros trazem;
As doutrinas que o denso veo levantam
Da Natureza, e o bello quadro mostram
Dos portentos que a mão divina ostenta.
  Has de applacar-te; o Sol virá raiando,
Quaes flores brotarão tuas idéas;
Quebrará teu ingenho essa barreira
Que vence quem medita, e aos distrahidos
Empece entrar no templo da Verdade.
  Dizes bem, se contemplas necessario
Saber guiar primeiro o raciocinio,
Para observar depois os reinos varios
Que nos presenta a vasta Natureza.
Mas se entendes que andar investigando

(1) O Conde de Sabugal, D. Manoel Mascarenhas.

A apparencia dos Sêres, que phenomenos
Da reciproca acção delles resultam,
É fugir da verdade, muito erras:
Os olhos tapas, sopras sobre as luzes
Que esclarecem o templo magestoso
No qual o Creador se manifesta.
Cercado da mudez dos Sêres, julgas
Que só tem dimensões, côr, e figura?
E nestas propriedades não descobres
Cousa que te interesse o entendimento:
Mas quando esta apparencia importa menos,
E meditando, o sabio vai mais longe,
Mil prodigios então lhe patentêam
Os immensos phenomenos que o cercam.
Põe-no em contacto um ramo co' a riqueza
Do reino vegetal; um vaso d'agua,
Uma pedra, um cristal, a mesma terra
Sobre que move os pés, vastos thesouros
Nos mineraes dominios lhe revelam.
Nunca estou só; as aves, os insectos,
Os animaes domesticos, os bravos,
Eu mesma, bem que a mim enigma seja,
D'ignorar-me a mim mesma envergonhada,
Um curioso ardor deve excitar-me
A buscar, a indagar qual sou, e os outros.
Sujeita a precisões innumeraveis,
Dos entes, que me cercam, dependente,
Obriga-me a razão a analysá-los;
Que phenomenos gera esta analyse!
Que soccorro e delicia então procede
Das descobertas que fazemos novas!
Não fui eu quem no tempo em que apontava
Sobre teu rosto uma ligeira felpa,

Quem verteo na tua alma o amor das letras?
Quem tuas idéas juvenis, sensatas,
Aos templos de Minerva dirigia?
   Separou-te de mim um triste fado;
Outro influxo, outras forças te lançaram,
Por furacão horrivel, nesse golfo
Onde tudo foi morte, gloria, e horrores.
Se boiavas acima destas ondas,
N'outro abysmo, ferinas, te arrojaram;
Entre homens, ao prazer dados e ao somno,
Que como inutil peso a alma avaliam.
   Tem esta especie uma paixão damnada
Que do louco Empirismo os enamora;
E com tanto que fallem, que dissertem,
Que uma lanterna magica nos mostrem
Co' a borla de Doutor, se ostentam sabios.
   Creou-te a Natureza para o seres:
Torna, torna a seguir-me; não receies
Que naturaes sciencias te desgarrem.
Verás como nas azas da Esperança
Me vão levando aos lares da Verdade,
A encontrar-me com Deos, co' a pura origem
Das virtudes que ao homem divinisam.
   Tanto o estudo esta idéa magnifica,
Quanto mais docil coração nos forma;
Tanto mais nos confirma necessaria
A lei que ao limitado sêr dirige;
Sem a qual fôra a vida uma contenda,
A morte um tenebroso cadafalso.
   Mas depois d'estudar a Natureza,
De sentir quanto d'alma as faculdades
Aspiram ao saber, nos convencemos
Que á maneira das plantas, neste mundo,

Plantados, cultivados os humanos,
Crescemos, como as outras plantas crescem;
Mas só da morte alem, na Eternidade,
A nossa florescencia se completa.
Despojados do opaco veo do corpo,
Sem prisões de sentidos illusorios,
Rodeados d'angelicas essencias,
Ante o Sêr infinito o amor nos leva,
E amor com Deos enlaça as almas bellas.
Tens da immortalidade penhor certo,
Se das terreas virtudes não discrepas.
Vamos pois reparar nas maravilhas,
Com que nos brinda o sabio Auctor dos Entes.
O que sem reflexão e serio estudo
Pelo mundo transita peregrino,
Como um rio, correndo e murmurando,
Vai-se perder no mar, donde não volta.
Não vás pois, Godefredo, desta sorte;
Nas abstracções da tua Onthologia,
Em quimericos sonhos não te envolvas:
Sêr por essencia é Deos; as mais essencias,
Em seu seio escondidas, são segredo
Que aos homens até 'gora não revela.
Contentem-te sómente propriedades;
Se á força de observar, descobres uma,
Has de hombrear c'os Newtons, c'os Descartes.
Contemplemos dos corpos a apparencia,
Sem mais cortejo que a razão por guia;
Nesses Reinos estranhos viajemos.
A apparencia dos sêres dos tres Reinos
É de sciencia um tronco de que brotam
Ramos diversos, cada qual trazendo
Por fructo outra Sciencia; uma descreve

Os sêres que tem vida e que povoam
As campinas, cidades, e desertos;
Os que habitam o mar, cortam os ares,
E quanto vive e sente sobre a Terra.
  Cortejada dos Zephyros e Flora
Apparece a Botanica; sem ella
Das plantas os mysterios se ignoraram;
E o vegetal poder, que adorna os campos,
Fôra quimera ou sonho inexcrutavel.
  Se largando a monótona cidade,
Pelos serros de Cintra passeando,
Os sonhos mythologicos trocasses
Em meditação séria, a mão te déra
A sã Geologia; observarias
A geral contextura deste globo;
A posição dos valles, das montanhas,
A formação das terras, dos rochedos,
Te iria engrandecendo os pensamentos:
Novo ardor curioso em ti crearam
Dos mineraes as faces regulares,
O arranjo das moleculas que as massas
Com tão grande artefacto constituem.
A Christalographia te encantára,
Déras mais preço aos vasos d'alabastro,
Ás columnas de marmore, aos diamantes
Com que orna o niveo collo *augusta Nympha.*
  Se laborar com marmores e jaspes,
Com diamantes, saphiras, esmeraldas;
Examinar metaes, betumes, terras,
Da Mineralogia abrir segredos,
Faz ganhar de Pedreiro o insulso nome,
Erradamente o vulgo o denomina.
Estes Pedreiros são de outro calibre,

Ante a face dos Ceos melhor trabalham;
Não tomaram lições d'Inigo Joones:
O Creador seus templos lhe edifica.
Quero desafogar, quero provar-te
Que os que tudo isto ignoram, são os impios,
São os rebeldes, são os mentecaptos,
Que, sem mais protector que o seu canhenho
Por que argumentam, cuidam que convencem.
A methodica logica da Escola
Não excede a que dá a Natureza:
Nesta está o prototypo das artes;
E além da meta onde a razão pára,
Nada mais nos ensina a Metaphysica.
Que 'speculações vãs, no nosso tempo,
Fizeram desvairar o ingenho humano!
Das abstracções nasceram as revoltas,
Nasceo da Metaphysica a impiedade.
Quando novos Titanos sobre a terra
Co' a toga philosophica se ornaram,
E empunhando systemas transcendentes,
Empregaram arietes, petardos,
E quanta artilheria forja a imprensa,
Para escalar os Ceos; o que fizeram?
Nutrir loucos, fazer chorar os Sabios;
Espalhar sobre o mundo mil flagellos,
Com que ha seis lustros geme a humanidade.
Que verdade nasceo que nos console?
Em França, no vulcão onde moraram,
Ninguem lê já seus livros. O dinheiro,
Avareza, é que arroja em nossas praias,
Pelas mãos dos livreiros, essa escoria
Que os libertinos farta, e os envenena.
A avidez de saber, que nos devora,

Com especulações puras se contenta
Na Physica e na Chymica. Na Optica,
Que theatro tão bello a luz presenta!
Pela visão e a luz os ceos galgamos,
Em relação nos pomos co' as Estrellas.
Que deleitosas sensações na terra
Esta visão e luz nos participa!
Um phenomeno só, sirva d'exemplo.
Se enlutados os ares, densa nuvem
Co' as aquosas moleculas da chuva
Quer imminente refrescar os campos,
E nellas vasa o Sol feixes de raios,
A reflexão e a refracção das luzes
Criam dois arcos bellos, cujas bases
Vão, de cores ornados, repousar-se
Nos dois termos oppostos do horizonte.
Não são de Iris as roupas matizadas,
Nem a estrada por onde os Numes descem;
São um meteoro lindo; outros meteoros,
D'igual belleza, a experiencia explica:
Factos é que revelam mil segredos,
Que embaçam a ignorancia, e acha prestigios.
Se os de bom senso, na cohorte imbecil
Vão alistar-se frouxos, e eccho fazem
Aos delirios dos nescios, brevemente
Os elementos confundidos todos
O mundo lançarão no antigo cahos.
Não quero, nesta epistola já longa,
C'um tratado de Physica enfadar-te;
Nem com tenues vislumbres de sciencia
Inculcar-me instruida do que apenas
Entrevejo, e em distancia me recrêa.
As portas de saphira o Ceo nos abre,

De lá nos manda um Genio luminoso (1),
Que traz nas mãos um facho que dissipa
As trevas em que a incuria nos trazia.
Tu és pois o primeiro a quem compete
O ser o introductor desta embaixada.
Mas se este Genio é nosso conterraneo,
Se tambem cá nasceo, se irmão é nosso,
Tu cavalheiro, genio egregio, heroico,
Avalia da Patria este ornamento:
Quando as serpes da inveja o atacarem,
Veste a cota de malha, põe-te em campo
Co' a espada que buio valor e brio,
E defende da Patria este luzeiro:
Toma o broquel, co' a face de Medusa
Faze que volte atraz cobarde a inveja:
Como o filho de Glauco, a Lysia salva
Intrepido, e no Pegaso montado
Fere a superstição, mata a Chymera.
Destroçados os erros, triumphante
A verdade, a razão purificada,
Do pensamento o vôo remontando,
Do coração as azas sem estorvo
Levam a alma, por entre extasis puros,
Arrebatada, unida ao Sêr dos Sêres,
A descançar na lucida morada.

(1) Este verso e os seguintes referem-se a Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque, cujas lições de Physica e Chymica a auctora se aprazia de frequentar.

EPISTOLA

Em resposta a F...

O soffrimento
Põe no cimo da roda as almas fortes,
Derruba as apoucadas.
Filinto.

QUERES que de amor te falle?
Fallarei; e por que não?
Os astros, os Ceos, a terra
Não tem outro coração.

Esse que Bion pintava
Armado d'aljava e settas,
Face córada, olhos vivos,
Foi invenção dos Poetas.

Mas o Amor que eu reconheço,
Origem do sentimento,
É quem dá a quanto existe
Força, graça, movimento.

Na primavera da vida,
Bem como nasce uma flor,
Brotou dentro de minha alma
Candido e lindo este amor.

Cresceo como cresce a planta
Que o mais doce aroma exhala;
Tudo nelle era celeste,
Aspecto, sorriso, falla.

Em seu semblante divino
Luzia a graça e vigor,
Não como paixão profana
Cheia d'impeto e furor;

Mas qual Deidade benigna
Que attrahe, consola, premêa,
E ao coração traz pegada
Dos mais sêres a cadêa.

De sentimento e ventura
Toda a terra revestia,
E quando se concentrava
Mais ditoso reluzia.

Em mim delle procederam
Tantas intenções sublimes,
Tantos colloquios co' as Musas,
E tão grande horror aos crimes:

Porêm estes, revoltosos,
Que amor tal não conheciam,
Invejaram sem piedade
O bem que não attingiam.

Quando me viram cercada
Das graças que Amor seguiam,
Quando os canticos das Musas
Aos meus canticos se uniam:

Quando a Natureza inteira
Meu estro audaz abraçava,
E por milagre de Amor
Tudo se divinisava:

Ignaros mortaes temeram
Ver-me acima das espheras,
E á minha paz oppozeram
Curto sizo, e paixões feras.

Estes tyrannos do mundo
Contra mim se conjuraram,
Meus innocentes prazeres
Para longe desterraram.

Tu que és sabio, como julgas
Sentença tão rigorosa?...
Só no inferno se não ama,
Amar é ser virtuosa.

Compõe-se de affeições puras
A virtude, a rectidão;
Se não serve para amar,
De que serve o coração?

Carta do Doutor Domingos Borges de Barros (hoje Visconde da Pedra Branca no Imperio do Brasil), acompanhando a epistola de Francilia que ao diante se segue.

Mercurio, bem que Deos fosse,
Não teve emprego capaz:
Eu sempre achei pouco airoso
O officio de leva e traz.

Porêm, como tudo muda,
Tenho mudado tambem,
E o que hontem feio julgava
Hoje me parece bem.

Francilia (1) louvou a Alcipe,
E quer que do seu louvor
(Muito pago estou da escolha)
Eu vá como embaixador.

Alcipe, ahi tens lindos versos
De justiça e de razão;
Ser neste caso Mercurio
É bem gostosa funcção.

(1) D. Francisca de Paula Possollo, bem conhecida pelos seus talentos.

Resposta d'Alcipe.

Com tanto desdem não trates
O Numen do caduceo;
Sempre delle se fiaram
As embaixadas do Ceo.

Seu emprego te pertence
Por teus dotes immortaes;
Bem vês que não ha no mundo
Mais altas credenciaes.

Por ordem de uma Camena
Aquelle emprego assumindo,
Trazes para coroar-me
Mimosas flores do Pindo.

Em troca do dom sublime,
Com que alegras esta selva,
Só póde Alcipe entregar-te,
Quasi murcha, humilde relva:

Junto a planta tão rasteira
A minha empenada lyra,
Que ha muito, se algum som forma,
Melancolica suspira;

Esta dadiva mesquinha
Nas mãos de Francilia offerta;
No adormecido instrumento
Verás como os sons desperta:

Verás que seu estro ardente
A rustica planta aquece,
E logo, murcha em meus lares,
Junto della reflorece.

Se deste milagre és causa,
Que sorte haverá melhor,
Quando a gloria de Francilia
Deriva do Embaixador?

EPISTOLA.

Francilia a Alcipe.

Zoilos, tremei! Posteridade, és minha.
Bocage.

Se á musa de Francilia é dada a gloria
D'erguer na voz da lyra o nome egregio,
O nome illustre da extremada Alcipe;
Se á Cantora immortal, irmã de Phebo,
Póde ser grato o som de humilde canto;
Alcipe, honra de Lysia, acolhe meiga
A pura offrenda da singela musa.
Versos, que o coração remette aos labios,
Filhos da natureza, eia, animai-vos;
Da gratidão nas azas côr de neve
Adejai, versos meus, de Alcipe aos lares;
De Alcipe, cuja lyra magestosa,
O nome de Francilia aos ceos mandando, (1)
Impõe silencio aos Zoilos; e os colloca,
A par do nome seu, na Eternidade.
Zoilos, receios, timidez inerte,
Prejuizos fataes, tyrannos do estro;
Da mente que até hoje escravisastes
Apartai-vos, fugi: cantou-me Alcipe;
Alcipe honrou meu nome, honrou meus versos;
D'Alcipe divinal a lyra eterna
Meu nome, os versos meus salvou do Lethes.

(1) Allusão ao soneto de Alcipe que começa = Para o norte d'Arcadia um bosque havia = o qual se acha ao diante, no lugar competente.

EPISTOLA.

Alcipe a Francilia.

Versos que o coração remette aos labios.
Francilia.

FRUSTROU-ME a sorte os impetos sublimes
Com que intentei subir ao monte excelso,
E explorar da Thessalia os sacros ermos:
Talvez, Francilia, as Musas, indignadas
Pela minha ambição, me destinassem
A gemer como a triste Nitimene,
Ou vagar pelos bosques, como vagam
As macedonias filhas de Pierio.
Tu, que és mimo de Apollo, e que modesta
Attribues á simples natureza
Luminosas centelhas do teu estro;
Tu, que em braços das Musas soltas cantos
Com que serenas o ar, domas os fados;
Vens, como foi Perseo, tornar em pedra
Os monstros de pezares que me cercam.
Ah Francilia! se eu tive algum momento
Em que doce illusão me consolasse,
Foi quando li teus versos, e sonhava
Que dos Ceos m'os trazia um genio affavel.
Bate as azas, não pares, sobe ao Pindo;
Busca assumptos sublimes, em que empregues
Vastos talentos, harmonia, gosto,
Com que as irmãs de Phebo te dotaram:
Tens os Ceos, tens a Terra, a Natureza,

A nossa Patria, as Artes, com que fartes
De assumptos grandes o teu genio extenso.
Alcipe, solitaria e agradecida,
Já com tremulas mãos pulsando a lyra,
Não se atreve a alternar comtigo versos,
Mas no seu coração te erige um templo.

EPISTOLA

Em resposta a Elmano (1) que me pede que escreva versos em louvor d'ElRei D. Pedro IV.

IREI por entre os bosques taciturnos
Procurar os fragmentos dessa avena
Que espedaçou Fortuna! O novo Numen,
Cujo influxo potente a terra alegra,
Pede ao meu estro desusados cantos,
Pede a tuba grandiloqua d'Homero.
Ah! como posso, Elmano, entorpecida
Pelos constantes gelos do infortunio,
Recompor o instrumento que algum dia
Foi do meu desafogo amavel echo?
Mas vão fugindo os dias nebulosos
Em que os Ceos agastados se mostravam:
Desperta, oh lyra! Os Apollineos fogos
Sinto de novo incendear-me a mente.
Bem como o Sol raiando, o grande assumpto
Que me propões, se mostra, e quasi sinto
Do coração sair-me uma torrente,
Qual pela boca Pindaro soltava:
N'alma, onde abafadas as idéas
Jaziam pelo horror da desventura,
Á voz de um Rei, modelo de Reinantes,
Brotam, quaes brotam plantas na espessura.
Eis que a meus olhos fulgido apparece

(1) Este Elmano tambem é o Conde de Sabugal D. Manoel Mascarenhas, denominado Godefredo em outra epistola d'Alcipe.

No aparelho do Genio Lusitano,
De briosos prodigios rodeado:
Mas que expressões irão manifestá-los?
A lingua é pobre, a gratidão sem termo,
O assumpto immenso... balbucio, tremo
De profanar em numeros terrenos
O que é digno de canticos celestes.
Que nome d'entre as Eras devolvendas
Ha de vir competir com o Regio Nome
De Pedro, que afortuna o patrio solo?
Qual dos Reis encetou essa virtude
D'abnegação sublime com que avista
Dos mais homens a misera existencia?
Qual Rei se avaliou depositario
Da ventura geral, e subjugando
O tremendo egoismo e amor do mando,
Preferio aos triumphos da vaidade
Triumphar sobre si, e na sua alma,
E em nossos corações, formar imperios?
Já no seu berço as Musas o embalavam
Quando, agourando os bens que nos assombram,
Fui por entre borrascas, fui cantando
Seu nome divinal, e quanto ardendo
Em patrio amor, o agouro me inspirava.
Com profeticos olhos no futuro
Vi as artes e o ingenho refulgirem;
Vi em serie lustrosa despontarem
D'entre o negrume d'impostoras nuvens
O Vate, o Heroe, que fraude atroz sumia,
Sem respeito ao que traz d'antiga stirpe
Illesa fé, valor, brio immutavel.
Não temo, não, que n'alma do Reinante
Falleça a convicção desta verdade,

Em recordando os Fastos Portuguezes:
Foi dado ao seu saber tirar das trevas
Arcanos, que embaraçam feros erros;
Ao seu valor vencer, saltar barreiras
Que a corrupta ambição quizera oppor-lhe:
Fará surdir o certo d'entre as sombras
Em que o sumio fatal paralogismo.
Já se fartou o Ceo de castigar-nos;
Já quanto vio Leibnitz horrorisado
Se cumpre sobre a terra peccadora;
Se falta é pouco, e a nobre valentia
Porá termo á rebelde petulancia.

Duas gotas de sangue que me restam, (1)
Extrahidas do coração dorido,
Lá estão na guerra; guerra escandalosa
Dos fungos venenosos contra os cedros
Que base e escoras firmes são do thrõno.

Salve, oh ditosas gerações futuras!
Para quem a ventura se prepara:
Não vereis, como eu vi, regar a terra
Do mais nobre, innocente, e puro sangue;
Não vereis os talentos desprezados,
Patrio amor algemado e desvalido;
Nem as joias do Estado decorando
Infames peitos, cofres de mil vicios,
E de quanto a baixeza gera em almas.

A toga, excelso traje da Justiça,
Cessará de ser premio da ignorancia;
Nunca mais verão olhos cavalheiros
Sobre hombros vis as murças profanadas.

Assim decreta o Ceo, e nos envia

(1) Os meus netos.

De lá, por entre os astros rutilantes,
O Lusitano Genio, PEDRO o excelso.
Se aqui, ali, um pó remanescente
De antigas profusões inda deslustra
De algum modo as sublimes dignidades,
Que multidão de affectos cavalheiros
Não vem logo apagar pequenas manchas!

Basta, Elmano: se um voto 'inda me resta
A formar, é que teu raro talento
Rasgue os veos que lhe oppõe tua modestia,
E que o Estado aproveite luzes tantas.
Mas se és feliz sem cargos, se aproveitas
Na solidão prazeres ignorados
De quem no turbilhão do mundo vive;
Goza em socego as proveitosas horas;
Luza-te o dia claro, contemplando,
Sem importuno encontro, a Natureza:
Cerquem-te Vates bons, flores cheirosas,
Amigos virtuosos, e as venturas
Que Alcipe invariavel te deseja.

EPISTOLA.

20 de Julho de 1829.

Á Lusitana sonorosa Euterpe,
Que de Roma os poeticos dictames,
E da Critica as leis que Albião traçára,
Ao patrio idioma transplantou, com gloria
Do Tiberino metro, e metro Luso:
Que da Eleusina Diva aos ais queixosos,
No rapto injusto da mimosa prole,
De Lysia empresta os maviosos echos:
Que da harpa de Sião vozes augustas,
E profeticos sons extrahe sublime:
Que de Lysia ao mimoso e fragil Sexo,
Gostos, delicias novas inspirando,
Do reino vegetal lhe abre os thesouros,
Conduz ao estudo das singelas plantas,
Emula de Castel, em versos d'oiro:
Á Semi-déa, magestosa Alcipe,
Honra e brazão das Tagides Cantoras;
O ignorado Filinto envia o carmen,
Que em dias não de luto, em roseos dias
Sagrara ao Numen do Brasil, de Lysia.
Com quanto pejo, e descórado susto
Não faz elle chegar ante o Criterio,
Mais fino e puro, a producção mesquinha,
Que amor da Patria, e gratidão dictara!...
Ah! tão nobres tenções erros desculpem.

Francisco Freire de Carvalho.

EPISTOLA

A FILINTO JUNIOR (1), QUE PARTIA PARA O BRASIL.

(Resposta á antecedente.)

26 de Julho de 1829.

Navis, quæ tibi creditum
Debes F...
Reddas incolumem, precor,
Horat. lib. 1.° od. 3.ª

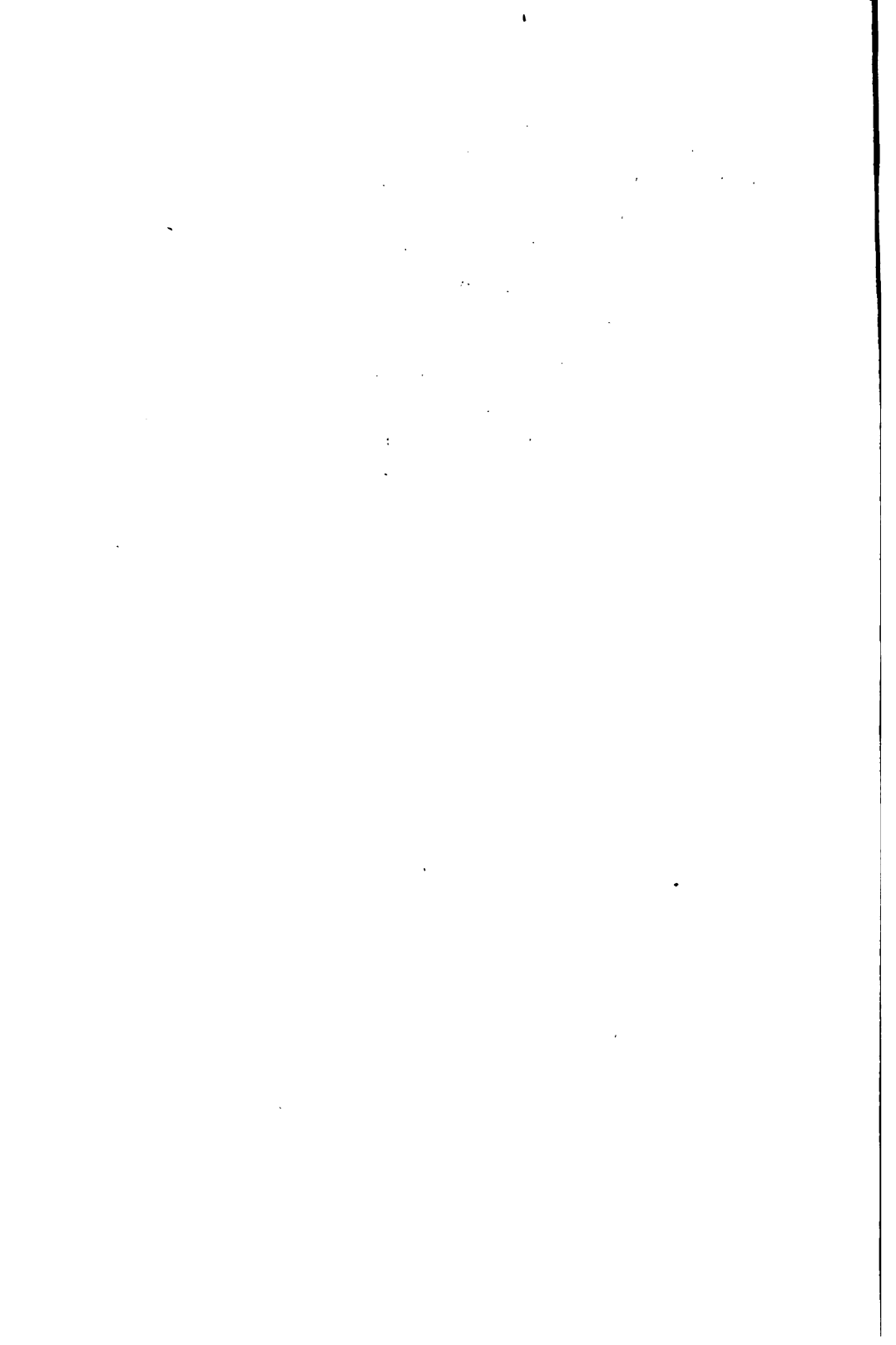
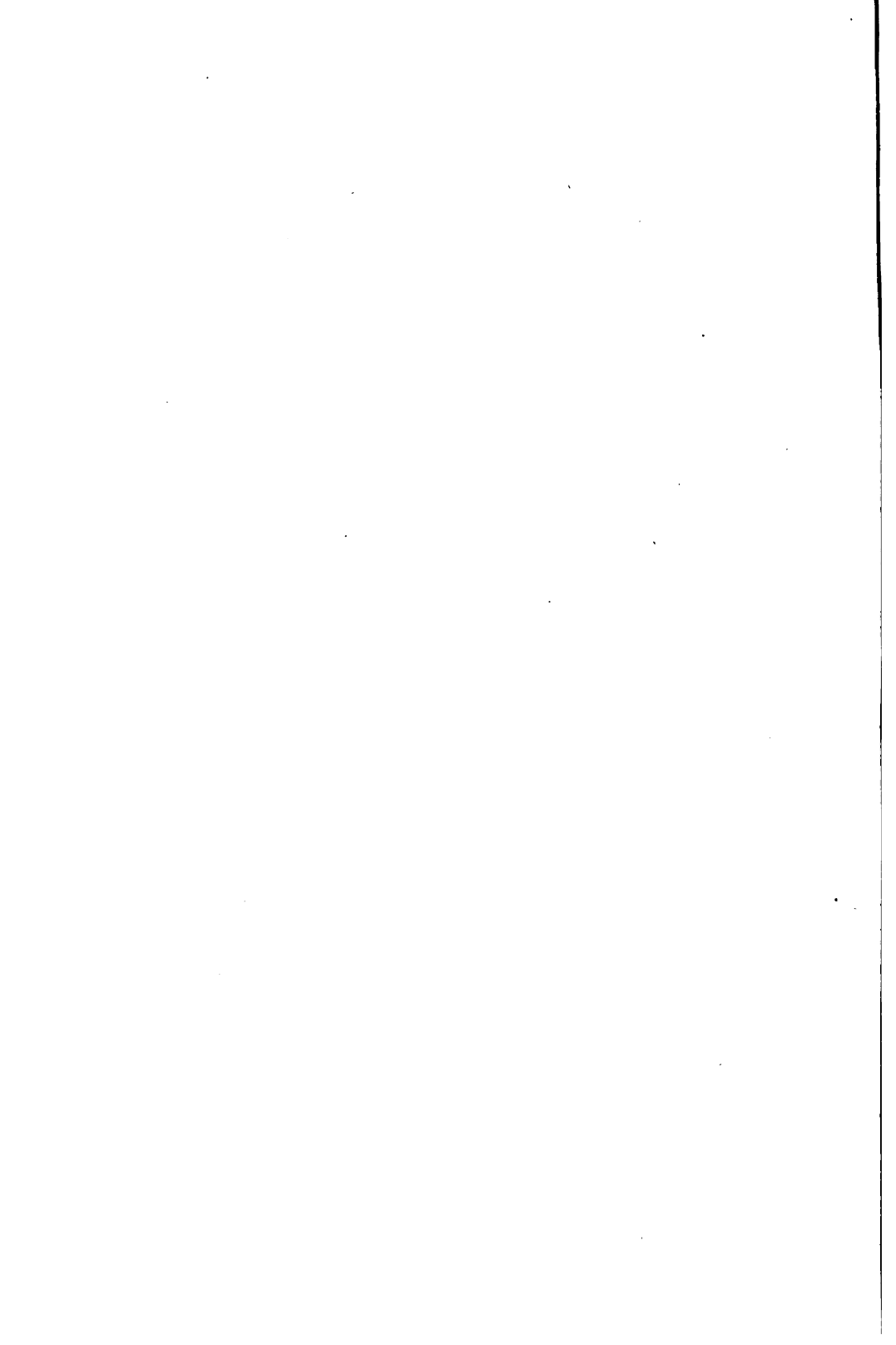
JÁ suspensa ás muralhas desse Templo,
Que ao Desengano os Evos levantaram,
Dormia a minha lyra; eis que vibradas
Por milagroso influxo de teus versos,
As cordas frouxas vigor novo tomam.
  Cuidei que era mortal, mas enganei-me...
Não são meus versos, não, que me subtrahem
Ao golpe acerbo da inflexivel Parca:
Pelo novo Filinto celebrada,
Em cysne me transformo, adejo... subo...
Corto os liquidos ares, e transponho
Os mundos varios; chego ao Paço eterno,
Onde, oh Vate! ás mais Deosas me aggregaste.
Já não receio as trevas do sepulchro,
Nem que o Stix em seus circulos me feche:
Zombo da terrea sorte; cá no mundo
Me deificam os celicos accentos,
Com que Phebo aqueceo teu plectro illustre.
Que mais direi? Não sei que Vate possa

(1) Francisco Freire de Carvalho, hoje Commissario dos Estudos em Lisboa.

Dignamente cantar d'Orpheo ou Lino,
Que a meu ver mais lhe toca o throno excelso
Que aos dois filhos de Leda o Ceo concede.

Deixas deserta a Patria... Vai, Filinto,
Mostrar ao Novo-mundo quanto vales:
Lá tens quem preço dê a teus talentos;
Á virtude, ao saber, quem de lá mesmo
N'um e outro hemispherio espalhar sabe
A claridade, como o Sol que alenta
Quanto vegeta, cresce, e a terra esmalta.

ODES.

ODE

Ao tumulo da minha Filha. (1)

FELIZ quem póde com ligeiros passos
Calcar da morte a larva somnolenta,
Entregando á escura Eternidade
As horas da tristeza!

Sombras da Noite, lugubres cyprestes,
Que o sol, medroso, da sua luz não toca,
Vós guardai um thesouro, que rodêam
Mil gemidos maternos.

Tuas cinzas, oh filha! com que eu cubro
De morte e horror as horas mais ditosas,
C'o sôpro dos meus ais revolvo sempre,
Cobrem-me a frente afflicta.

(1) Maria Regina, que morreo de mui tenra idade, em Vienna d'Austria.

ODE

Ao nascimento de S. A. R. a Infanta D. Izabel Maria.
Recitada na academia de Santarem.

Arde-me em santo fogo a mente ousada,
Luz-me o fúlgido Apollo nas idéas;
De profeticos dons a mente ornada
Quer guiar-me ás Olympicas arêas:
Comvosco, oh Vates, canto,
Comvosco até aos astros me levanto.

Eis o mysterio turbido patente!
As enroladas nuvens do futuro
Dissolve a mão de Jove omnipotente,
E sorrindo confirma os bens que auguro;
Os que a esperta Lucina
Com sybillicas vozes vaticina.

Ouvi, Povos, os Deoses que em mim fallam;
E em quanto, afoito cysne, os ares corto,
Vede os eixos do crime que se abalam,
Vede baixar dos Ceos vosso conforto:
A terra quebrantada
Fórça Jove a mandar-lhe a paz dourada.

Jove escuta, nos astros encostado;
E na infinita idéa revolvendo
Os successos do mundo consternado,
Decreta o bem, o vicio adormecendo;
O crime audaz sopêa,
E da Virtude os grãos do Ceo semêa.

Ordem nova d'eventos co-ordena;
As gastas molas d'erros, que espécaram
O geral desconcerto, o Deos condemna,
E aos golpes da verdade se quebraram;
Os thronos vacillantes
Com eternas virtudes faz constantes.

Ali-potentes aguias destacadas
Aos mares, de Albuquerque tumba honrosa,
Ás terras por Cabral descortinadas
Vão levar esta lei prodigiosa;
E o mundo afortunado
Já se prepara a ser regenerado.

Das verdades sublimes que lhe agradam,
Com que o susto esmorece, e o peito abranda,
— Um signal! um signal! — os Povos bradam,
E este penhor pomposo Jove manda:
Dos Paes mais virtuosos
A Infanta nasce, oh dias venturosos!

ODE

A Natercia, no dia seguinte à nomeação de seu marido para Ministro d'Estado.

Cobre de rosas a ligeira idade
O rosto juvenil, brotam desejos
Do tenro coração que Amor accende,
Que Amor afoito illude.

Já d'alma distrahida o voo altivo
Um sorriso cohibe, um mover d'olhos,
Um sim, um não decide da ventura
De um perturbado amante.

De punhaes, de venenos rodeadas
Avisto as aras do fatal Cupido;
Sobre as urnas de Pyramo e de Thisbe
Geme ou dorme a Saudade.

Cego mortal! acorda, despedaça
O jugo das paixões que te atraiçoam;
A razão magestosa te promette
Mais nobre recompensa.

Desse aligero Hermes a carreira
Mede co' a mente, toca do universo
As molas escondidas, rompe ousado
Os limites do espaço.

Com Hesiodo os Deoses avalia,
Bebe da Grecia as aguas saborosas,
E de systemas mil que o mundo regem
Escolhe o que é mais certo...

Qual misero Phaetonte a força perdes?
Nos desertos espaços titubêas?
Do alto dos Ceos cahe o altivo carro
No seio da incerteza?...

Ah! mais feliz o intrepido guerreiro
Doira co' a gloria os ultimos momentos;
Seu nome durará. Ceos! até quando?...
Sómente até que esqueça!

Quantos milhões d'Heroes a terra cobre!
Tu, qual Mavorte, oh Lippe, envolto em sangue
Sobre as margens do Weser derrubaste
Broglio, segundo Marte.

Oh Minden, oh campanhas sacro-santas,
Contra os feros Saxonios brilhar vistes
Aquelle Heroe (1) que é premio de meus males,
E a minha Patria o ignora!

De um moderno Sejano o impuro sopro
Uma gloria que o cega apagar póde;
A Virtude não morre; mas padece
Em quanto o vicio impera.

Tu surges do horizonte nebuloso,
Qual Jupiter brilhante, tu scintillas,
Honrado Balsemão, para animar-nos,
Ornado de justiça.

(1) Allusão ao Conde d'Oeynhausen.

A seva ingratidão, que tece os premios
Commummente á Virtude, já te observa;
Com seus olhos incertos atravessa
O bem que tu preparas.

Qual desultor (1) ligeiro, na carreira
Não vacilles, não pares, não te assustes;
Repara que o futuro te contempla,
Te espera ao pé da meta.

De apagados Heroes a turba immensa
Renova afoito á gloria Portugueza; (2)
Sega os ramos estereis da preguiça,
Enxuga o pranto á Patria.

Tu, Natercia, comigo em doce coro,
Comigo cantarás immortaes versos;
Com elles 'té aos astros levaremos
Domesticos Heroes.

Deixa bradar a estupida cohorte:
O Sol lança os seus raios luminosos
Sobre a fertil planicie e a pedregosa,
Nas flores e nos cardos.

(1) Palavra latina que significa o cavalleiro que salta de um cavallo para outro.

(2) Não é dado a todos este genero d'ambição sublime.

(Nota da auctora).

ODE

A Philotas.

No politico abysmo absorva os dias
Um Sejano, um P....l, que o Rei comprime;
Medite nas modernas perfidias
Se o triregnio vacilla, ou vence o crime...
Philotas, não te importe,
Não corramos afflictos para a morte.

A vida é muito breve, o mundo vasto;
A mocidade, as graças, fugitivas;
Em lutas e cuidados temos gasto
Muitos annos, mil horas oppressivás;
Basta, basta que a idade
Traga o somno cauçado, e a enfermidade.

A velhice, de fero açoite armada,
Faz desertar o bando dos Amores:
A vista cança; a lua prateada
Nem sempre mostra os mesmos resplendores:
Esfria a seiva pobre,
E vidual tristeza os campos cobre.

Os erros são mais bastos que as espigas;
Um homem só não sega esta seara;
De uma verdade nascem mil intrigas,
Mil males uma intriga só prepara;
E do bem projectado
Nasce a pena de o vermos malogrado.

Á parda sombra de um copado freixo
Melhor é temperar a lyra d'ouro,
Compor de uma cantiga o gentil fecho,
Revolvendo das Musas o thesouro;
E não buscar na terra
Mais bens que os vegetaes que o campo encerra.

De innocentes ficções aureos instantes
Com doce liberdade aproveitemos;
Da verdade os espinhos penetrantes,
Correndo pela vida, não pizemos:
O aspecto da loucura
Murcha a flor da existencia e da ventura.

De alguma Assyria essencia ungindo a frente,
E de Homerico louro a testa ornando,
Irei meus fuscos dias docemente
Com estes gostos simples enganando:
Á tarde o chá superno,
Libado ás Musas, supre-me o Falerno.

Vem, Philotas, assim matar as horas
Antes que do zenith o sol decline;
Vem, recolhe estas notas tão sonoras
Com que o ar vibra o Delio Longarine; (1)
E vã Melancolia
Ceda aos doces encantos da Harmonia.

(1) Celebre cantor que frequentemente cantava em minha casa.
(Nota da auctora).

ODE

Ao auctor (1) *de uma Ode portugueza, a Lord Wellington.*

TROVEJA, oh Vate insigne!
Raios delphicos partem d'essas cordas,
Que vibras com firmeza,
Nas quaes Genios do Pindo em coros cantam:
Na altura a que te elevas
Pouco te offende o Lycio povo insulso,
Na pantanosa habitação grasnando.

Salve, oh Cantor sublime!
Tu que te affastas da lodosa estrada
Em que o louvor se avilta;
A ti compete só colher as palmas
Que premêam triumphos,
Respeitando a justiça, sem que insultes
No tumulo os heroes da prisca idade.

Com resoluto braço
Levantastes as campas que cobriam
As cinzas dos Patricios:
Trofeos podridos, c'roas desfolhadas
Pelo tempo invencivel,
E as veneraveis sombras, que resurgem
Em teus versos, á gloria, á vida tornam.

(1) O Padre José Agostinho de Macedo.

Esmorece a lisonja;
Brilha em teu estro esse nativo brio,
Elemento dos Lusos;
Que no louvor dos nossos não consulta
Interesse, ou vaidade:
De uns, o nome immortal revela os factos,
D'outros, a gloria só revela o nome.

Com que altivo semblante,
Hombreando c'os Lusos, nos presentas
O nobre Arthur hybernio!
Esse heroe, que encetou as hostes feras
De outro insolente Brenno;
Esse heroe, cujo peito guarda acceso
O cálido valor de um Lusitano!

Como lhe cresce a gloria
Sendo digno dos nossos, dessa gente
Que foi o espanto d'Asia,
Que na Europa colheo feixes de louros;
Cuja cerviz indocil
Revestio d'heroismo a paciencia,
Sacudio com vigor o jugo estranho!

Larga as vellas á Musa
Para a praia Cumana, ou para aquella
Onde em crepes envolta
Fatidica Sibylla existe agora,
Cheia da luz Phebea:
Se Orpheo, armado da invencivel harpa,
Quebrou do Averno as leis, tu tanto podes.

Levanta-te, não tardes,
Da caverna da Vate te avisinha;
Mysterios que ella sabe,
E que o Ceo aos melhores não recata,
Patentes ao teu estro,
Te elevarão alem do que cantaste,
E então excederás Camões e Homero.

O assumpto que te offerta
A Verdade, que envolve nevoa espessa,
Digna fama promette
Ás forças gigantescas d'esse ingenho.
Vinga em versos divinos
A innocencia, o pudor, o innato brio,
A nacional virtude injuriada.

ODE

A Filinto (1).

Anno de 1813.

Non è ver que sia la morte
Il peggior de tute i mali.
Metastasio.

Fui, como tu, Filinto, arremeçada,
Pelas improbas mãos da Sorte adversa,
Contra os escolhos que n'um mar de angustias
Accumula a desgraça.

Cerrou, longe de mim, a meiga Daphne (2)
As portas da existencia; a luz serena
De seus olhos celestes apagou-se,
Pereceram as Graças.

Estranha terra cobre o Luso Turno, (3)
Que esperdiçaram deslembrados Numes,
E a Patria, que em vanêos despedaça
Santos, fidos Penates.

A morte sem cessar, co' a fouce acerba
Exornou-me sem dó; fiquei qual tronco
Que os ventos furiosos desfolharam,
Que tisnaram coriscos.

(1) Francisco Manoel do Nascimento.
(2) Minha irmã.
(3) Meu irmão.

Foram-me inuteis delphicos thesouros,
Que na infancia comigo repartiste;
Escasso lume apenas me arde n'alma
Que este incenso te envia.

São, Filinto, reliquias do teu estro
Que me aquecem da lyra as doceis cordas;
São tuas odes magicas que acordam
A somnolenta Musa.

És tu quem me arrebatas, quem me levas
A encarar nas Olympicas moradas
C'o Pae da heroica tuba, e excelsos Vates,
Que emúlas, ou desbancas.

Comtigo vejo erguer do vitreo throno
O agastado Neptuno, e me envergonho
Que inertes no estaleiro os lenhos durmam,
Sem attentar na gloria.

Que Dabul, ou Cochim, que tanto sangue
Aos Almeidas custou, farte a cobiça
Do fôfo avaro, auri-sedento bruto
Que alhêa fama apaga.

Mas surge, oh Noite! (1) placida refresca
Com teu sombrio e socegado aspecto
A calida tristeza que me lavra
O anceado peito:

Ao Vate illustre que em teu seio acolhes
Legou Anacreonte a rosea solfa,
Com que Acidalia mesma carinhosa
Acalenta Cupido.

(1) Allusão a uma ode bellissima de Filinto.

Versos accesos no amoroso fogo,
Versos que atêam férvido heroismo,
Versos que poem a lyra a par da tuba,
Á fama o recommendam.

Ditosos Coridon, Elpino, Olindo! (1)
Já sobre vós não póde nada a morte:
Triumphantes ireis, calcando as eras,
Sobre as azas do Vate.

Mas Alcipe, a quem poz nas mãos o plethro!...
Duas vezes á morte submettida
Cessará de viver... é pouco... é nada...
Mas se esquece a Filinto!!!

Alcipe.

(1) Tres Poetas amigos de Filinto.

ODE

De Filinto a Alcipe.

...... Magnum hoc ego duco,
Quòd placui tibi.
Hor. lib. 1.° sat. 6.ª

Era noite, e Morpheo me tinha em braços.
Deslembrança profunda de fadigas,
Do desconcerto do Orbe,
Me coava nos placidos sentidos;
Mal abertos os labios, membros languidos,
Da alma a paz e o descuido eu respirava.

Vem manso e manso no interior do cerebro
Um frouxo albor da aurora esclarecendo;
Selvas, montanhas, fontes
Surgem ao raio d'oiro d'Hyperionio,
Luzem, no prado, aljofres matutinos,
Com tremulos, com rutilos reflexos.

Esta é a Phocide! (exclamo) o bipartido
Monte descubro! — escuto-lhe á Castalia
O rugir sonoroso:
Como os louros balançam! — Aves trillam
Modulados concentos!... — Pára a veia
Do Permesso; á flor d'agua as Nymphas surdem.

Sentados pelas penhas, Musas, Vates,
Estes as lyras, ellas os laúdes
Afinam jubilosos:
Pegaso alvoroçado azas desprega,
Crinas sacode, pede cavalleiro,
Relincha, fere o chão, borbota espuma.

Qual Sapho Lusa, ou Tavora Corinna,
A despedir luzeiros, desce de altas
Penedias do Pindo?
Em seu regaço as do matiz mais vivo
Flores colheo, que 'sparge a dextra prodiga,
Enfeite e aromas dando á terra, ás gentes,

Apollo a mão lhe dá; Clio, Calliope
Lhe vem mil doces vozes susurrando;
Camões divino, ao lado,
C'roa immortal, que as Musas hão tecido
Para gloria de Alcipe, ás Nações mostra,
Ufano das lições que á Alumna déra.

ODE

A Filinto, em resposta á precedente.

Janeiro de 1814.

N'UM mar de luz os astros se sumiam,
Quando o Sol, transgredindo do Oriente
Os limites da Noite,
Expulsava do mundo a sombra, o somno;
Facultava ás ideias o aggregar-se,
E submetter ao doce metro as vozes.

Do Pindo os serros vi, cobertos d'ouro:
De Aganipe a torrente diamantina
Nas selvas se espraiava;
Quando um grupo de Genios Apollineos,
Á voz do Deos, me toma sobre as azas,
E da Phocida á Lysia me transporta.

Quaes Zephyros, vibrando as aureas pennas,
N'uma obliqua ascensão ás nuvens chegam,
E de lá reconhecem,
Pelas murtas e louros florecentes,
A patria de Camões e de Filinto,
E em recta direcção á terra baixam.

O Lis e o Lena, as ondas alizando,
Vinham c'o Erge e Ponsul brincando nellas,
E todos em cortejo
Por entre flores, conchas, arvoredos,
O seu tributo ao Tejo acarretavam,
Quando o coro melodico descia.

Na gruta o Pae dos rios reclinado
O ruido apercebe; ergue a cabeça:
Das roupas azuladas
Cobre as largas espaduas, onde escorrem
Do diadema de limos frias gotas,
Qual geada, quaes perolas em fio.

Golfinhos, chafurdando ao lume d'agua,
Pulam, mergulham, piscea dança cerca
O venerando Tejo:
Em rebanhos as Tagides esbeltas
Vem ver que novo caso a praia alegra,
Que benção manda o Ceo aos Lysios lares.

Nisto o Coro Apollineo desferindo
D'harpas celestes consonancias novas,
Milagres d'estro ousado,
C'os versos de Filinto o Tejo brinda;
E dos Heroes a quasi extincta raça
Nelles resalta com subido estrondo.

Heroes! que hoje do mundo sois o espanto,
Avante! vencereis a Lérnea fera:
Filinto vos promette
Nome eterno em seu canto, e outra Deiphobe
Que os dominios da Morte amenos faça,
E de lá mesmo vos revele á Fama.

ODE

Ás Musas adormecidas.

Musas, que ha tempos magoas prolongadas
Calaram sem piedade! ouvi meus brados;
Surdi das Heliconeas grutas, vinde
Acolher-me de novo.

Qual navegante que a borrasca arroja
Por incoguitos mares, e a quem foge
A terra que procura; baixos, penhas,
É quanto afflicta encontro.

Tal fui horas amargas consumindo;
Caliginosos ares me cercaram,
Naufraguei sem amparo em sitios horridos,
Toquei do Polo os gelos.

Nevou sobre o meu plectro o frio Arcturo,
Perdi do Estro as luzes, perdi vozes,
Phebo apagou-se; oh Musas! deste abysmo
Resgatai vossa alumna...

Mas qual fantasma ingente ao norte avisto?
Alcantilada serra os Ceos invade!
Favonios brandos, aportai-me á praia,
Salvai comigo a lyra.

Cessai, ventos crueis! mostrai-me a terra;
Bemfazejas Deidades da Harmonia,
Serenai estes ares revoltosos,
Prestai-me imagens doces.

Columna argentea d'aguas cristalinas
Impetuosa desce de alto serro;
Quebra no encontro de um rochedo, e forma
Espaçosa cortina:

A superficie crespa vai partindo
Seus cristaes pelas varias penedias,
E do vapor aquatico que espalha
Enche o largo ambiente.

Ali do sol os raios refractados
Ornam d'Iris as roupas circundantes,
E de cores prismaticas tingindo
O nevoeiro, alegram.

D'arbustos lindos c'roam-se os rochedos;
Á dextra, ao longe, rochas estaladas,
De musgo, fetos, hervas, e de flores
Pomposas se revestem.

Por entre arbustos e arvores copadas
O rio que dimana da cascata
Vai perder-se no mar: á beira d'agua
Chama a Vate ao descanço.

Oh Natureza, immensa Natureza!
Como aqui te apresentas deleitavel!
A mente, que te abrange e te contempla,
Extatica se enleva!...

Quasi que a terra cinge o Arctico Polo,
E muito alem dos Tropicos se alonga:
Aguas immensas, gelos gigantescos
O Antarctico defendem.

Que multidões d'especies e de sêres
Á humana indagação prestam auxilio!
Como o ingenho co' as artes, co' a sciencia
Descortina o Universo!

Lyra ociosa, rompe os teus concentos;
Canta a Navegação do mar, dos ares,
A Chymica, a Botanica, mil artes
Que doiram a existencia.

Acima da materia te remonta,
Sobe á Causa de tudo, accende n'alma
Grato Vesuvio de um amor sem termo,
E o Creador adora.

ODE

A Godefredo (1), *em louvor do seu cavallo que diz ser da Arabia.*

Postquam G.... dicendi finem fecit cæteri verbo, alius alii, variè assentiebantur.

Sallust.

Lyra d'Apollo! és tu quem nos recrêas,
Tu, que afinas os cantos com que as Musas
Na propria mão de Jove o raio apagam,
Se exoravel o querem.

Tu fazes que um vapor suave desça
Ás palpebras do passaro que mora
Sob o imperio do sceptro omnipotente
Do Filho de Saturno.

Da aguia as rapidas azas relaxadas
Dos dois lados se abatem; vai cedendo
Ao magico poder da melodia,
E pesada adormece.

Vem, oh sacro instrumento, adormentar-me,
Do palacio dos sonhos me abre as portas,
Remonta-as Eras, mostra-me prodigios
Que aos Vates só revelas.

Deixa-me ver a luta em que Minerva
Contende com Neptuno; ouvir o golpe
Com que o Nume agastado escacha a terra,
Cria o ginete alado.

(1) O Conde de Sabugal.

Quão fogoso sacode a argentea clina!...
Relincha... nelle monto... o vôo empr'endo
Que ás alturas do Pindo me transporta;
Meu estro ali se accende.

Em vão co' a redea os saltos lhe reprimo...
Abraza-o do ciume voraz chamma:
Avista ao longe outro Corcel mais bello,
Que a gloria lhe obscurece.

Oriundo de Athenas, já despreza
O excelso berço, a divinal origem;
Vem da Arabia o portento, que lhe insulta
O privilegio d'azas.

Teve tambem Diomedes cavallos
D'uma estirpe divina; mas que vençam
O subsolano vento, ou Noto fero,
Só os produz a Arabia.

Desse que combatia os Agarenos,
Moderno Godefredo! o teu descende,
E em Wagram (1) os Destinos ordenaram
Que a ti só pertencesse.

Tu, que ao Pegaso tens iguaes direitos,
Junge os dois ao teu carro, e triumphante
Celebra Delio, apromptа-te aos combates,
Enfacha immortaes louros.

(1) O Conde de Sabugal achou-se na batalha de Wagram, onde se portou com muito valor.

ODE

A Francilia. (1)

(Imitada de Horacio.)

Quòd spiro et placeo, si placeo, tuum est.
Horat. od. 2.ª lib. 4.°

Aquella a quem chamaste Irmã de Phebo,
E saudaste amorosa,
Não quer cingir a frente de outro louro;
Não inveja a victoria
Que no foro alcançou em Roma Hortensia;
Não anhela o triumpho
Que nos Isthmicos jogos concedia
A plebe aos vencedores;
Tão pouco esses applausos que cercaram
O carro que levava
Corilla coroada ao Capitolio:
Meus poeticos sonhos
Docemente entreteem do bosque as sombras,
O gorgeio das aves,
Ou dos patrios regatos o murmúrio:
Destas brandas origens
Lyricos versos nascem, com que alegro
Meus tenebrosos dias.
Mas se tu, oh Francilia, me aggregares
Ao coro dos Poetas;

(1) D. Francisca de Paula Possollo.

Se ao que julgas dá credito Ulysséa,
Desfallecida a Inveja
Irá desaferrando de meus membros
Os seus ferinos dentes.
Tu, qual Musa divina, é que regulas
As doces consonancias
Que da citara minha colhe o Estro;
Tu, que do cysne as vozes
Aos mudos peixes inspirar bem podes:
De ti me vem a gloria
De *Cantora immortal* na Lusa terra;
Por ti respiro e agrado,
E, se agrado, de ti tudo procede,
A gloria te pertence.

ODE ANACREONTICA.

Amor preso pelas Musas.

As Musas Amor prenderam,
E com cadêas de rosas
Fortemente lhe ligaram
As travêssas mãos mimosas.

Venus, vendo o filho preso,
Quiz carinhosa soltá-lo;
Mas o preço que offertava
Nunca poude resgatá-lo.

Embora o grilhão lhe quebre,
Nem assim o hade soltar:
Amor com taes Carcereiras
Quer prisioneiro ficar.

Costumado ao jugo amavel
Do talento e da verdade,
Julgou o seu captiveiro
Mais doce que a liberdade.

ODE

Em resposta a M. J. N.

Tu, que me fartas do liquor sagrado
Com que as Musas refrescam
Dos Vates a sedenta fantasia;
Elmano, por ventura
Pésa-te n'alma o delphico thesouro,
E derramas teus versos
Para que avulte um beneficio tenue?...
Não profanes o plectro:
Herdaste a Flacco, só para cantares
Os Ceos, a Natureza,
Os Heroes, a Virtude, e a sã Verdade.
Em demanda d'Hygina
Parte, a buscar nas furnas de Vulcano
O bem que te estragaram
Cuidados, zelo, ardor, benevolencia:
Nesses lagos sulfureos
Affoga a magoa, invoca a louçã Diva
Que sobre um throno herbaceo
Em plantas salutiferas se senta;
Cujo sceptro florido,
Qual caduceo suave, applaca monstros,
Manda ás dores que cessem.
Se de seus dons gozares, se benigna
O vigor te restaura,
Em devota oblação, nos seus altares,
Hade offertar-lhe Alcipe
As primicias das flores, dos rebanhos
Que em seus campos medrarem.

ODE

Ao Estro, em 14 de Agosto de 1823, dia anniversario da morte de meu filho (1).

Heu! miserande Puer!
Virg.

Onde me levas, Estro mavioso?
Apenas o teu fogo accende a mente,
Entrego ao vento as magoas, e lhe ordeno
Que as sepulte no Ganges.

Empolgo a lyra, e cercam-me de flores
Os zephyros macios; desenrugo
Os traços que na face imprimir ousam
Os insultantes annos.

Com melodicos sons assusto Clotho,
E a seva irmã medrosa o fio torce
Que em vão Atropos fera cortar tenta
Co' a tesoura embotada.

Estro divino! Tu, que a vida alongas,
Cerca-me d'illusões, doira-me instantes;
Em quanto o Fado austero a realidade
Em fatal luto envolve.

Exalta-me de modo que imagine
Que o volvedoiro terreo dispo, e fujo
Para os immortaes lares, onde avisto
Quem a saudade implora.

(1) O Conde d'Oeynhausen João Ulrico.

ODE.

Insomnia em a noite de 8 de Outubro de 1824.

INFELIZ noite, só te não pareces
Na agitação co' a morte taciturna!
Morrer é nada; é mais o que padeço
Nesta noite funesta.

Que multidão de magoas me repete
Aterrada a penosa fantasia!
Como com igneos traços me debuxa
O quadro de meus males!...

Esposo, filhos, paes, irmãos que amava,
Que nunca mais verei, com que dureza
Mos mostra a corrupção devoradora
No sepulchro fechados!...

Do parentesco os vinculos suaves,
Os laços deleitosos da amizade,
Em pedaços desfeitos, ou trocados
Pela fria indiff'rença!

O bando dos prazeres carinhosos,
Por acerbos pezares supplantado,
Expulsa-o de meus lares a Tristeza,
Assusta-o minha Sorte.

Applacai-vos, oh Furias, oh Saudades!
Já não cabeis no peito... ou crescei tanto
Que se apague este sopro que alimenta
A minha infeliz vida.

Dos passados instantes mil imagens
Vem funestar de novo o pensamento;
E a dor, que o tempo n'outros anniquila,
Em mim se perpetúa.

Se ao menos mais ditosa a Patria visse!
Se as luzes, se as virtudes a adornassem!
Grata o suspiro extremo em paz soltara,
Os Ceos o acolheriam.

Patria! nome sagrado! Com que furia
Me persegue um cruel presentimento!...
Quão inuteis lições lhe deo a Sorte,
Terremotos, revoltas!...

Sorveo a terra as torres, os palacios,
Sumio a morte as gentes a milhares:
Desta lição tão aspera os preceitos
Anullou o descuido.

Das idéas erradas o fermento
Produzio nova serie d'infortunios:
Fomos Francos, Hybernios, só não fomos
Sensatos Portuguezes.

Ah! se não renascer co' a Patria a gloria,
Se a Sciencia e a Justiça inda dormitam,
Se a Moral não desperta, a Industria acorda,
Ao Nada caminhamos.

ODE

A um Ministro justo.

Musas, se é certo que amparais alumnas,
(Tal me chamou Filinto) alumna vossa,
Emborcai no meu peito a pura lympha
Da Pegasea Hyppocrene.

Igneo fervor fará que borbulhando,
Quaes na fonte, em meu cerebro as idéas,
Se adestre a mão, componha um ramalhete
Das Heliconeas flores.

Outr'ora, jogos floreos eram premio
Com que o Povo brindava os Vencedores;
Hoje a um Genio immortal são tenue offerta
As flores que se murcham.

Se meus versos não tem a tez purpurea
Da rosa, e do jasmim o odor lhe falta,
Não os rejeites, não... Phebo os decora
Com lumes da Verdade.

Após o grande assumpto que os inspira
Profetica visão no Pindo colhem;
Entre os Sullys e Sólons te colloca
A Delphica harmonia.

Embora Herculea força quebre montes,
Calpe e Abyla, immortaes columnas, fossem
As mais certas balizas do possivel;
Mais obra teu ingenho.

Se o nó Phrygio a Alexandre disputasses
Pelo imperio do mundo, que anhelava,
Com habil mão, o golpe prevenindo,
Mais cedo o desataras.

Ao Cytheron subiras denodado,
Colheras perspicaz do enigma o senso;
Juno zelosa, do seu monstro o baque
Assustada ouviria.

Então, mostrando aos Numes quanto vale
Teu saber, e a candura de tua alma,
Desgostada do Ceo, voltara á terra
A desdenhosa Astréa.

Da facha com que os Ceos Chyron cingira
A Déa se desprende, e pressurosa
Pelos liquidos ares vem descendo
C'os premios que te aguardam:

« Toma (te diz), acceita esta balança;
« Com meu poder divino, que te cedo,
« Restaura no fiel seu equilibrio,
« Errante ha *treze lustros.*

« Levanta os meus altares que abateram
« As sacrilegas mãos que me incensavam:
« Esquecendo do prisco rito a norma,
« Figuraram-me Alecto.

« Chama a ti a Innocencia espavorida,
« Cinge-lhe a pura frente d'assucenas,
« E restitue á gloria os aureos nomes
« Que apagara a Calumnia.

« Levanta o véo funereo que os encobre,
« E, em caracteres immortaes gravado,
« Verás teu proprio nome, por mim mesma,
« Em meu templo esculpido. »

ODE

Á feliz reconciliação de Portugal e Brasil.

Quia multis et magnis tempestatibus
vos cognovi fortes fidesque mihi...
Sallustio.

NUNCA a lisonja mascarada poude,
Por mais que me acenasse co' a fortuna,
Extrahir-me da mente uma só rima
Em cortezana gala.

Hoje sobre a minha alma funde o Estro;
Qual aguia vigorosa me arrebata
Ao magnifico alcaçar que allumia
A presença de Phebo.

Enfio a senda que trilharam Vates,
E em magestoso assento avisto aquelles
Que hoje na terra, em pó, calados jazem
No sepulchral silencio.

Um se levanta, e grita: «Alcipe!... Alcipe!...
«Toma o laúde, a Patria afoita applaude;
«Canta como cantei, altêa as vozes,
«Tanto o assumpto demanda.»

A auréola que a egregia frente lhe orna
Mais brilhante parece, mais realça
O Vate, que atrevido Apollo encara,
E altivo assim lhe falla:

« Vales tu, Deos lustroso, o nosso Numen,
« Que com mão paternal do throno emborca
« Sobre os Povos torrentes de socego,
« Ha tanto foragido?...

« Repartiste do Ceo o azul dominio
« C'o teu Phaetonte? Acaso em aureo laço,
« Ao teu coração preso, lhe impediste
« Precipitada queda?

« Os teus raios acaso, competindo,
« Na miuda attenção, co' a Providencia,
« Depositam nas mãos do filho um solio?
« Domam feroz discordia?

« Espavorida aos antros se retira
« Essa filha do cahos; brama, espuma,
« Em quanto vem guiando horas ditosas
« Afortunados dias;

« Dias de paz, cercados dos sorrisos
« Com que as Graças decoram a Abundancia;
« Em que, sem deslustrar-se a dignidade,
« Se afortunam Imperios.

« Do mar, vedado á Industria, se abre a porta;
« Da Fluminense praia varre ambages
« Astuta a Sapiencia, e a dextra augusta
« Do melhor dos Monarchas.

« Quem do futuro o véo levantar póde?
« Quantos bens tem o cofre do Destino
« Ainda aferrolhados? mas previstos
« Pelo Pae, pelo Filho!

«Ingratos corações, suffocai sustos:
«A grandeza, a extensão reside em almas:
«Prestai meios de gloria a quem vos rege,
«Vencei as Syrtes d'Africa.

«Mora no seio d'espelunca ignota,
«Insondavel aos myopes humanos,
«Uma Deosa, que paga heroicos feitos
«Com premio immarcessivel:

«Seu cortejo são seculos e seculos,
«Heras, que em seus dominios reverdecem;
«Ornam seus aposentos aureos cofres,
«Cheios de grandes nomes:

«São palmeiras giganticas que assombram
«O portico da entrada: Lusitanos!...
«Com fadigas honrosas apressai-vos
«A colher os seus ramos.

«Gama, Cabral, zombando de borrascas,
«(Como vós podeis ir) foram colhê-los:
«Vencei Numidas, renovai Palmiras,
«Ganhai a Eternidade.»

ODE

Á instalação dos Inválidos no Hospital que mandou fazer em Runa S. A. R. a Princeza D. Maria Francisca Benedicta.

25 de Julho de 1827.

Salve, ó bosques c'roados de verdura!
Solidões, onde livre o pensamento
Contempla só acções cuja grandeza
Fixa os extasis d'alma!

Do pó vulgar os turbilhões me enojam;
De fabulados Numes a influencia
Não deixa formar sons que dignos sejam
Do assumpto que me enleva.

Vem, Filha de Sião! Divino influxo,
Qual na sarça de Horeb ardeo outr'ora,
Uma chamma os meus labios purifique,
Relatarei verdades.

O Ceo attento hoje olha para a Terra:
Qual pura exhalação que vem das nuvens,
Um Anjo desce, ou se converte em Anjo
Uma excelsa Princeza.

Em vão saío dos tubos inflammados
Terrifico trovão, sulfureo raio;
Foram silvando as balas, e abatendo
Numerosos humanos:

Inundou pranto amargo roseas faces
Das filhas, das esposas, das viuvas:
Tudo esqueceo á Gloria, não attende
O dó perpetuo luto.

Só tu, Regia Maria, tu que pésas
Da humanidade as penas, que avalias
O vinculo suave em que se apertam
Os corações sensiveis;

Tu, que em teu coração juntas thesouros
De virtudes, no olvido sepultadas,
Das generosas mãos sóltas torrentes
D'alivio, aos infelizes.

D'Inválidos o brado, o Ceo piedoso
Recolheo em teu peito compassivo;
E com teu Nome as Eras devolvendas
Se adornarão gostosas.

ODE

Imitada da ode 2.ª do livro 1.º d'Horacio:

Jam satis terris nivis, etc.

Anno de 1813.

JÁ sobre a terra Jove desabrido
Geada e pedra assás lançou; seus raios,
Despedidos da mão abrazeada,
Os templos arrazaram.

Aterrou tanto os povos, que temiam
Voltasse o infausto seculo de Pyrrha,
No qual Protheo levou pastar os Phocas
Ao cume das montanhas.

Então se viram cousas nunca vistas:
Onde as aves sabido asylo tinham
Peixes dos ramos pendurados viam,
Nadavam n'agua os gamos.

Vio-se o Tibre torcer violento as ondas
Que a Etruria repulsava contra Roma,
Derrubando de Numa o paço excelso,
E a capella de Vesta:

Vio-se inundar de Roma a praia extensa;
Presumindo vingar d'Ilia os ultrajes,
Jactar-se no poder de dar-lhe alivio
Contra o que os Ceos mandaram.

Mas um dia, os que o ferro poupa, raros,
Hão de saber com pasmo que Romanos
Contra Romanos são: quão melhor fora
Lutar só contra os Persas!

Que sanguineos combates! que injustiças!...
Qual Nume invocaremos que previna
Do Imperio vacillante a queda horrivel,
Quando tudo são erros?

Que preces fervorosas, sacras virgens
Hão de off'recer a Vesta, que as rejeita?
Qual victima que expie tantos crimes
Hão de escolher os Deoses?

Deos dos Auguros, vem, brilhante Apollo!
Desce das nuvens, cede a nossos votos;
Ou de amores e jogos rodeada
Desce tu, Venus linda!

Ampara a creação, de que és origem:
Ou Marte, se está farto de combates,
De gritos dos soldados, dos armurios
Ensopados em sangue,

Venha, por comprazer-te, soccorrer-nos:
Venha da bella Maia o filho alado,
Tome o gesto e figura do Reinante,
Que á Regia mãe succede:

Demore-se entre nós, expulse as feras
Que em forma humana infestam nossos ares,
Cujo dente feroz nos membros cravam
Dos Scipios, dos Emilios.

Nereo amanse o mar, almo Favonio
Guie o lenho que o torne a nossas praias:
Ah! vem, Principe, vem; o teu aspecto
Ha de assustar os crimes.

Astro eminente brilha, vem, consola
O povo consternado ha tanto tempo:
Não te desgostem vicios delle, ou forcem
A de novo eclipsar-te.

Ah! recrêa-te em ser o Pae da Patria;
Verás em côro os orphãos, que te chamam,
Escapando ao rigor de iniquos ferros,
Cantar teu nome augusto.

ODE

Á MORTE DE MEU IRMÃO O MARQUEZ D'ALORNA D. PEDRO D'ALMEIDA.

(Imitada da ode 21.ª do livro 1.º d'Horacio:

Quis desiderio sit pudor, etc.)

Anno de 1813.

QUE limite porei á dôr, ao luto
Com que tão caro objecto chorar devo?
Ordena o canto, lugubre Melpomene,
Filha do Deos dos Versos.

Tu, que teu Pae dotou de voz canora,
Unida á lyra harmonica, suspira:
Perpetuo somno opprime o heroico Alorna,
Triumpha delle a morte!

Supplica branda não demove o Fado,
Quando uma vez, c'o a vara inexoravel
De Mercurio, ao rebanho tenebroso
Aggrega qualquer alma.

Honra, justiça, irmãs incorruptiveis
Da boa fé, da nitida verdade,
Onde achareis alguem igual d'Alorna?...
A terra não tem tanto.

Muitas lagrimas esta morte custa!
Nenhumas tão amargas como as minhas:
Em vão devota os Deoses importuno,
Nem tem credito as preces.

Os Deoses por um tempo nos emprestam
Sobre a terra o que é digno só do Olympo:
Nas eternas moradas se recolhe,
Desampara os humanos.

Se nas selvas, com citara suave,
Eu, qual Thracico Orpheo, cantar soubera,
Nem assim voltaria o sangue, a vida
Á sombra vã que foge.

Destino fero!... Mas a paciencia
Aligeira os pezares, os desastres
Que não pode vencer força nem arte,
Que a razão não corrige.

ODE

Á Fortuna.

(*Imitada da ode* 30.ª *do livro* 1.º *d'Horacio:*

O Diva, gratum quæ regis Antium, etc.)

Anno de 1813.

Despotica Fortuna, Deosa d'Antium,
Que do abysmo levantas quem te agrada,
Que em funeraes convertes os triumphos
Junto aos umbraes da Gloria:
Com Jove competindo,
Geraes preces te cercam:
O pobre lavrador submisso te insta
Que fecundes seus campos, seus trabalhos.

Do mar dominadora, a ti recorre
O vaidoso Bretão que affronta as ondas;
O fero Dace, o Scytha vagabundo,
Os guerreiros Latinos,
Os Russos generosos,
Preces, votos te enviam:
Gentes, Cidades, Reis, mesmo os tyrannos
Mal poderão vencer sem teu soccorro.

Todos te adoram, Deosa, todos tremem
Que irritada, transtornes a columna
Que estêa do Poder o erguido templo;
Ponhas nas mãos as armas
Aos povos inquietos,
E as armas assumindo
Os preguiçosos mesmo, alento tomem,
E abalem dos Imperios o alicerce.

Seva Necessidade te precede;
Nas mãos de bronze traz pregos, martellos,
Cunhas, fouces, e chumbo derretido:
Mesmo a doce Esperança,
A pura Lealdade,
D'alvas roupas vestidas,
Não desdenham teu sequito pomposo,
Não se envergonham, não, de acompanhar-te:

Á colera não temem, quando arrojas
Por terra altos palacios, quando em luto
Te mostras assustando almas cobardes.
A plebe infida foge;
As Nymphas delicadas
Eclipsam-se com susto:
Se a meza diminue, o vinho acaba,
Acaba o dó, falsos amigos vão-se.

Que te fizeram, Deosa, os Portuguezes?
Nesse enxame d'Heroes vigia attenta;
Iguala a seu valor da Fama o brado.
Pasmou-se o Sol nascendo
Quando observou seus feitos;
Do mar Vermelho a praia
Soube os heroicos nomes: hoje a inveja
Applaude o valor só, mas cala os nomes.

Ó justiça do Ceo! d'onde deriva
Tão enorme castigo?... Vem d'aquelles
Que em desestima tem raças heroicas:
Vem de quem troca
A justiça por odios,
A patria por empregos;
Faz da virtude crime, lei da força,
Anulla a gratidão, risca a nobreza.

A que excessos crueis não tem chegado
Nesta idade de ferro ambição louca!
Que não teem intentado os presumidos!
Teve o medo dos Deoses
Poder para coarctar-lhe
A audacia dos delictos?
Que altar vos escapou? que lei sagrada
Não quebrou sem pudor o vosso arrojo?

Profanos! reforjai vossas espadas,
Que as domesticas lides embotaram;
Os gumes amolai nos peitos Gaulos,
Que em perfidía excedem
Arabes fraudulentos,
Ferozes Massagetas:
Não é contra Patricios que s'illustra
O brio, o verdadeiro amor da Patria. (1)

(1) O verdadeiro assumpto desta ode é a escandalosa affectação com que na illuminação da festa nacional em Vauxhall, perto de Londres, se occultaram todos os nomes dos Generaes Portuguezes.

(Nota da auctora).

ODE

A meu Filho (1).

(Imitada da ode 2.ª do livro 3.º d'Horacio:

Angustam, amici, pauperiem pati, etc.)

Anno de 1813.

Convem que aprenda nas mavorcias lides
O mancebo a soffrer dura pobreza;
Que co' a lança enristada rompa os Francos,
Pasme os Bretões vaidosos.

Que no seio do risco os dias passe,
Que na raza campanha passe as noites;
Que ao fero aspecto seu tremam de susto
As esposas, e as noivas.

Ai de nós! (suspirando, afflictas digam)
Não queira o Ceo encontrem os consortes
Leão tal, que entre mortes ira impelle
A devorar quem topa.

Pela patria morrer é nobre, é bello;
Inutil é fugir; persegue a morte
O timido que vil as costas volta;
Não dá quartel aos fracos.

(1) O Conde d'Oeynhausen.

Eia, filho! a virtude não acceita
Repulsas que lh'envia a torpe inveja;
Não dependem do arbitrio vão da plebe
Honras que intacta alcança.

Pelos ares vedados abre estrada
Aos Heroes immortaes, aos Ceos os leva;
Longe do terreo lodo, e vulgo insano,
Rapido vôo toma.

Premio certo tambem alcança aquelle
Que os mysterios divinos respeitando
No coração os guarda, e a vida inteira
A Deos e ao bem consagra.

Não quizera viver com quem profana
Religioso rito; aventurar-me
No mesmo lenho, sobre as ondas bravas,
Com infieis, com impios.

O desprezo das leis os Ceos irrita:
Quem sabe se innocentes e culpados
Confundiria o Ceo, quando o castigo
Infallivel descesse?

Bem que tardía e coxa seja a Pena,
Que pareça dormir ou descuidar-se,
Attinge em fim quem erra, não escapa
O impio ao que merece.

ODE

Contra a Avareza.

Imitada da ode 2.ª do livro 2.º d'Horacio:

Nullus argento color est, etc.

Nada brilham nas minas as palhetas
Desse metal, que tenta o peito avaro;
Mudo e quêdo adormece nas gavetas
De um Harpago infeliz, que sem reparo
Troca pela figura
A real existencia da ventura.

Filhos meus, o dinheiro é precioso
Quando se emprega bem, quando soccorre:
Servio de pae Proculeo generoso
A seus irmãos; quem faz o bem não morre;
A Fama que o decanta
Sobre montes d'idades o levanta.

Imperar sobre si é grande imperio;
Muito mais é que unir duas Carthagos,
Juntar a Lybia ao territorio Iberio:
Sem temer sedições, guerras, estragos,
Tem ventura e riqueza
O que vive ao nivel da Natureza.

Se alguem no peito affaga a sede d'ouro,
Qual hydropico bebe, e augmenta a queixa;
Nunca se farta ao pé do seu thesouro,
E sem fartar-se, o seu thesouro deixa
A prodigos herdeiros,
Que o motejam, gastando os seus dinheiros.

A Virtude é que apaga ou cria o nome;
Só ella, não os Reis, é quem premêa
O General que soffre e doma a fome,
Desprezando os que a pompa só rodêa:
Ignorantes vaidosos
Lança fóra da lista dos ditosos.

A Virtude é que afoita o mundo ensina,
E dos idolos vãos que a plebe adora
Sem pejo e com valor rasga a cortina;
Põe os louros, que o tempo não devora,
Sobre a frente do Justo
Que segue o bem, e os males vê sem susto.

ODE

A Henriqueta, minha Filha.

(Imitada da ode 11.ª *do livro* 1.º *d'Horacio:*

Tu ne quæsieris (scire nefas) quem mihi, quem tibi, etc.)

Anno de 1820.

Não procures saber, querida Irene,
Se a mim, se a ti, os Deoses concederam
Da vida um termo proximo ou distante:
Não convem tal exame.

Não indagues os calculos incertos
Que produzem horóscopos confusos;
Melhor será soffrer que descobri-los:
O que vier acceita.

Ou nos dê Jove invernos numerosos,
Ou neste, que do Tejo açouta as aguas,
Atropos corte o fio a nossos dias,
Recear é fraqueza.

Gosta os fructos da Quinta do Descanço (1):
Para longa esperança o espaço é breve;
A idade foge em quanto discorremos:
Aproveita os momentos.

Submette o fado á tua independencia,
Une á lyra suave a voz celeste,
Doira as horas que tens, vive bem hoje,
No porvir não te fies.

(1) Nome que a auctora poz ao praso denominado da Féteira, situado em Almeirim, que havia doado á dita sua filha, hoje Dama Camarista de Sua Magestade a Senhora D. Maria II.

ODE

A Frederica, minha Filha.

Imitada da ode 4.ª do livro 1.º d'Horacio:

Solvitur acris hyems, etc.

O rispido inverno cede
Á serena Primavera,
Volta o macio Favonio,
Boreas a furia modera.

Por engenho ao mar trazidas
Vem as quilhas dessecadas,
O lavrador larga os lares,
Largam o aprisco as manadas.

Os prados já não alvejam
Com saraiva enregelada,
Já Venus os coros guia
Ante a lua prateada.

As decentes Graças travam
Co' as Nymphas alegre dança,
A compasso a terra batem,
Gira um pé que est'outro alcança:

Em quanto Vulcano abraza
Essas bigornas ruidosas
Onde incançaveis Cyclopes
Forjam farpas sanguinosas.

Convem de flores ou murta,
Que brota aquecida a terra,
Cingir a nitida frente,
Esquecer Mavorte e a guerra.

Convem nos bosques umbrosos
Immolar com sacro rito
O que ao Fauno mais agrada,
Ovelha mansa, ou cabrito.

Indistinctamente pisa
Com firme pé sempre a morte
Do pobre pastor a choça,
Do Rei o castello forte.

Filena amada, reflecte:
Da nossa vida os limites
Prohibem longa esperança;
Vive alegre, não hesites.

Já sobre nós vem descendo,
Já pésa a noite funesta;
Plutão funebre e os seus Manes
É quanto ao depois nos resta.

Então nas oucas moradas
Não tem lugar os festejos,
A sorte não favorece
Nem projectos nem desejos.

ODE

A G.*** (1)

(Imitada da ode 22.ª do livro 1.º d'Horacio:

Musis amicus, etc.)

Ás Musas dedicada, amando as Musas,
Os sustos, a tristeza
Entrego aos ventos turbidos que os levem
Até o mar Cretense,
E mui longe de mim nelle os sepultem.
Hoje pouco m'importa
Qual Rei nas plagas de Calisto assusta
As regiões geladas;
Qual borrasca imprevista abala o solio
De Tiridate altivo.
Musa, que amas das fontes a frescura,
Que em seu cristal te miras,
Vem comigo colher flores mimosas
Das que cercam Pimpléa,
E seu aroma a mente corrobora:
Coroa matizada
Tece ao juvenil Sabio que honra a Patria:
Sem ti, doce Camena,
Que direi que convenha á gloria sua?
Tu e as Irmãs celestes,
Só, podem renovar d'Alceo, de Sapho
As harmonicas lyras,
Que devem consagrar delle as virtudes,
Com que a Patria restaura.

(1) José Antonio Guerreiro, Deputado ás Côrtes, Ministro e Secretario de Estado, *etc.*

ODE

SOBRE A PROJECTADA JUNCÇÃO DA VALLA COM O ALPIAÇOULO, EM ALMEIRIM.

(Imitada da ode 6.ª do livro 1.º d'Horacio:

Laudabunt alii claram Rhodon, etc.)

LOUVEM Rhodes illustre outros Poetas,
Celebrem Mytilene,
Da bimaria Corintho os muros cantem,
D'Epheso o grande templo:
Louvem do excelso Apollo e Baccho a patria,
Thebas insigne, e Delphos;
Da Thessalica Tempe os arvoredos,
Os valles deleitosos.
Vates ha, que em seus numeros sublimes
Perpetuamente exaltam
Da intacta Pallas a cidade culta;
E os ramos d'oliveira
Colhendo sempre, a frente delles ornam:
Muitos, honrando Juno,
Argos applaudem, productora egregia
De corceis generosos,
Ou gabam a opulencia de Mycenas.
Quão diverso é meu gosto!
A mim pouco m'importa a austera Esparta;
Nem os bosques frondosos,
Nem as planicies ferteis de Larissa
Me tocam tanto n'alma

Como o ameno Almeirim, o Alpiaçoulo;
Nelle a Nympha amorosa
Murmura na caverna, e chama a Valla
Que d'Alpiarça desce:
Seus cristaes fecundantes, confundidos,
Refrigerando os prados,
A saude, a abundancia a nossos lares
Virão trazer alegres.

ODE

Á MINHA LYRA.

(Imitada da ode 28.ª do livro 1.° d'Horacio:

Poscimus, si quid vacui sub umbrâ, etc.)

Se comtigo pelos bosques,
Lyra doce, andei cantando,
E vencedores do tempo
Fui meus numeros juntando:

Não me abandones agora
Quando as penas me devoram;
São os teus sons deleitosos,
Que a morte e Parcas demoram.

Alceo entregue a cuidados,
Lutando por mar e terra,
Da lyra inventor, cantava
Por entre horrores da guerra.

Ora Baccho, ora as Camenas
Com aurea voz invocava,
Ora as madeixas e os olhos
Da Cypria Deosa louvava.

Tu Lyra, que Apollo adornas,
Que exaltas Jove nas festas,
Que afugentas dissabores,
Domas saudades molestas;

Lyra minha! não me deixes:
Se nenhum bem mais alcanço,
Acharei nos teus acordes
A fonte do meu descanço.

ODE

A uma Fonte.

(Imitada da ode 9.ª do livro 3.º d'Horacio:

O Fons Blandusiæ, etc.)

Fresca fonte, cujas aguas,
Mais claras do que o cristal,
São dignas de um sacrificio
Que agrade á Nay'de immortal:

Cercando a testa de flores
Heide immolar-te um cordeiro
Que já tem turgida a fronte,
Que em vão pede o Deos flécheiro.

Não espere a Cypria Deosa
Para si victima igual;
Tua gelida morada
É digna de um culto tal.

O fogo ardente que darda
A Canicula inflammada
Não te attinge; tu refrescas
O gado, e a gente cançada.

Fatigado da charrua,
O boi junto a ti descança;
Pela calma perseguida
Te procura a ovelha mansa.

Tu m'inspiras, nobre Fonte,
Teu murmurar me recreia;
Tuas cavas rochas canto,
E esse azinho que as sombreia.

A natureza me acolhe,
Tudo o mais de mim se affasta:
Eis-aqui quanto a Ventura
Me concede; isto me basta.

ODE

Imitada da ode 17.ª do livro 2.º d'Horacio:

Non usitata, nec tenui ferar, etc.

Da inveja vencedora, em nova forma,
Com desusadas pennas, ave altiva,
Rompendo os ares liquidos, mui longe
Irei do terreo globo.

Uteis mysterios, lucidas verdades
Me consagraram Vate; a Morte mesma
Co' a fouce, envergonhada, retrocede,
Submette-me o futuro.

Não morrerei; pasmados os tyrannos
Saberão que no tumulo não caibo;
Que em vão da Stygia as ondas somnolentas
Intentam comprimir-me.

Já me alveja a cabeça; as brancas plumas
Sobre todo o meu corpo se diffundem;
Sinto nos hombros musculosas azas
Que do chão me remontam.

Cysne canoro, atravessando as plagas
Mais veloz do que Dedalo voando,
As margens hei de ver do ameno Tejo,
Hei de ouvir-lhe os gemidos.

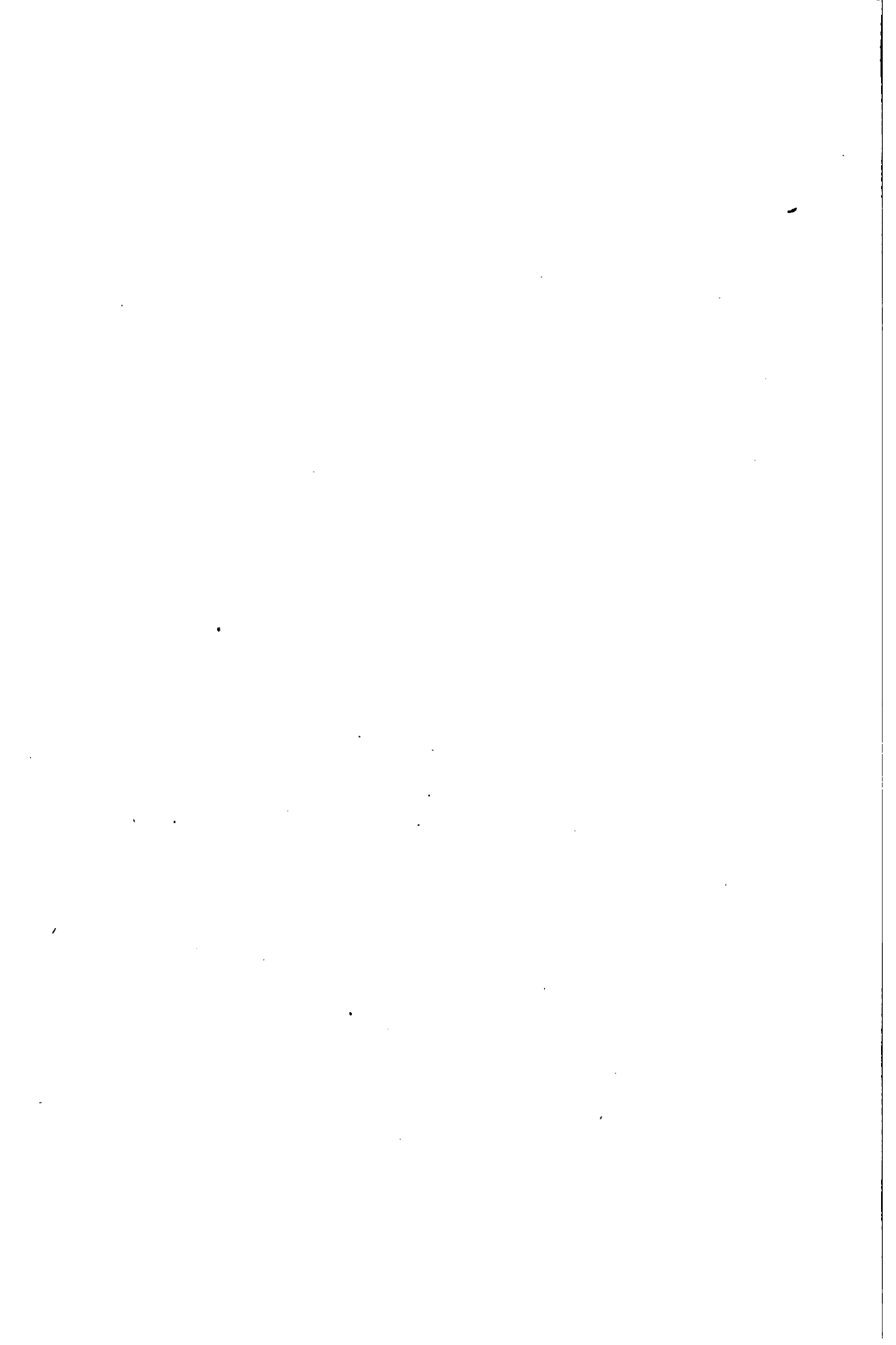
O Tibre, o Sena, o Ebro hão de acolher-me.
Vós, que d'agua immortal bebeis do Hemus,
Quando a luta feroz findar (1), meus hymnos
Entoareis gostosos.

A par dos Cysnes de Venusa e Cordova,
Afoita irei soltar notas saudosas
Sobre as rochas que a praia bordam do Ister,
Sobre os campos Panonios.

Humanos! (se é que humanos me conhecem)
Não perturbeis com lugubres officios,
Com funebre apparato a minha gloria;
Supprimi epicedios.

Ah! vergonhosas lagrimas não reguem
Meu sepulchro vasio; altiva e forte,
Em meus cantos harmonicos vivendo,
Alcançarei vindoiros.

(1) Quando acabarem as consequencias das revoluções.
(Nota da auctora).

ELEGIAS.

ELEGIA

Á morte de S. A. R. o Principe D. José.

QUAL dos Deoses impoz este tributo
Á Lusitania, que elles tanto amaram?
Quaes são os nossos votos? qual o fructo?

Já de Affonso as virtudes não bastaram,
Já de João pendeo a Lusa gente,
E nem por isso as Parcas vacillaram.

Tu, que na idade mais resplandecente,
Gentil Theodosio (1), o Phlegetonte viste,
Tu preparaste o passo ao mal presente.

Porque tão cedo, ó Principe, fugiste,
Calcando o sceptro, as lanças, os arnezes,
A apagar-te do Lethes n'agua triste?

Até quando, infelizes Portuguezes,
Se hade occupar a Musa enternecida
Deste assumpto, chorado tantas vezes?

Mas que nuvem lá rompe denegrida?...
Que trovão lá rebenta estrepitoso?...
Eis-me, oh Parca! — Mas poupa aquella vida.

(1) Filho d'ElRei D. João IV.

Ai de nós!... É José, brando, piedoso,
Com quem se mostra o Ceo inexoravel!...
Oh morte! Oh morte! Oh golpe rigoroso!

Gela o terror o Povo inconsolavel,
Cede o silencio ao lugubre alarido,
E os Ceos atrôa um echo lamentavel.

Qual d'Epidauro o templo fementido
Afoito arrazaria, se pudera;
Qual co' a morte lutára embravecido.

O pezar em excessos degenera;
Contra tudo e com todos s'enfurece
A dor viva, que leis não considera.

Eu, que n'alma a esperança m'esmorece,
Dos meus proprios desastres nada vejo;
Só vejo a Mãe e a Esposa que padece.

Um caduceo benigno só desejo;
E o poder d'applacar-lhe acerbas penas
É dos cargos honrosos quanto invejo.

Mas tu, dura etiqueta, tu condemnas
Quanto inspira a suave humanidade,
Sem alterar as condições terrenas.

Geme a lisonja, geme a sã verdade;
Uns e outros gemidos equivocas,
Confundes o interesse co' a piedade.

Em meus olhos verás lagrimas poucas,
Que não sei dissolver nesses chuveiros
Pezares grandes, que em ligeiros trocas.

Bradem lá os ruidosos lisongeiros,
Que eu junto a minha voz á voz do povo,
E misturo os meus ais c'os verdadeiros.

Levanto as mãos aos Ceos, Principe novo;
E para consolar a Patria afflicta,
A apagada esperança lhe renovo,
Pois vejo em ti o que ella necessita.

ELEGIA

Á morte do Marquez de Lavradio, dirigida a seu filho D. Francisco d'Almeida Portugal, hoje Conde do mesmo titulo.

Quem morre não morreo, partio primeiro.
Camões. Eleg. 20.ª

Sobre um marmoreo tumulo sentada,
Dolorosa Elegia, vou formar-te
Na lyra, de cyprestes enramada.

Resoe o meu gemido em toda a parte:
Illustre Almeida, o sangue, a sympathia
Comigo a tua dor tambem reparte.

A minha tão penosa fantasia
Me debuxa o momento desgraçado
Em que a morte o que amavas te sumia.

O som desse suspiro magoado
Em que a vida exhalou teu Pae, escuto,
E vejo o seu despojo inanimado.

De lagrimas amargas um tributo
De teus olhos exige a Natureza,
Mas veda-lhe a torrente o interno luto.

Dissolve o pranto, excessos de tristeza:
Mudo, pallido soffres, demonstrando
Valor hereditario na firmeza.

No gremio da esperança repousando,
Mostra-te a Fé teu Pae aos Ceos levado,
E no Eden eterno triumphando.

De caducos sentidos despojado,
O juvenil vigor alegre assume,
E o terreo lodo sente dissipado.

Já da fouce da Morte embota o gume;
Da vasta mente as forças desenvolve;
Tudo entende, ao clarão do eterno lume.

Em delicia immortal sua alma envolve;
E se do mundo ingrato se recorda,
Com piedade celeste o mundo absolve.

Como de um sonho fugitivo acorda;
E aquella luz que a mente lhe allumia
Da Verdade infinita é que transborda.

Sobre os astros a sã philosophia
Não é, como a da terra, duvidosa;
D'evidencia a reveste immortal dia.

A saudade é comtudo tão teimosa,
Que julgas *perder tudo* o Pae perdendo,
Cuja memoria existe gloriosa.

Mas ah! que o teu pezar heroico entendo!
O mundo está deserto, na verdade:
Cessou o exemplo que lhe deo vivendo;
Porêm triumphe a gloria da saudade.

CANTO FUNEBRE.

CANTO FUNEBRE,

OU EPICEDIO DE UM MORTO VIVO.

QUE denegridos cyprestes
E que funebre penedo
Encobre a meus tristes olhos
O sublime Godefredo! (1)

Mil suspiros derramai,
Aonias Nymphas, chorai.

Pouco tinha o sol girado,
Quando na florente idade
Já com seus briosos feitos
Penhorava a Eternidade:

Mil suspiros derramai,
Aonias Nymphas, chorai.

Em sua alma reluzia
Ora o Cid, ora Tancredo;
E via-se transformado
Achilles em Godefredo.

Mil suspiros derramai,
Aonias Nymphas, chorai.

(1) O Conde de Sabugal, D. Manoel Mascarenhas.

Tudo da faminta morte
Foi preza em poucos momentos:
Apagaram-se as virtudes
E os heroicos pensamentos.

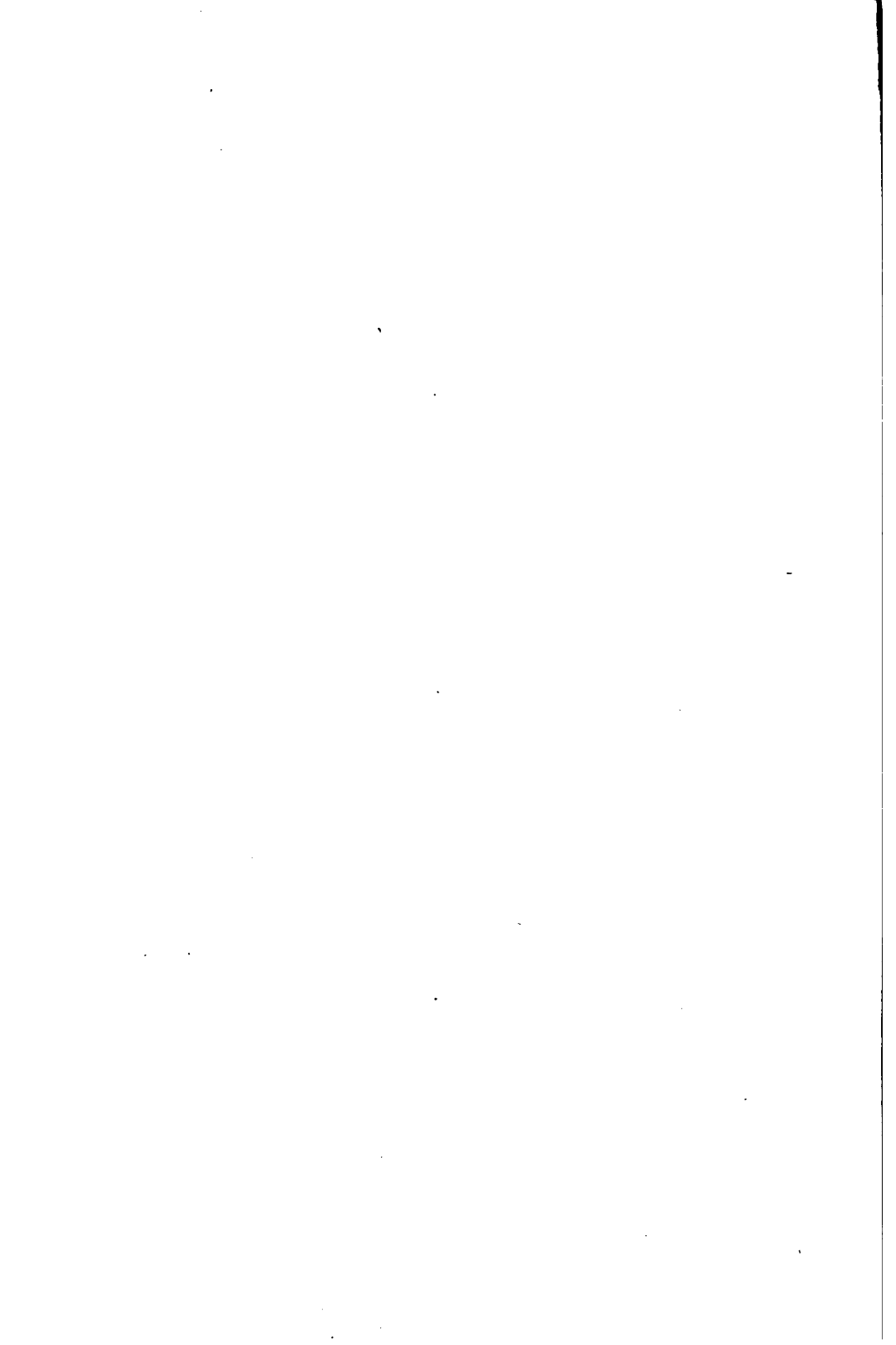
Mil suspiros derramai,
Aonias Nymphas, chorai.

Se a Virtude milagrosa
Póde aquecer cinzas frias,
Rompa esta campa, e renove
A Godefredo os seus dias.

Mil suspiros derramai,
Aonias Nymphas, chorai.

Saia do funereo reino,
Veja a clara luz do Ceo;
Minha lyra á morte o roube,
Bem como a lyra d'Orpheo.

Doces versos espalhai,
Aonias Nymphas, cantai.

EGLOGA.

EGLOGA

A Holstenio (1).

Vós, Musas Lusitanas, novo canto
Empr'endei hoje: acabe o antigo pranto.
Se os arbustos, se a sombra do arvoredo
Nem a todos convém; eu, que em segredo
Nas selvas sólto assim minha cantiga,
Cousas dignas d'Holstenio em verso diga.

Acabaram-se os seculos preditos;
Chegou a idade d'oiro, que os escriptos
Da Sybilla Cuméa annunciaram.
Os dias de Saturno ou já voltaram,
Ou no oriente apontam: volta Astréa,
Que os desenvoltos erros encadêa.
A raça ferrea acaba: aurea progenia
Desce dos Ceos; scintilla Holstenio, Eugenia.
Astros meus, não tardeis! — Gentil mancebo,
Dissipa-nos as trevas deste Erebo.
Brilharás como Apollo, a quem semelhas;
E do teu genio grande igneas centelhas
Consumirão as fezes da ignorancia:

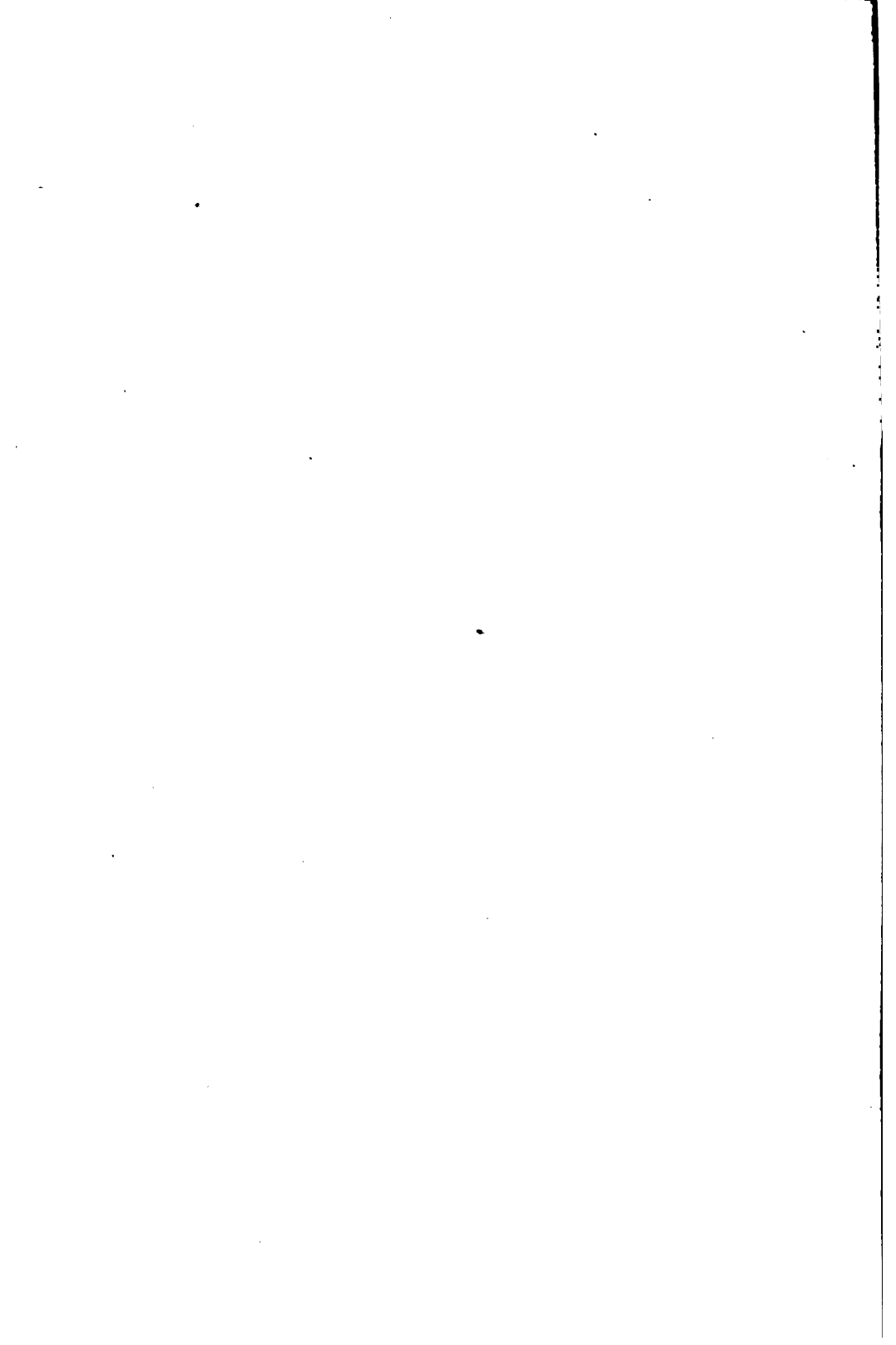
(1) D. Pedro de Sousa Holstein, hoje Duque de Palmella. Esta egloga é uma imitação da 4.ª de Virgilio, intitulada = *Pollio* =, e foi feita em Inglaterra, por occasião de chegar ali a personagem a quem se allude.

Assim nos promettia a tua infancia,
Assim nos afiançam teus progressos.
Farás nascer razão, cessar excessos;
O tempo adornarás, e nova gloria
Reflectirá d'Alcandro na memoria.
Irão correndo os mezes mais ditosos;
Desmaiarão os crimes aleivosos:
Acalmarás discordias agressoras,
Que envenenam da vida as curtas horas:
A Virtude banida, restaurada
Irá prestar soccorro á Patria amada;
E as paternas virtudes renovando
As dores nacionaes irás sarando.

Has de emular Heroes, e a Divindade,
Se arrancares das trevas a Verdade:
Se qual Glauco venceres a Chymera,
As flores espontaneas, c'roa d'hera,
De fresco inhame e acantho entrelaçada,
Te ha de off'recer a Terra consolada.
O gado farto, nos curraes tranquillo,
Ha de abundar em leite; hão de mugi-lo
Nitidas mãos em taças d'oiro puro:
Ha de contra o leão medrar seguro
O rebanho, até 'gora perturbado;
Nem do guerreiro injusto e arrebatado
Ha de temer ardís: planta nociva
Nunca mais brotará. Na calma estiva
Qual orvalho benigno aqui chegaste,
E a inculta e secca terra refrescaste.
Vê como exhala essencias preciosas,
Produz qualquer arbusto assyrias rosas;
E do seio feliz desta mudança

Nasce, qual flor, nas almas a esperança.
Se a pudesse eu cantar, se no Universo
Teu louvor espalhasse altivo o verso,
As espigas maduras nasceriam,
Dos abrolhos as uvas penderiam;
Ver-se-hiam carvalhos eminentes
Transsudando de mel aureas torrentes.
No caso que restasse algum vestigio
D'antiga fraude, do vapor estygio;
Se Avareza, que tem de bronze o peito,
A Thetis insultasse o vitreo leito
Pela sede do ganho; se com muros
Os cidadãos se cressem mais seguros;
Se o fertil chão, cortado em porções varias,
Favorecesse as mãos mais temerarias;
Typhios veremos, d'Argos constructores,
Argonautas, e mais exploradores,
Cuja voracidade não desmaia,
Que irão desembarcar na Iberia praia:
Novas Helenas, guerras motivando,
De Troya á queda os Gregos provocando.
Olha, Holstenio, estes males; não vacilles,
Vence-os todos, que has de exceder Achilles:
A Terra, os Ceos, o Mar, tudo t'implora;
Restaura os Ceos, a Terra, e o Mar agora.
   Os Seculos, teu nome celebrando,
O irão comigo aos astros levantando:
Para cantar motivo tão sublime
O Ceo mesmo em meu peito força imprime.
Nem Thracio Orpheo co' a lyra transcendente,
Nem Lino, de quem é sempre virente
A laurea c'roa, hão de igualar meus hymnos,

Bem que os influxos seus sejam divinos.
A Musa a minha voz conforta e guia,
Apollo a propria lyra me confia.
Fosse Pan meu rival, tu meu assumpto,
O Deos flautista havia arriscar muito:
A Arcadia em coro os versos meus louvara,
E o Numen, sem receio, condemnara.

SONETOS.

SONETO

A um filho da auctora que morreo poucos instantes depois de nascer.

Em fim passaram estas tristes horas
Que o destino cruel tinha prescripto,
E das minhas entranhas ao Cocyto
Te levam, filho, as Parcas aggressoras.

Lá do seio da Morte, onde hoje moras,
Não venhas lacerar-me o peito afflicto;
Da consternada mãe escuta o grito,
E fica em paz nas trevas dormidoras.

Mas ai de mim! querido desgraçado!
Se ao menos no meu terno pensamento
Tu pódes existir, cresça o cuidado:

A força do materno sentimento
Te fará renascer, filho adorado,
Bem que eu morra d'angustia e de tormento.

SONETO

A minha Mãe.

NATUREZA! quaes leis difficultosas
Ao brando coração meu impozeste?
A quaes devo seguir, com quaes quizeste
Subjugar as paixões imperiosas?

Quando escuto da Mãe vozes queixosas
Que me pedem a filha que me déste,
Arranco-a do meu peito a que a prendeste,
Sem ver deste as feridas sanguinosas.

Mas apenas cedi, mais alto bradas,
E do materno amor golpe violento
As entranhas-me deixa laceradas.

Se a não largo, qual é o meu tormento!
Se lha dou, quantas horas desgraçadas!
Barbara lei, difficil vencimento!

SONETO

A Guilherme Stephens, fundador da grande Fabrica de vidros no logar da Marinha, pouco distante de Leiria.

HEROES famosos, gente generosa,
Já dos dentes das feras se geraram;
Já os muros de Thebas levantaram
Os doces sons da lyra harmoniosa.

Uma vez da Saudade á voz maviosa
Do Averno as bronzeas portas se quebraram;
Porêm destes milagres só ficaram
Vagas noções, na historia fabulosa.

Tudo creio; pois vejo nesta idade
Prodigios taes nos campos da Marinha,
Ao clarão poderoso da Verdade.

Se a gratidão futuros adivinha,
Guilherme, irá teu nome á Eternidade,
A par do Lavrador (1) da Patria minha.

(1) El-Rei D. Diniz.

SONETO

A Natercia (1).

Sonhei, pois tudo é sonho nesta idade,
Que a Fortuna do templo a porta abria,
E que Natercia alegre desprendia
As suaves cadêas da amizade.

Sôlta assim, sem remorsos, nem saudade,
Novos objectos n'alma revolvia;
Da cega Deosa os habitos vestia,
Tomava os gestos, e a velocidade.

Ah! Natercia, Natercia, quem dissera
Que na lista fatal dos inconstantes
Tão cedo esse teu nome s'escrevera!...

Acordei, e com passos vacillantes
Correndo após a barbara chimera,
Achei Natercia amiga como d'antes.

(1) A Viscondessa de Balsemão D. Catherina Michaela de Sousa Cesar e Lencastre.

SONETO

Em resposta a Natercia.

Nos vasos da lethal melancolia,
Que contêm mil liquores denegridos,
Os Deoses, dos humanos condoidos,
Lançam o dom feliz da Poesia.

Co' este dom, que desfecha a luz do dia,
Se interpretam mysterios escondidos;
Reanimam-se os mais desfallecidos,
A dor se esfuma, applaca-se a agonia.

Tu bem vês, ó Natercia, que te entendo;
E que o ferreo segredo em vão se cança
Em apagar-me objectos que estou vendo.

Teus silencios, contrarios á esperança,
Não me assustam com seu aspecto horrendo,
Que m'os explica sempre a confiança.

SONETO.

O salto de Leucade.

NINGUEM afoga Amor n'agua salgada,
Por mais que a Grecia illusa o certifique;
Bem que a sorte de Sapho assim publique,
No mar acabou Sapho namorada.

Artemisa infeliz, precipitada,
Quer nas aguas do fogo achar despique,
E não consegue mais senão que fique,
De Salamina a gloria equivocada.

Os effeitos da queda de Leucade
Não são quaes nos tem dito, porque infiro
Que muitos saltam dentro da Cidade:

Vencem Amor as damas no retiro,
Os homens em faltando á lealdade,
Este é o salto famoso lá d'Epiro.

SONETO

A M. D. M.

Dest' arte o peito um calo honroso cria.
Camões.

GLOSA.

Ó Ceo! ó Providencia! que ordenaste
A serie destes meus afflictos dias;
Se victima da força me querias,
Por que a luz da razão não me occultaste?

Na cadêa dos entes não formaste
Sem sentimento tantas penhas frias?
Um coração de rocha não podias
Dar-me a mim, como a outros que creaste?

Não quizeste; e em troco da Fortuna
A tocha da Verdade me allumia,
Quando um Sophista irado m'importuna.

Grite embora; que o brio que me guia
A crueldade mesma acha opportuna:
Dest' arte o peito um calo honroso cria.

SONETO

Feito em 1809.

Crespas as aguas, taciturno o Téjo,
Ás aureas praias suas me chamava;
E quando incerta asylo ali buscava,
A magestosa Patria ante mim vejo.

Vinha qual sempre a vio o meu desejo,
De lealdade e d'honra se adornava,
Religiosa fé, gloria brilhava
Nas mais virtudes, que eram seu cortejo.

Eis-me aqui, qual me queres, (me dizia)
Não temas que as paixões me desfigurem,
Nem que meu traje esconda aleivosia.

Ordena á multidão que todos jurem
Defender a razão, sem cobardia,
E que em amar seu Rei todos se apurem.

SONETO

Em resposta a Mr. Bathurst, em Londres.
25 *de Janeiro de* 1811.

Cysne, que rompes pela nevoa densa
Onde envolta me traz Fado malino;
Se os teus doces accentos examino
De um Numen tutelar sinto a presença.

Suave, mas tardia recompensa
D'esforços nobres que ultrajou Destino,
Na forma d'aureos sons estro divino
Vem decorar-me d'uma gloria immensa.

Já me sinto levar d'esfera a esfera,
Entrando na espaçosa Eternidade,
E anulla o seu rigor a Morte austera.

Reconstruir da Lysia a dignidade
Teu amphioneo canto bem pudéra,
Pois que o véo tira á incognita Verdade.

SONETO. (1)

LUSITANIA querida! se não choro
Vendo assim lacerado o teu terreno,
Não é d'ingrata filha o dó pequeno;
Rebeldes julgo os ais se te deploro.

Admiro de teus damnos o decoro:
Bebeo Socrates firme o seu veneno;
E em qualquer parte do perigo o aceno
Encontra e cresce o teu valor, que adoro.

Mais que a victoria vale um soffrer bello;
E assás te vingas de oppressões fataes
Se arrazada te vês sem percebê-lo.

Povos! a independencia que abraçais
Applaude alegre o estrago, e grita ao vê-lo:
«Ruina sim, mas servidão jámais!»

(1) Imitação do soneto de Pastorini, que começa = *Genova mia*, etc.

SONETO. (1)

Enfado da razão, forte Guerreiro,
Que com lucidas armas de diamante
Em batalha feroz te pões diante
Do real solio desse Deos flécheiro:

Não vês Amor rebelde, que primeiro
De lembranças phalange petulante
Junta, e te ataca com furor constante
Dentro do teu recinto derradeiro?

Vibra, forte Guerreiro, o golpe horrendo
Dessa espada de luz; por terra extincta
Caia a cohorte ao fulminar tremendo.

Amor o veja, o seu destroço sinta;
Teu carro triumphal reconhecendo,
A segui-lo algemado em fim consinta.

(1) Imitação do soneto de Vacari, que principia = *Sdegno della raggion*, etc.

SONETO. (1)

INDA não apontava a madrugada,
Quando eu com Filis junto a um choupo estava;
Ora lhe ouvia a voz doce, engraçada,
Ora aos Ceos, para a ver, luz implorava:

Verás, (lhe digo) Filis adorada,
A Aurora; (que do mar linda voltava)
Como a par della turba descórada
No Olympo tanta estrella desmaiava!

Verás depois o Sol, cuja presença,
Vence e dissipa logo esta, e aquellas;
Tal é de seu 'splendor a força immensa!

Mas não verás o que eu verei; quão bellas
Tuas feições lhe fazem, sem detença,
O que elle fez da Aurora e das Estrellas.

(1) Imitação de Manfredi.

SONETO.

Achando-se a auctora doente, em perigo de vida.

Este ser, que me deo a Natureza,
Vai desorganisando a enfermidade;
Sinto apagar da vida a claridade,
Doma as corporeas forças a fraqueza.

Vai crescendo em minha alma a fortaleza
Quanto cresce do mal a intensidade;
As portas aureas me abre a Eternidade,
E lá cessam cuidados e tristeza.

Vou amar quem sómente é sempre amavel,
Em oxigeneas luzes abrazar-me,
Nunca errar, nem temer gente implacavel.

Vou nos jardins celestes recrear-me,
E no seio de um Deos justo, adoravel,
A tudo o que me falta associar-me.

SONETO.

Ás minhas filhas, longe dellas em Inglaterra, e doente.

NÃO tem havido mal que eu não supporte;
O Fado contra mim tudo provoca;
Desfallecido o peito, a voz já rouca,
Em vão invoco um sêr que me conforte.

Adeos, queridas filhas! chega a morte;
Ouço a trombeta que um archanjo emboca;
Na eternidade o tempo se me troca,
E pela tumba fria a Patria, a Corte.

Encham de honra e piedade este intervallo,
Certas de um fim que a todos se avisinha;
Que já não vivo escutem sem abalo.

O maior dom dos Ceos na mão já tinha;
Porêm faltam-me os dias de lográ-lo:
O mundo é para os mais, a cova minha.

SONETO

A Jonio, que quer que imprima as minhas Obras.

FOLHAS de louro, e algumas bagas pecas
Basculhei nas alléas do Parnaso;
Este lixo está junto, e por acaso
Entre elle algumas flores menos seccas.

Cuidei ter rouxinoes, achei marrecas:
Tentada estou de pôr tudo isto raso;
Porêm, discreto Jonio, faço caso
De quanto neste assumpto me deprecas.

Arranjarei meus versos, sem que exponha
Sua innocencia a Zoilos sem piedade,
Que os lêam mal, e os cubram de vergonha:

E se o que dizes valem na verdade,
Livremo-los por ora de peçonha,
E vão salvos á sã Posteridade.

SONETO

Em resposta a Jonio.

TEMPERA n'outro som essa aurea lyra;
Não crê Alcipe que te causa espanto;
O seu plectro, banhado ha muito em pranto,
Destoa, geme, queixa-se, delira.

Ella assusta-se quando alguem a admira;
Com a luz da Razão destroe o encanto,
Pois do Fado o rigor tem sido tanto,
Que se canta, conhece que suspira.

O fogo com que Delio resplandece
Só é dado a quem tem contentamento;
Cercado de pezares, esmorece.

A Ventura é quem dá ao verso alento;
Sem ella o genio pasma, desfallece,
Cala-se a Musa, encurta o pensamento.

SONETO. (1)

Eu não gosto de versos, mas se acaso
Musas affaveis os seus dons me dessem,
Se algum suave assumpto me escolhessem,
Tentaria as veredas do Parnaso.

Batalhas não cantara em campo raso;
D'Enéas ou d'Achilles, se vivessem,
Proezas, com que o mundo esclarecessem,
Dessas faria pouco ou nenhum caso.

Mas se n'algum jardim visse uma rosa
De um botão lindo ornada, o genio ardente
Logo afinara a lyra sonorosa.

A frescura gentil, graça decente
É para o estro meu mais poderosa
Que todo o ardor de Phebo reluzente.

(1) Este soneto emprestou a auctora a um Cavalheiro, para elle offérecer a uma senhora em seu proprio nome.

SONETO

A Robertson, subindo em um balão, e descendo no para-quedas.

Deo nome ás aguas Icaro morrendo;
Icaro novo, os ares invadindo,
Placidamente aos astros vai subindo,
E de lá sem sossobro vem descendo:

Tanto excede na gloria este vencendo,
E obstaculos sem conto desmentindo,
Esse, que a presumpção pagou caindo,
E no fatal despenho perecendo.

Mancebos presumidos destas eras,
Não fique para vós o exemplo mudo,
Despejai a cabeça de chimeras.

Sciencia, applicação, methodo, estudo
Poem os homens acima das espheras:
Pouco importa empr'ender, saber é tudo.

SONETO

A Francilia (1).

PARA o norte d'Arcadia um bosque havia
Que os Nonacrios outeiros coroava,
E nelle a rama tanto se enlaçava
Que ali perante o sol anoitecia.

Nestes sitios de horror tudo gemia;
O Crethes venenoso murmurava,
E para lá de rastros me levava
Minha idéa, ou fatal melancolia.

Mas de repente baixa um Cysne lindo,
Que as engraçadas azas vem batendo,
E a clara luz do Ceo vai descubrindo.

Quem és? (disse eu) — *Francilia* — e foi descendo:
Á medida que fui seu canto ouvindo,
Foi-se a minha tristeza desfazendo.

(1) D. Francisca de Paula Possolo.

SONETO.

Quando assentaram praça o Marquez de Fronteira, e seu irmão D. Carlos Mascarenhas, netos da auctora.

JUNTO ás aras de Numes fabulosos
Os mancebos d'Athenas se juntavam,
E pela Patria e Fé ali juravam
Dar a vida em combates sanguinosos.

Fieis aos juramentos, animosos
As mais tremendas lides arrostavam,
E ou de louros eternos se c'roavam,
Ou seguiam os manes tenebrosos.

Juraste; vê perante quem juraste,
Vê com que acções os teus te precederam,
E o que impõe a carreira que abraçaste.

Os teus e os meus, que o Reino defenderam,
Querem de ti que proves quanto baste
Que desta raça, só heroes nasceram.

SONETO

Á restauração do Throno.

Como voltêa alegre a borboleta,
Em prado florecente, assim voltêa,
Ficções colhendo, a vagabunda idéa
De um valido de Phebo, almo Poeta.

Mas se o pezar, qual furibunda setta,
O coração sensivel lhe golpêa,
Do estro a chamma ardente não se atêa,
Não sabe revelar a dor secreta.

Tudo absorve o profundo sentimento,
É curta qualquer phrase; quem padece
Julga que a tudo excede o seu tormento.

Tambem quando a alegria muito cresce,
Como a vemos crescer neste momento,
Falla o animo, a boca é que emmudece.

SONETO.

Saudades a minha filha Julianna (1).

Bem como nos jardins florece a rosa,
Cercada de botões que o Sol affaga,
Que Favonio refresca, e não alaga
Fonte abundante, ou chuva copiosa;

Vivi serena, alegre, venturosa
Junto de ti, Julina: o tempo estraga
Os bens que a Sorte dá; a luz apaga
De um bello dia a Noite pavorosa.

Promette-me a esperança que hei de ver-te;
Esta promessa em mim o alento aviva,
Mas a tardança em magoa mo converte:

Da saudade o vigor deste me priva;
Vem; que me vejo em risco de perder-te;
Torna-me ao corpo esta alma fugitiva.

(1) A Condessa de Stroganoff.

SONETO.

Em agradecimento de um souvenir *que S. M. Fidelissima mandou á auctora.*

Imagem suavissima d'Aquella
Da qual pende dos Lusos o destino!
Se nos bens que nos trazes imagino,
Astro algum brilha mais que a minha estrella.

Dadiva preciosa, que revela
Quanto póde alcançar o amor mais fino!
Deo-ma o teu coração, e grande tino,
Pois me empenhei constante em merecê-la.

Foge-me a vida, foge-me a esperança
De vêr-te! mas devora-me a saudade,
Que em vão tanto deseja, e não alcança!

Porêm, se em fim me vence a enfermidade,
Levarei na minh' alma esta *lembrança*,
Fará parte do Ceo na Eternidade.

SONETO

Por occasião de partirem dois moços para a guerra.

Para mim nasce o Sol sem claridade;
Envolve-me em tal susto o meu cuidado,
Que nelle o pensamento concentrado
Me encobre quanto é menos que saudade.

Embora a Patria, a honra, a heroicidade
Exija o que poupou meu triste Fado;
Não vacillo: duas victimas ao Estado
Offerta voluntaria a lealdade.

Mas que dor, que tormentos e agonia
Mas arranca do peito c'um suspiro,
Que desculpe a materna sympathia!

Neste aperto afflictivo se respiro
Não vivo já; pois morro cada dia,
De morrer acabando, quando expiro.

SONETO.

No dia 24 de Julho de 1834, estando muito doente.

ADEOS, Sol, de outro Sol imagem bella!
Para mim vão teus raios apagar-se;
Vai minha alma anciosa collocar-se
Onde não ha receios, nem cautela.

Em doce paz, sem susto de perdê-la,
Ha de em fim ao Supremo Bem ligar-se;
E da maior delicia irá fartar-se,
Transmigrando feliz d'estrella a estrella.

Não tardes, hora! evita que este dia
Funeste, recordando antigas penas,
Costume inveterado de agonia.

Não me apresentes mais glorias terrenas,
Sem que as possa gozar; é tyrannia,
Pois de Tantalo á sede me condemnas.

SONETO

Ás Musas sobre os Desposorios da Rainha.

Musas, que de meus annos na verdura
Com caricias e dons me consagrastes,
Dizei com que razão me abandonastes
Quando na Patria em fim raia a Ventura?

Não sei por que motivo a guerra dura
C'os Homericos versos adornastes!
Vós, que em futeis canções me acompanhastes,
Me deixais ir calada á sepultura?

O compassivo Ceo manda Fernando;
De Cobourg e Bragança a prole unindo,
A desertora paz vai restaurando.

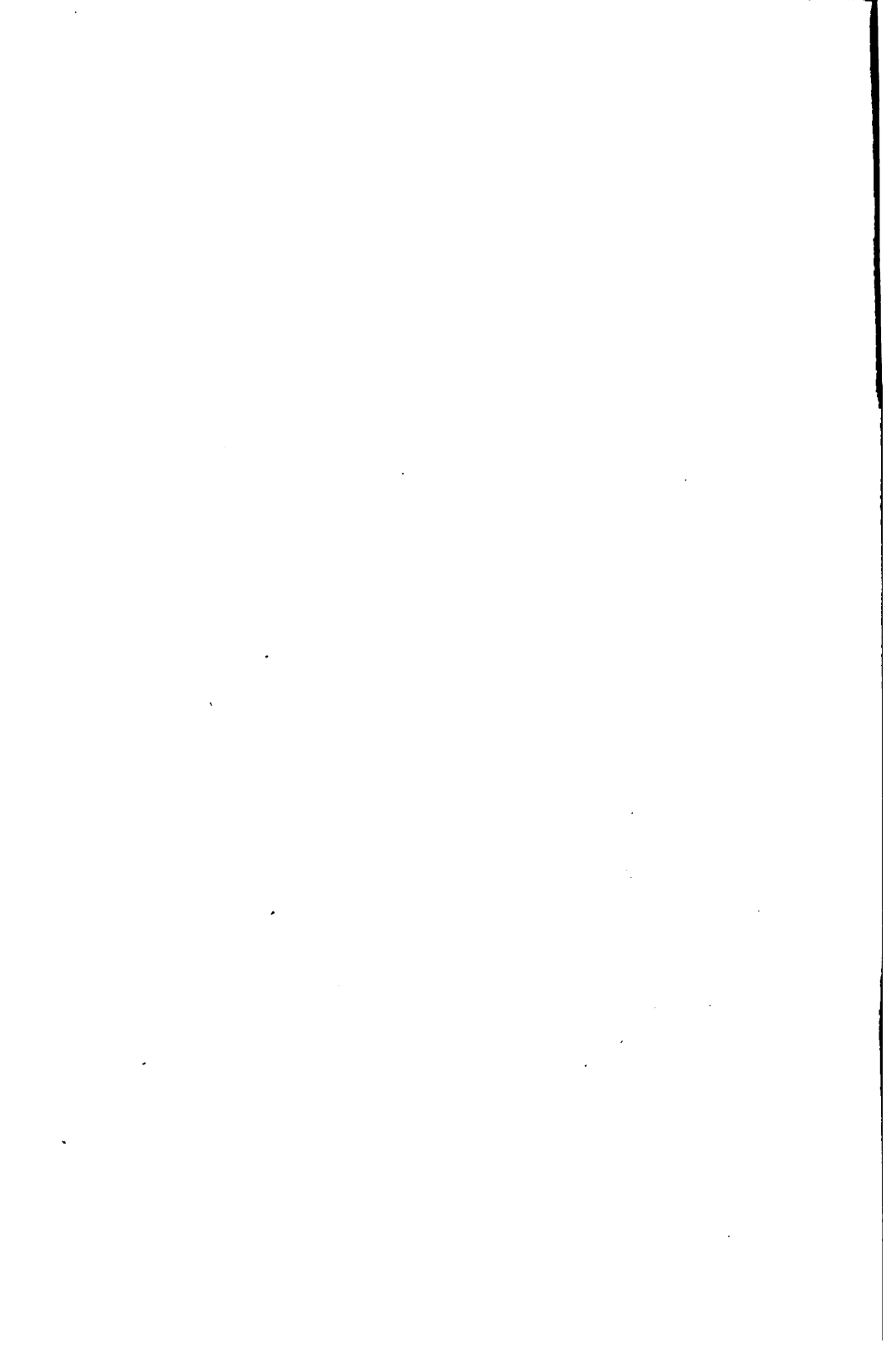
Falsas Deosas! embora ides fugindo,
Que eu, no meu Creador só confiando,
Sei que antiga promessa irá cumprindo.

SONETO.

NUNCA manchei com vil lisonja o plectro,
Nunca teci encomios á privança;
Nem fiz punhal da lyra, que á vingança
Consagram vates com ferino metro.

Consagrei submissão, respeito ao sceptro,
Quando a paixão dos homens foi mudança;
Nada a meus olhos vale o que hoje alcança
Quem, sem virtudes, opulencia impetra.

Despojada de tudo vim ao mundo;
Emprestou-me mil bens a Natureza,
Que me roubou meu Fado furibundo.

Bens futeis a minha alma sã despreza;
Em transitivas glorias não me fundo;
Volto á terra sem nada, e sem tristeza.

CANTATA.

OFFRENDA AOS MORTOS.

CANTATA.

AQUELLE outeiro sombrio
Está de nevoas coberto;
Escorre entre cannas, perto,
Fraca e murmurando, um rio.
Naquelle negro pinhal,
Como tocha funeral,
Brilha modesta candêa,
Que ao pastor pobre allumêa
Com a luz embaciada;
Vem por corvos arrastada
A Tarde;
A luz apenas das estrellas arde!...
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

Das frestas dos edificios
Vergonhoso môcho voa,
E com seus uivos atroa
Os Genios dos maleficios;
Saem Fadas peregrinas
A dançar sobre ruinas,

E vem por entre perigos
Gnomos, trasgos, inimigos;
Allumêa
O pyrilampo incerto esta chorêa.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

Estão todas apagadas
As luzes da *Outra-banda* (1);
Pelas praças ninguem anda,
Vagam as sombras caladas.
Naquelle triste Convento (2)
Dobra o sino somnolento;
O ar c'os sons esmorece;
O horizonte empallidece;
O vapor autumnal
Cobre-o de um véo fatal,
Sombrio;
Suspira o vento, e nasce o calafrio.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

Vem afflictos pensamentos,
Vem desde Cintra queixosos,
Vagar ternos e medrosos
Ao redor de monumentos...
A campa d'Iza (3) alvejando
A escuridão vai cortando...

(1) Nome que vulgarmente se dá a Almada e seus arredores.

(2) O Convento da Boa-morte, não longe do qual morava eu então.

(3) *Iza*, moura sepultada na margem do rio d'Alcantara, cuja campa alveja e se percebe de longe.

(Nota da auctora).

Dorme a quieta Africana...
Dormirá a raça humana.
Não rompe o mundo
Lethargo tal, um somno tão profundo:
Da manhã
Para os mortos a graça, a luz é vã.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

Com teu clarão moderado
Que objecto me estás mostrando?
Que me estás afigurando,
Crepusculo descórado?...
Sombra magestosa e cara,
Que nas mãos da Parca avara
Enches todo o meu sentido!
És tu, Arminio querido? (1)
Se te retrata a saudade,
Apaga as cores a realidade:
Entretanto
O teu tumulo lava este meu pranto.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

Sobre o teu marmoreo altar,
Onde occulto me magôas,
De platano cinco c'roas
Venho hoje depositar.
Recebe, Arminio, a mais pura;
Duas leve-as a Ternura,
De meu pranto commovida,

(1) O Conde d'Oeynhausen, marido da auctora.

A Marcia (1), a Lilia (2) querida;
Aos dois penhores (3)
Dos nossos tristes doces amores,
Condoída,
Off'reço duas, off'recera a vida.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

(1) Minha irmã, a Condessa da Ribeira.

(2) Minha mãe, a Marqueza d'Alorna.

(3) Os meus dois filhos, M. Carlos, e Maria Regina, fallecidos.

(Nota da auctora).

HYMNOS.

HYMNO

A Apollo.

NUMEN, pae da Medicina,
Quando assomas no oriente
Vem confortar com teus raios
O meu animo doente.
Queixe-se embora
Plutão severo,
De novo ladre
Triste o Cerbero.

Tempere um balsamo puro,
Que serene os meus pezares,
Teu calor que anima as plantas,
E que purifica os ares.
Queixe-se embora, *etc.*

Triumpha da minha dor,
Cria-me um dia contente,
Tu que nas praias de Delos
Venceste a iniqua serpente.
Queixe-se embora, *etc.*

Tu não podes, santo Numen,
Curar o meu mal interno,
Se a lyra me não concedes
Que já triumphou do Averno.
Queixe-se embora, *etc.*

Dá-me esse plectro divino,
Dá-me, ó Deos, as aureas settas,
Irei dos tartareos sitios
Romper as vedadas metas.
Queixe-se embora, *etc.*

Com mais fructo affrontarei
Os dominios da Agonia,
Os caminhos já trilhados
Pelo thracio Vate (1) um dia.
Queixe-se embora, *etc.*

Não busco a fraca Eurydice;
Sulcando as averneas ondas,
Trarei comigo quem tinha
O valor de Epaminondas. (2)
Queixe-se embora, *etc.*

Se Ajax se oppuzer, se Achilles,
Porque um rival encontraram,
Lembre-te, ó Deos, que esses Gregos
Os teus muros arrazaram.
Queixe-se embora, *etc.*

(1) Orpheo.
(2) O Conde d'Oeynhausen, marido da auctora.

Imporei silencio ás sombras;
Esses heroes arrogantes
Temerão mesmo no inferno
O destino dos Gigantes.
Queixe-se embora, *etc.*

Ouve-me, escuta-me, ó Numen,
Justifica a Medicina;
Dá-me, ó Deos, o que te peço,
Do descanço é filha Hygina.
Queixe-se embora
Plutão severo,
De novo ladre
Triste o Cerbero.

HYMNO

A uma madeixa de cabellos da Senhora D. Maria II, que minha sobrinha D. Leonor da Camara (1) *me mandou de París.*

Anno de 1832.

QUANDO as cousas se ordenaram
E o Cahos se dissolveo,
Do Sol a coma luzente
Sobre o Orbe appareceo.
D'igual ventura
Suave agouro,
Vens consolar-nos,
Madeixa d'ouro.

Como nas praias do Tibre
Suberba náo encalhou,
E da Vestal aureo cinto
Segura ao porto a levou;
D'igual ventura
Suave agouro,
Hoje nos trazes,
Madeixa d'ouro.

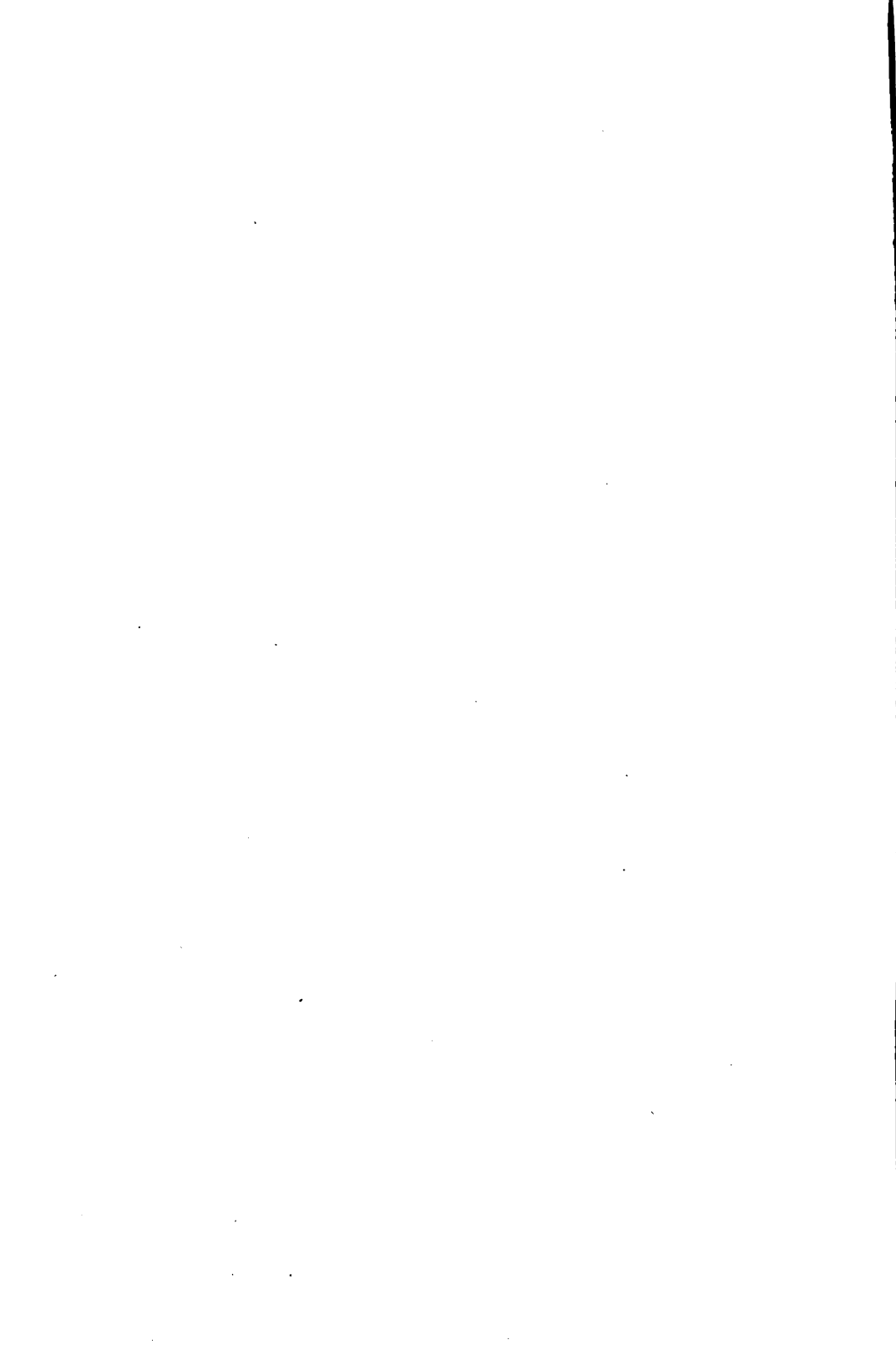
Um fio destes cabellos
Tem tal força de attracção,
Que attrahe os bens que nos fogem,
Tranquilliza o coração.

(1) Hoje Marqueza de Ponta Delgada.

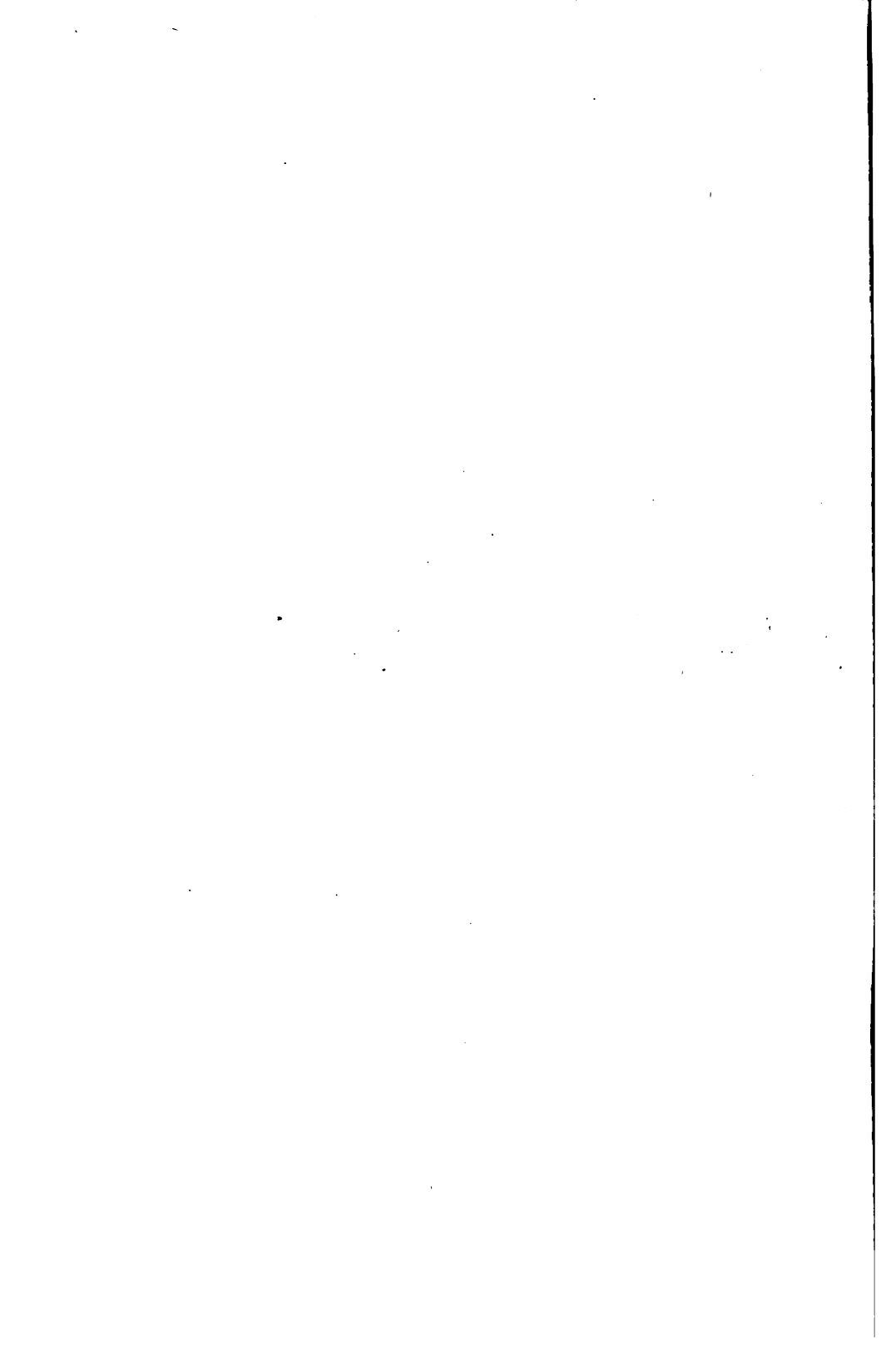
D'igual ventura
Suave agouro,
Hoje nos trazes,
Madeixa d'ouro.

Dobra a força, Augusto Emblema,
Os meus ferros despedaça;
A teus pés, Regia Maria,
É onde cessa a desgraça.
D'igual ventura
Suave agouro,
Vens consolar-nos
Madeixa d'ouro.

PARAPHRASE

DOS

VERSOS DE SANTA THEREZA DE JÈSUS.

PARAPHRASE

DOS

VERSOS DE SANTA THEREZA DE JESUS.

Amor, delicia d'alma a Deos unida!
Do mesmo Deos suavissimo atractivo,
Que o coração liberta, e dá motivo
A saudades crueis, em quanto ha vida!
Tal dor causa o saber que só morrendo
De Deos póde gozar quem a Deos ama,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Quanto custa esta vida dilatada!...
Cuido que a rastros levo duros ferros;
São carceres meus dias, são desterros,
Do bem, que tanto adoro, separada.
Vou com ancias de amor desfallecendo;
E sem chegar ao fim, padeço tanto,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Ai que vida tão dura, tão amarga,
Sem tomar do meu Deos inteira posse!
Se o puro amor em que ardo é sempre doce,
Cança, afflige a esperança, quando é larga.
Acode-me, Senhor! vai desfazendo
O pesado grilhão que inda me prende,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Co' a certeza do bem que a morte alcança
Vou sustentando a vida; mas entendo
Que o misero mortal só vê, morrendo,
Cumpridas as promessas da Esperança.
Responde a meus clamores, vem correndo,
Morte feliz! Não tardes, não vacilles,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Vida! que és tu? Supplicio deshumano.
Observa o vivo amor que me devora:
Perdendo-te, a existencia então melhora,
E o tempo que me dás é meu tyranno.
Encobrindo-me o bem que só pertendo,
Me agitas, despedaças, de tal modo,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Vida que não acaba, em Deos immersa,
Essa sómente é vida verdadeira:
Em quanto não termina esta primeira,
Não se goza d'est'outra, tão diversa.
Por que, ó vida cruel, me estás detendo?
Se a cada instante expiro, e tanto soffro,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Como retribuirei tanta fineza
A Deos, que vive em mim? É pouco amá-lo;
Devo perder a vida por gozá-lo.
Se não cabe este bem na Natureza,
Foge, importuna Vida; vai cedendo
Às ditas immortaes o teu dominio,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Meu Deos! que dura ausencia! que tormento!
Que prolongada morte é minha vida!
Em duvidas, em riscos submergida,
De terrores cercado o pensamento,
Muito mais do que morte estou soffrendo.
Tem dó de mim, Senhor! Eu mesma o tenho,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Qual peixe que sae d'agua, a quem se nega
Ir ao proprio elemento restaurar-se;
Que arqueja, sem poder nunca escapar-se,
E sómente acabando é que socega;
Assim, meu Deos, na terra vou soffrendo:
Suspiro, chamo, arquejo, e tanto tardas,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Se me dás generoso algum alento
No divino manjar que me sustenta,
Tambem se dobra a dor, e me atormenta
O véo com que te encobre o Sacramento.
Quero ver-te, Senhor; e não te vendo
Torno a desfallecer; e tanto anhelo,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Porêm quando, Senhor, me reanima
A esperança de ver-te, e de gozar-te,
Vem um susto cruel por outra parte,
E que posso perder-te então me intima.
Posso, durando mais, ir-te perdendo?...
Que susto! que terror! Meu Deos, piedade!
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Desta vida arriscada me liberta,
Concede-me a existencia desejada;
Sólta-me, ó Deos! Da terra desligada,
Minha alma co' a ventura logo acerta.
Vê que do mundo nada já pertendo,
Que sem ti, ó meu Deos, viver não posso,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Se são os meus peccados que demoram
Esse ditoso golpe que te peço,
Ao ver esses abysmos estremeço,
E meus olhos a vida e morte choram.
Doce Amor da minha alma! vem descendo;
Abre-me o Ceo, liberta-me da vida,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

PENSAMENTOS.

PENSAMENTO.

Desfallece o espirito se busca
Ir alem da materia indagar Entes;
Mas a materia mesma lhe revela
O Deos que em propria gloria se concentra.
Ah! como se apercebe a Divindade
Nos prodigios immensos que observamos!
Por toda a parte se acha, abraça tudo,
Bem como a luz do Sol tudo allumia;
O seu calor em tudo se diffunde,
Tudo vigora, anima, desenvolve;
E não ha creatura que não sinta
Da sua actividade a acção benigna:
Sol das Intelligencias, só Deos mostra
Tudo quanto alem vai da mente humana.

Sem Deos cessa a esperança, chega a morte,
Assalta o susto, as illusões fenecem,
Luta a incerteza c'o animo turbado;
O Nada é seu refugio, treme, e morre,
Cercado dos phantasmas horrorosos
Com que os crimes promettem magoa eterna.

Á Natureza.

Manifesta porção da Omnipotencia,
Natureza! das leis systema egregio
Com que Deos determina o sêr ás Cousas,
E os Entes se succedem:

Tu não és Sêr, mas és potencia viva
Que tudo abraça; e bem que tudo animas,
Ao Sêr dos Sêres és subordinada,
Elle te dá o impulso.

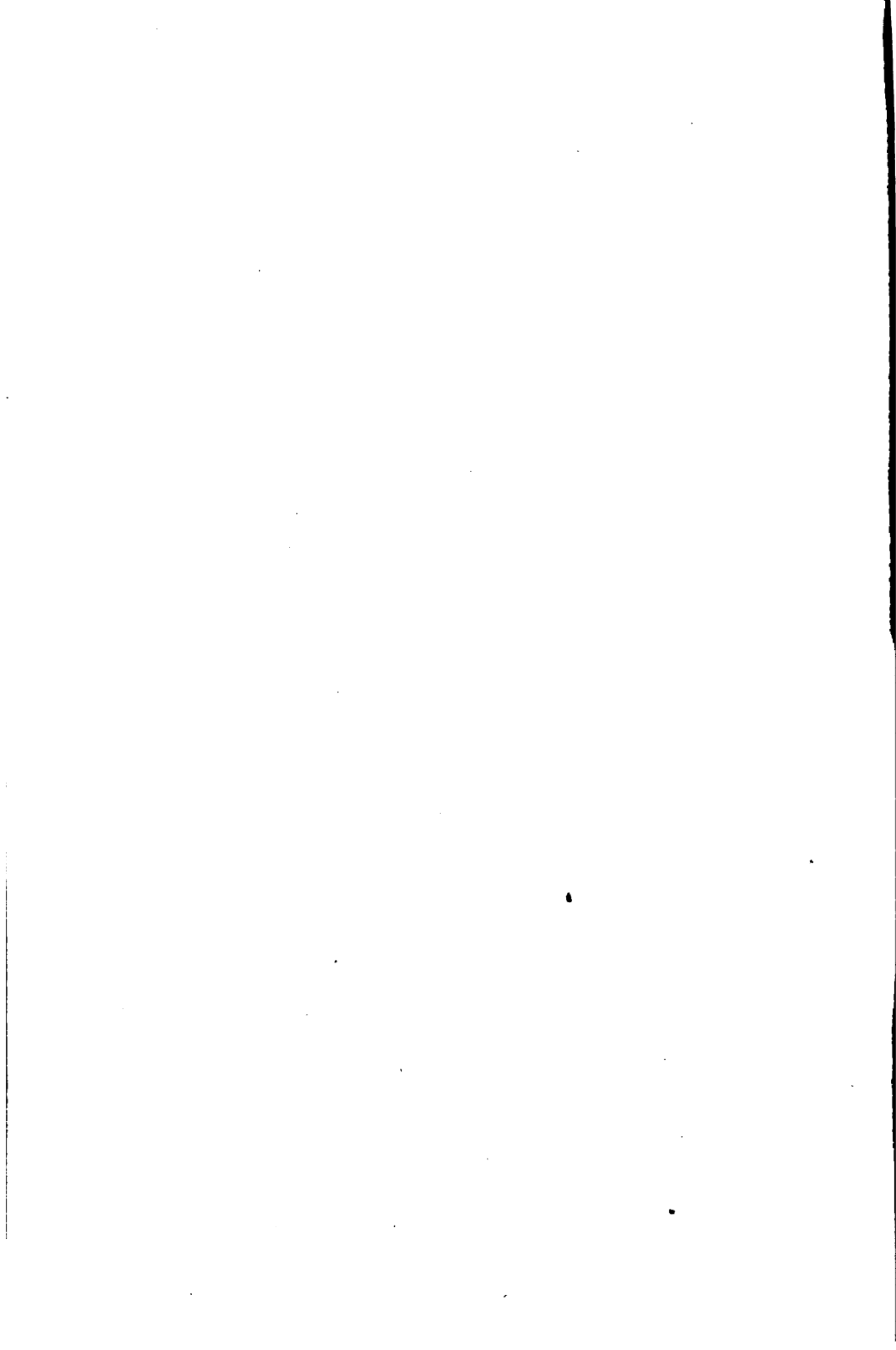
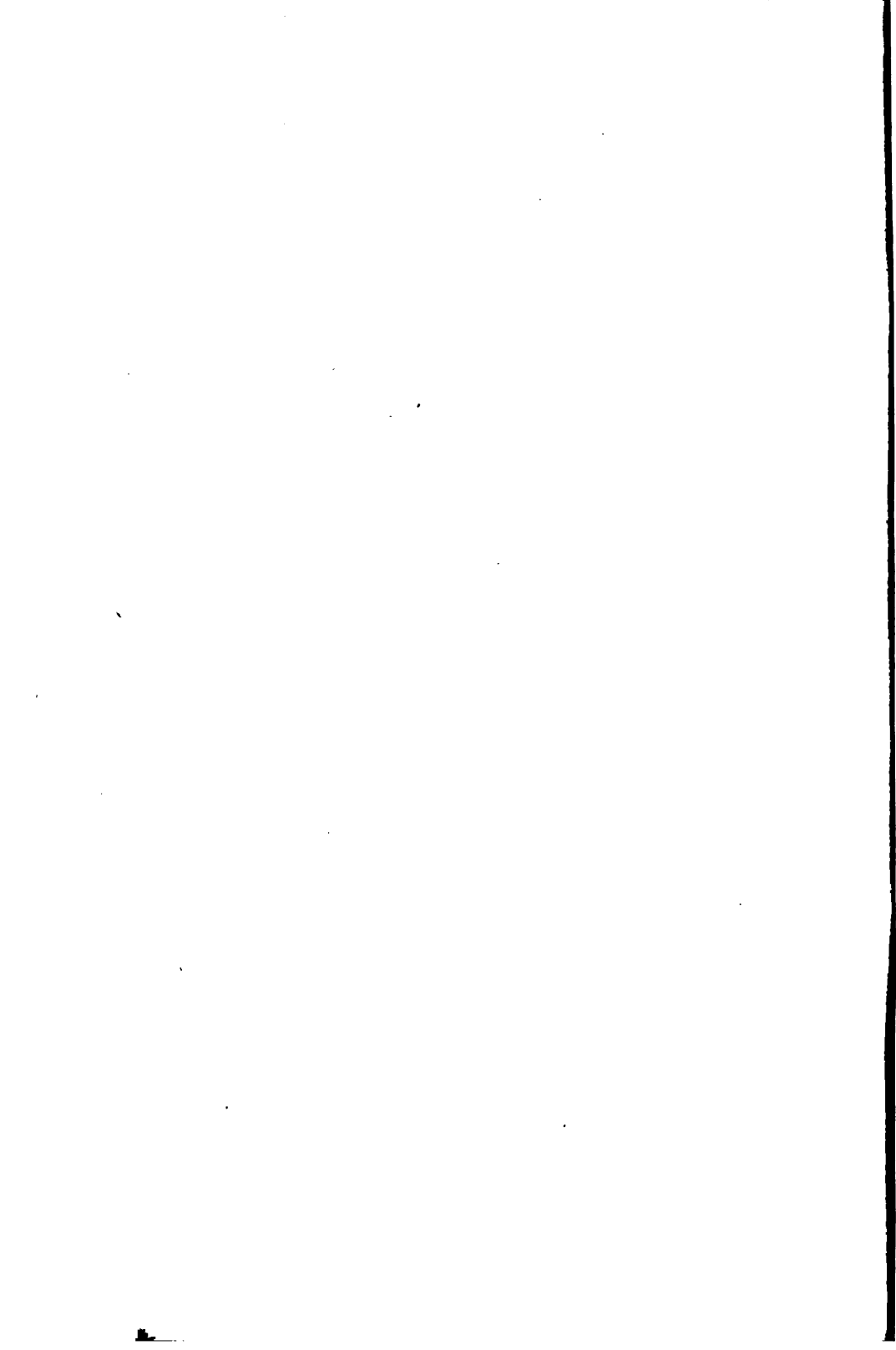
Quando a tyrannia excede
Os limites do tormento,
Impõe leis á voz, ao gesto,
Encadêa o pensamento.

Mas este, batendo as azas,
Voleja sobre as cadêas,
E vinga-se da baixeza
Co' a elevação das idéas.

Pensamento a respeito da minha paraphrase dos Psalmos.

NESTA lingua tão doce se eu pudesse
Ler como leo Arator (1) os seus versos,
A convicção dos Povos poderia
Ganhar os corações extraviados;
E o raio que accendeo o estro eximio
Do Rei profeta, reflectindo em almas,
Tornara em anjos os tenazes impios.

(1) O Papa Vigilio mandou ler em publico o poema d'Arator em quatro cantos: o mesmo auctor o leo, e fizeram-no repetir tantas vezes que durou muitos dias a leitura, com maravilhoso effeito.

(Nota da auctora).

CANTIGAS.

CANTIGAS.

I.

RAZÃO, por piedade esconde
O que eu dentro d'alma sinto;
Se amor se mostra em meus labios
Faze crer que sempre minto.

Não quero que hoje a verdade
Se opponha ás leis da razão;
Triumphe a modestia austera,
Gema embora o coração.

Não accenda um só suspiro
Chamma que devo apagar;
Siga-se á dor o silencio,
Vencer é saber calar.

Quantos males evitara
Esse incauto Prometheo,
Se na ferula escondido
Ficasse o fogo do Ceo!...

II.

SERÁS, Amor, o que eu sinto?
Temos novas travessuras?
São symptomas do teu fogo
Estas minhas imposturas?

Ostentei muita indiff'rença,
Arrojei-te ao precipicio:
Como paga o coração
Qualquer pequeno artificio!

Mais cruel és tu, se accusas
Leis severas da decencia;
Se ella te maltrata, dize,
Perdes logo a paciencia?...

Foge de mim, se assim queres,
Vai-te, ingrato, mas repara
Que um coração como o meu,
Alma tal, é cousa rara.

III.

Ora, Amor, façamos pazes;
Com teu capricho exaspero;
Queres o que te parece,
E não queres o que eu quero.

Cheio d'illusões brilhantes
Vens carinhoso, e me afagas;
E se o coração me accendes,
Logo n'outro a chamma apagas.

Se aqueces em peito humano
A meu favor sympathia,
Não sei que amante me escolhes,
O meu peito logo esfria.

Queima a venda, apaga os fachos;
Inuteis moveis são estes,
Se accendes o que se gela,
Se apagas o que accendestes.

IV.

PORQUE se ama, ou se não gosta,
Inda está mal definido;
O acaso, o fado, a estrella
Forjam armas a Cupido.

Se com desdens recompensa
Zelina meu vivo ardor,
Não tenho de que queixar-me,
Não depende della amor.

Por ella morro; e não pago
De Alcina os ais com os meus:
Ninguem a razão me indague,
Procure o enigma nos Ceos.

V.

Os meus olhos costumados
Á negra melancolia,
Ao ver Amor duvidaram
Se era amor, ou perfidía.

Ambos vem com brandas phrases
O coração ameigando,
Um depressa lhe põe fogo,
Outro vai-o envenenando.

Tu bem sabes, doce Numen,
Que a cautela é permittida;
Que ás vezes arrisca pouco
Quem sómente arrisca a vida.

Morrerei... menos se perde,
Da morte não tenho medo:
Feliz quem póde morrer
Sem que revele um segredo.

VI.

Incerteza.

Atreve-se a mente afflicta
A interrogar o futuro,
E quantas mais luzes busca
Mais parece o fado escuro.

A recondita esperança,
Se acaso no peito existe,
Abandona a verde pompa,
O seu traje é serio e triste.

Qual fraca luz que alimenta
Tocha que ao vento se estraga,
Se com um sopro se accende,
Com outro sopro se apaga.

Ministros creis de Amor,
Incertezas e cuidados,
Se assim tratais a innocencia,
Que fareis vós aos culpados?

VII.

Duvida.

Logo que Arminio apparece
Ergo os olhos com temor,
Quero fallar-lhe, não posso;
Será isto acaso amor?...

Quando falla não percebo
Que haja um som de voz melhor,
Mais graça, mais elegancia;
Será isto acaso amor?...

Se entre aquellas que eu estimo
Falla alguma a seu favor,
Desconfio, tenho raiva;
Será isto acaso amor?...

Se elle se vai, não encontro
Em nada chiste, ou sabor;
Nem ceo nem terra me agrada;
Será isto acaso amor?...

Se ostenta co' as outras bellas
Ar polido, e seductor,
Forcejo por lhe ter odio;
Será isto acaso amor?...

VIII.

Ironia.

Amor a um sitio isolado
Alcipe um dia levou,
E o que veda a terreos olhos
A seus olhos ostentou.

Antigo bosque sagrado,
Onde apenas entra o dia,
D'immortaes sombras coberto
Quasi até que aos Ceos s'erguia.

Essa morada de Deoses
Susto inspirava e ternura;
Propria de sacros deleites,
Mysteriosa espessura.

Alcipe tremendo entrou;
Mas logo mais claro vio,
E o templo de Venus linda
Ante seus passos se abrio.

Neste templo se adorava
A imagem de Adonis bello;
Mas Alcipe desdenhosa
Sorrio para Amor ao vê-lo.

« Bem sei, diz Amor, que zombas
« Do padrasto de Cupido,
« E achas máo gosto a Venus
« Em não preferir-lhe Alfido (1).

(1) Arminio.

IX.

Empreza infeliz.

Com certa penna, arrancada
Das azas do Deos de Amor,
Descrevi em verso ardente
Dos suspiros o calor.

Roubou-me Alfido o papel,
E no seu peito o escondeo;
Mas o incendio era tão grande
Que mal lhe tocou, ardeo.

Fragil ventura a de Amor!
Infeliz de quem suspira!
Se assim se converte em cinza,
Em fumo, o que Amor inspira!

X.

Cantiga Anacreontica.

D'ENTRE as cannas buliçosas
Leve Zephyro respira,
Movem-se as folhas lustrosas,
Amor palpita e suspira.

Nestes doces movimentos
Vão-se as sombras desfazendo,
Vão-se espreguiçando os Ventos,
Lucifer esmorecendo.

Vai-se a manhã levantando,
Acordam com ella as cores,
Vão com ella despertando
Pardas rochas, lindas flores.

Ante os raios refulgentes
Cessa o timido segredo,
Abrilhantam-se as correntes,
Nascem coros no arvoredo.

Sae do seio do descanço
Vigorada a phantasia;
As idéas são mais claras
Na hora em que nasce o dia.

Depois de um somno quieto
Tudo acorda com vigor:
Porque razão quando dorme
Não desperta assim o Amor?

XI.

QUANDO Amor me nomearam
Cuidei que era fé, verdade...
Doce, porêm louco engano
Da candida mocidade!...

Logo achei que facilmente
O coração divagava,
Que mais perfido que tudo
Fero Amor nos enganava.

Quando no altar da Amizade
Fiz os meus votos primeiros,
Cuidei que eram meus, em paga,
Os corações verdadeiros.

Porêm logo vagabundos
Os apercebi com dor,
E vinha a ser Amizade
Tanto ou mais falsa que Amor.

Vós, ó Deoses descuidados,
Que á pressa benignos dais
Gostos que dão preço á vida
Dos infelizes mortaes:

Dai corações que não fujam,
Ponde nelles mais calor;
Fazei fiel a Amizade,
Cortai as azas a Amor.

XII.

Spirat adhuc Amor.
Hor.

Apenas soltava Phebo
Na terra a loira madeixa,
Chega a meu leito enfadado
Amor, e de mim se queixa.

« Que tens, Amor? que te fiz?
« Acaso dos teus altares
« Me fizeram desertora
« Ingratidões, ou pezares?

« No posto de firme amante
« Não combati valorosa
« Contra ciumes, ausencia,
« E lisonja cavilosa?

« Vi-te um dia em regio traje,
« E zombei até de ti;
« Dize se Corina ou Sapho
« Venceram o que eu venci?...

« Cala-te, imprudente; (disse
« Com raiva a gentil criança)
« Ninguem me serve a meu gosto
« Se no amor não tem mudança,

«Quem tu amas já mudou.»
— Qu' importa, Amor? eu não mudo —
«Pois amarás sem deleite,
«No deleite é que está tudo.»

Fataes palavras de um Numen!
Mudou-me o modo de amar,
E não tenho na constancia
Mais gosto que o de teimar.

XIII.

Tira, Amor, tira esta farpa
Com que o peito me traspassas,
Que as delicias que promettes
Parecem-me só negaças.

Se ante os teus igneos altares
Ignara fui dar-te culto,
Eu não sabia que tinha
No peito um vulcano occulto.

Injusto Deos! qual motivo
Te fez que as armas trocasses,
E com attributos serios
Cabalmente me enganasses?

Para vencer-me, tyranno,
Ajustaste bem os tiros,
Dirigindo para a gloria
De Arminio, sempre os suspiros.

Quando em seus olhos fuzila
Um fogo audaz, uma chamma,
« Marte era assim (digo absorta),
« Ama a guerra, ella é quem ama. »

Quando extatico o apercebo
Absorvido n'uma idéa,
Cuido que está reflectindo
Em Leuctres ou Mantinéa.

Em mim não cuido, e entretanto
Sem cuidar acho-me preza:
Triumpha de Amor quem foge,
Cede a Amor quem o despreza.

XIV.

Ciumes.

Cruel Amor, tu que sabes
Rasgar com flechas meu peito,
Tira a venda dos teus olhos,
Põe-na sobre os meus com geito,

Deixa-me ver a figura
D'Arminio continuamente,
Mas cega-me logo, apenas
Arminio for delinquente.

Quando pintado em seu rosto
Triumpha o doce prazer,
Quando me aperta em seus braços,
Brando Amor, deixa-me ver.

Mas se á vista de outro objecto
Acaso o deleite esfria,
De que me serve ter olhos?...
Apaga-me a luz do dia.

Não é de maiores luzes
Que a minha alma necessita;
Não quero saber por quê
Quando vê Silvia se agita.

De que serve o ver pintada
No seu rosto a inquietação
Se chega o Correio ou parte?
Aperta-me a venda então.

Sem esta cautela, Amor,
Nullos os prazeres são;
Creio pouco nos sentidos
Se me foge o coração.

XV.

INUTEIS são meus suspiros,
É sem força meu gemido:
Não batas mais, coração,
Fica em pedra convertido.

Deixa-te ficar na terra
Immovel sem sentimento,
Da rijeza d'outras pedras
Tu serás o monumento.

Duro, frio, congelado
Rirás dos mais corações;
Serás feliz anteparo
Contra alheias semrazões.

Virá Arminio, e tu frio
O verás rir do teu fado;
Perca o feitio á risada,
E volte desconsolado.

Se elle quizer revoltoso
Com punhaes despedaçar-te,
És duro, não passa o ferro,
Em vão pertende quebrar-te.

XVI.

MOTE ALHEIO.

Meu bem, cuidemos de amar:
Não vês o tempo voando?
Nos avisa que gozemos
De um amor suave e brando.

GLOSA.

Deixemos rugir o vento,
Deixemos ferver o mar;
Mova-se todo o universo,
Meu bem, cuidemos de amar.

Não vês tu o Sol correndo?
Vão-se as horas apressando;
Amemos, meu bem, amemos,
Não vês o tempo voando?

Parece-me que estou vendo
(Arminio, Arminio, ambos vemos)
Que o Numen que nos protege
Nos avisa que gozemos.

Voem soltas as caricias,
Aos amores ensinando
Novas e lindas industrias
De um amor suave e brando.

XVII.

MOTE ALHEIO.

Entre si o mundo regem
Doce Amor e Morte impia;
Com a fouce sega a Morte
O que Amor seméa e cria.

GLOSA.

Mil paixões que o peito cançam
Os homens loucos protegem;
Prosperando as mais ferinas
Entre si o mundo regem.

Neste imperio desditoso
Se rompe toda a harmonia,
E mil vezes se avisinham
Doce Amor e Morte impia.

Os mais doirados grilhões
Quebra do Fado a mão forte;
Os myrtos mais florecentes
Com a fouce cega a Morte.

Quão falsos são os projectos
Da mais doce sympathia,
Se a ventura não sustenta
O que Amor seméa e cria!

XVIII.

Acordai, sons esquecidos,
Estro mudo, replicai-me;
Vinde, numeros perdidos,
Harmonia, consolai-me.

Da morte as azas escuras
Vem de sonhos carregadas;
Formam tristes conjecturas
As idéas assustadas.

Ai de mim! a melodia
Evita uma alma agitada;
O terror da fantasia
Faz-me a voz desentoada.

Eu mesma não sei que temo;
Um desconhecido effeito
Me annuncia, quando gemo,
Que encerro a morte no peito.

O Tejo me vio com vida,
Sem ella o Danubio e o Rheno:
Fere, ó Morte desabrida!
O teu triumpho é pequeno.

Mas tu, objecto que adoro,
Incapaz d'esquecimento,
As minhas cinzas recolhe
Em um simples monumento.

Em premio do amor mais puro,
Este epitafio convêm
Gravar sobre o marmor duro:
Terna esposa, filha, e mãe.

XIX.

Presentimento.

COMTIGO, lyra suave,
Dissipo negros cuidados,
Comtigo encanto o fastio,
Comtigo zombo dos fados.

Dom celeste, amavel fogo,
Que Delio accende na mente,
Troca-me estas longas horas
N'um só instante contente.

Nasçam das cadentes cordas
Sons que copiem meus ais;
Faça Amor compadecido
Que os paguem outros iguaes.

Mas que escuto? ó Ceo medonho!
Com feio agouro me bradas,
E a mão incerta na lyra
As cordas deixa quebradas.

XX.

AMOR, que és causa de tudo,
Que todos os seres ligas,
Vem, conforta minhas vozes,
Respira em minhas cantigas.

Tu moras nos elementos;
De um sêr a outro passando,
Veio até mim este fogo
Que o peito me está queimando.

No primeiro dos humanos
Já estas chammas arderam;
E no seio de quem amo
Meus suspiros o accenderam.

Poderosa Natureza!
Não te offendas se t'imploro;
Tu me déste e és quem me roubas
O objecto por que choro.

XXI.

Ao pincel com que a auctora fez o retrato de Arminio.

PINCEL, celeste pincel,
De Amor divina invenção!
Tu és certamente feito
Da fêlpa do coração.

Se o coração fosse calvo
Não havia tal pincel,
Nem com que Amor debuxasse
Uma imagem tão fiel.

Serás tu feito talvez
Dos bigodes de Cupido?
Certamente Amor imberbe
Fôra menos atrevido.

Mas que digo? Quanto dista
A ficção da realidade!
O meu pincel só é feito
Dos estames da saudade.

XXII.

Contraposição.

NESTA estação deleitosa,
Em que os chuveiros baixando
Chamam a verdura aos prados,
Vão as flores acordando:

Quando os botões se desdobram,
Saudando o dia nascente,
E que a terra amollecida
O poder dos raios sente:

Nesta estação é que eu choro,
E a pompa da Natureza
Cubro de um véo denegrido,
Tal poder tem a tristeza.

Flores, sol, botões mimosos,
Vós perdeis a graça, a cor,
Se a estação que vos renova
Não apaga a minha dor.

XXIII.

Anniversario de 3 de Março (1).

Ao som da lyra
A dor exponho,
Versos componho
Filhos da dor.

Gemendo as Musas,
Apollo em pranto
Meu triste canto
Faça escutar.

De Orpheo saudoso
O plectro invoco,
Meu peito rouco
Segui-lo quer.

Ah! se eu pudesse
Rompendo o Averno
Ao somno eterno
Ir-te arrancar!...

Ah! se eu pudesse
Qual outra Alceste
Ao sitio agreste
Ir-te buscar!...

Iria afoita,
D'animo forte,
Co' a mesma morte
Fôra lutar.

(1) Dia em que falleceo o Conde d'Oeynhausen, marido da auctora.

XXIV.

Sonho.

PERDOA, Amor, se não quero
Acceitar novo grilhão;
Quando quebraste o primeiro
Quebraste-me o coração.

Olha, Amor, tem dó de mim;
Repara nos teus estragos,
E desvia por piedade
Teus seductores affagos.

Tu de dia não me assustas;
Os meus sentidos attentos
Oppoem aos teus artificios
Mil pezares, mil tormentos.

Mas cruel, porque me assaltas
De mil sonhos rodeado?
Porque accomettes no somno
Meu coração descuidado?...

Eu, quando acaso adormeço,
Adormeço de cançada,
E o crepusculo do dia
Me acorda sobresaltada.

Argúo então a minha alma,
Reprehendo a natureza
De ter cedido ao descanço
Tempo que devo á tristeza.

Que t'importa um sêr tão triste?...
Cobre de jasmins e rosas
Outras amantes felizes,
Deixa gemer as saudosas.

XXV.

Supplica.

Por que razão, fero Amor,
Quando estou triste me affagas?
Se eu nada comtigo quero,
Por que razão não te apagas?

Tu já viste no meu peito
Teu fogo divino arder;
Quebrou-se o altar sagrado,
É já tempo de morrer.

Fizeste-me tão ditosa,
Que seria ingratidão
Recusar a teus rigores
Minha paz, meu coração.

Despedaça-o de saudades,
Converte-o em fonte de pranto;
Nada, Amor, nada receio,
Mas custa-me viver tanto.

A minha alma não conhece
Dos mais amantes o trilho;
Eu nunca julguei que fosse
O Amor de Venus filho.

Achei n'alma a faculdade
De amar o que era perfeito;
E mostrou-me a Natureza
Um objecto sem defeito.

Amei; e Arminio animava
Todos os meus pensamentos,
Assim como a vida anima
Na materia os movimentos.

Provei em fim sobre a terra
Toda a delicia do Ceo;
Mas a Natureza avara
Roubou-me quanto me deo.

Mata-me, Amor, por piedade!
Nada mais tens que me dar;
Esgotaste os teus thesouros,
Eu já não sei suspirar.

XXVI.

Cantiga Anacreontica.

Tenho dito, em vão te canças
Comigo, maligno Amor;
Não hei de amar, tenho dito,
Despreza-te a minha dor.

Tu, que és domador dos Numes,
Cede a uma fraca mortal,
Que empunhou da morte a fouce,
Quebrou teu arco fatal.

Para desculpar-te, ingrato,
Todos sentem tentações;
Mas eu não; já te conheço,
Vives d'engano e traições.

Dize, não eras aquelle
Que em forma humana eu amava?
Eu não era aquella amante
Que o Deos de Gnido adorava?

Cuidei que sim; neste engano
Sem susto o tempo passava;
Presa com grilhões divinos
Da morte afoita zombava.

Encontrei sempre na posse
Toda a graça da esperança;
Mas a Parca escarnecia
Desta doce segurança.

Se tu eras o meu bem,
Deos de Amor, que me fizeste?
Se eras mortal, porque amaste?
Se eras Deos, porque morreste?

«Eu não morro» promptamente
Amor em meu peito brada,
E de seu fogo divino
Me sinto logo abrazada.

Cercado de mil amores
Me accommette a fantasia;
Fico ao vê-lo estupefacta,
Minha isenção balbucia.

Perco a força, perco o tino,
Não distingo a luz do dia;
Sem voz, pallida, expirante,
Invoco a Melancolia.

Deosa funebre, terrivel,
Cobre-me de cinza a frente;
Resista amarga tristeza
A Cupido omnipotente.

Defendam-me as tuas sombras
(Bem que de amar tenho o dom)
De unir ás honras de Psiches
As fraquezas de Ninon.

XXVII.

Antidoto.

ALERTA, Pastores,
Que o throno de Gnido,
No peito escondido,
Amor quer fundar.
Ás armas depressa,
Vingança, rigor,
Pois quem poupa Amor
Não se quer poupar.

Se uns olhos formosos
Vos declaram guerra,
Olhai para a terra,
Que haveis triumphar.
Ás armas depressa, *etc.*

Se a voz das Serêas
Vos turba os sentidos,
Tapai os ouvidos,
Fazei-as calar.
Ás armas depressa, *etc.*

XXVIII.

AQUI no Deserto
Não sei porque vivo,
Nem por que motivo
Me não mata a dor.

Amei, e o que amava
A morte o sumio;
A paz me fugio
Qual tenue vapor.

De nevoas espessas
Me cobre a Agonia,
E da luz do dia
Me apaga o esplendor.

O sol quando sobe
Á esfera mais alta,
De quanto me falta
Me mostra o valor.

Do peito então sólto
Com ancia um suspiro;
Do ar que respiro
Me abafa o calor.

A vida me foge,
A mão desfallece,
A lyra emmudece,
Em mim tudo é dor.

XXIX.

O som da lyra
A magoa adoça,
E faz que eu possa
Soffrer a dor.

Musas queixosas,
Soltai as vozes,
Fados atrozes
Podeis domar.

Se o dia nasce,
Só com desmaios
Encontro os raios
Que darda o Sol.

Cobre de sombras
A Natureza
Minha tristeza
Sempre a crescer.

Basta, Destino!
Vencer-te espero;
Pois que és severo,
Firme eu serei.

XXX.

Em vão da sorte
Cessa o rigor;
Profunda dor
Véda o gostar.

Affeita a penas,
E sem conforto,
Mesmo no porto
Receio o mar.

Ave que espanta
O caçador,
Em tronco ou flor
Teme pousar:

Assim vacillo,
Paz não alcanço;
Onde, ó descanço,
Te hei de encontrar?...

Mas é meu peito
Sitio innocente;
Em mim contente
Paz devo achar.

O Sol não cessa
No inverno irado,
No Ceo nublado
Por se occultar.

O tempo ás vezes
Cala a verdade,
Que á eternidade
Quer revelar.

Futuro amavel,
Por que motivo
Tão triste vivo
Se has de chegar?

XXXI.

Sózinha no bosque
Com meus pensamentos,
Calei as saudades,
Fiz tregoa a tormentos.

Olhei para a lua,
Que as sombras rasgava,
Nas tremulas aguas
Seus raios soltava.

N'aquella torrente
Que vai despedida
Encontro assustada
A imagem da vida.

Do peito, em que as dores
Já iam cessar,
Revoa a tristeza,
E torno a penar.

XXXII.

Troncos altivos,
Fresco pomar,
Alcipe triste
Se vem queixar.

Aqui vegetam
Em paz as flores;
A quem acolhes
Tu, sombra, encantas.

Os vossos troncos
Mais brandos são
Que alguns humanos
Sem coração.

Aqui vegetam, *etc.*

Os vossos ramos
Aqui m'escondem,
A meus suspiros
Echos respondem.

Aqui vegetam, *etc.*

Gemem comigo
No ar as aves,
E minhas magoas
Tornam suaves.

Aqui vegetam, *etc.*

Peito de rocha,
Que nada sente,
É quanto encontro
Na humana gente.

Aqui vegetam, *etc.*

XXXIII.

A um geranio.

CRESCE, ó planta, neste sitio
Que o puro amor consagrou!...
Era tal o calor nelle
Que logo os ramos brotou.

Os ares ali visinhos,
Seus effluvios revolvendo,
De suspiros deleitosos
Memorias me vão mantendo.

Os progressos com que cresce
A raiz pegada ao chão
Parecem-me a tua imagem
Pegada ao meu coração.

Mas que não vejo nas folhas,
Que tinge a cor da esperança?...
Morrem umas, outras nascem...
Assusta-me essa mudança.

Ausencia, que gela a vida,
No peito amor te esfriou?
Dize, neste duro inverno
O gelo a planta murchou?...

XXXIV.

A uma Rosa.

Tu das lagrimas d'Aurora
Bebes quando nasce o dia,
Querida filha de Flora,
Tenra imagem da alegria.

Tu apontas na roseira
Dos Zephyros cortejada,
E o teu lindo colorido
Causa inveja á madrugada.

De dia os jardins esmaltas,
Mostrando tua face bella;
De noite aromas espalhas,
E abrigas a Philomella.

Porêm logo que descora
A Primavera florida,
Imagem das outras bellas,
Perdes co' a belleza a vida.

XXXV.

Ás saudades do meu Jardim.

SAUDADES! por que sois lindas?
Por que prosperais aqui?
Por que neste sitio triste
Flora meiga vos sorri?

Desse tempo em que fallavam
As flores, se recordou,
E a saudade enternecida
Deste modo replicou:

« Se aqui com pompa floreço,
« É por que o meu alimento
« São pezares, magoas, dores,
« E nutre-me o sentimento.

« Se uma aura felíz soprasse,
« E Alcipe se consolara,
« Eu perdera a cor, morrera,
« E toda me desfolhara. »

XXXVI.

A um pyrilampo.

Encantador pyrilampo,
Adorno da noite em Maio,
Vem luzir neste meu canto,
Dá-me desses teus um raio.

Tu das estações incertas
Nada temes, nada provas;
Dá-te vida a Primavera
E o bafo das flores novas.

Não morres, mas adormeces
Em quanto os ventos irados
Açoitam as altas faias,
Dessecam os verdes prados.

Ah! se como tu pudesse
Dormir, quando as tempestades
Dos desastres alvoroçam
No meu peito mil saudades!...

Não queria viver mais
Que o tempo que tu existes:
De que servem tantos dias
Quando são todos tão tristes?

XXXVII.

A um Môcho.

Triste passaro, que tens?...
Esse tom dos teus gemidos
Não é tom que desconheçam
Os corações affligidos.

Tu calas-te em quanto Phebo
Dispensa com fausto o dia,
E só confias das sombras
A tua melancolia.

Tambem eu, como tu, gemo,
E fujo da claridade,
Que importa pouco aos humanos
A minha cruel saudade.

Mas quando a severa Hecate
As sombras negras evoca,
Todo o silencio do dia
Em suspiros se me troca.

Sólto então o freio ao pranto,
Ao desafogo abandono
Essas horas que os ditosos
Entregam ao doce somno.

Nem eu nem tu procuramos
A piedade dos humanos:
Uma compaixão esteril
Entra na lista dos damnos.

XXXVIII.

Saudade.

A uma flor chamam Saudade,
Que é primor da natureza;
Mas a que nasce em meu peito
É producção da tristeza.

Em quanto a saraiva, os Notos
Destes gelados paizes (1)
Açoutam as plantas, cresce,
Lança profundas raizes:

Mas se um dia transplantada
Outro terreno buscar,
Alivio terá meu peito,
E a Saudade ha de murchar.

(1) Inglaterra, onde a auctora então se achava.

XXXIX.

Ao clima d'Inglaterra.

Barbaro clima,
Que escolhe a sorte
Para que a morte
Reine sem dó.

A terra perde
A vida, a cor,
Perde o vigor,
E gela só.

Saraiva espessa
Torpor espalha,
Tudo amortalha
A neve só.

Expulsa a fome
Do brando ninho
O passarinho,
E acha-se só.

Se salta a um ramo,
Frio novelo
Que forma o gelo
Encontra só.

Se ao ninho torna,
O gelo o fecha,
E em vão se queixa
O pardal só.

Sem grão, sem ninho,
De frio morre;
Se a alguem recorre
Ninguem tem dó.

XL.

Saudades.

De nevoas o Ceo se cobre,
De magoas o coração:
Como o sol dissipa a nevoa
Dissipa o mal a illusão.

Doiro com doces quimeras
Severas duras verdades,
E com mentirosos sonhos
Applaco crueis saudades.

Se o que existe me não cega,
Faz-me chorar quanto vejo,
Quanto possuo não basta
A fartar o meu desejo.

Tal nos bosques vagabunda
Salta de ramo em raminho
Alguma ave solitaria
Que perdeo o caro ninho.

XLI.

Comtigo, doce Esperança,
Dos Ceos a lúz apparece,
Que infunde intenso deleite
Nos olhos de quem padece.

Tu és conforto da vida
Por mil penas agitada,
E as feras paixões convertes
Em recreio, em jogo, em nada.

Pé ante pé vem o bando
Dos prazeres espreitar-te;
Dás um signal, para o sitio
Que lhe apontas logo parte.

Ai de mim! em vão consulto
A Esperança; não responde:
Cruel Esperança! dize,
Onde hei de ir? tyranna! aonde?

XLII.

Como está sereno o Ceo!
Como sobe mansamente
A lua resplandecente,
E esclarece este jardim!

Os ventos adormeceram;
Das frescas aguas do rio
Interrompe o murmurío
De longe o som de um clarim.

Acordam minhas idéas,
Que abrangem a Natureza,
E esta nocturna belleza
Vem meu estro incendiar:

Mas se á lyra lanço a mão,
Apagadas esperanças
Me apontam crueis lembranças,
E chóro em vez de cantar.

XLIII.

QUANTAS vezes descontente
Rompi com meus ais os ares!
Quantas reprimi no peito
Os mais severos pezares!
Contrario effeito,
Socego e dor
Causam no peito
Tyranno ardor.

Invoquei Amor, pedi-lhe
Que me deixasse quieta;
Sorrio; cravou-me no peito
A mais deshumana setta.
Contrario effeito,
Socego e dor
Causam no peito
Tyranno ardor.

Tive o valor de arrancá-la,
E minha paz fôra certa
Se não tivesse a desgraça
De ficar a chaga aberta.
Contrario effeito,
Socego e dor
Causam no peito
Tyranno ardor.

Uma tão cruel ferida,
Um tão desastrado corte
Sára quando cessa a vida,
Só lhe dá remedio a morte.
    Contrario effeito,
    Socego e dor
    Causam no peito
    Tyranno ardor.

XLIV.

BASTA, pensamento, basta,
Deixa-me em fim descançar,
Que um bem que ser meu não póde
É um tormento lembrar.
Basta, sim, basta,
Meu pensamento;
Tu és a causa
Do meu tormento.

Eu tenho poder ás vezes
Das idéas apagar,
De beber agua do Lethes
Quando o tormento é lembrar.
Basta, sim, basta, *etc.*

Sómente a acção dos sentidos
É que eu sei fazer cessar;
Que o que está pregado n'alma
Jámais se póde arrancar.
Basta, sim, basta, *etc.*

XLV.

Voa, pensamento, voa,
Deixa estes sitios mortaes,
Onde se perdem sem fructo
A minha razão, meus ais.

O presente taciturno
Finge-me alegre o passado,
E nos cofres da memoria
Acha o tempo afortunado.

Ditosos dias, que todos
Enchiam nobres idéas
Com que adoçava infortunios,
Doirava ferreas cadêas.

Cercada a frente de loiro,
Na mão a lyra empunhando,
Fui a minha dor e a alheia
Muitas vezes adoçando.

Com doceis Nymphas em coro
Cantei o Ceo e as estrellas,
Os bosques, e a Natureza,
Seu Author, e as Graças bellas.

Com ellas busquei nas artes
Mil recreios innocentes:
Horas como aquellas fogem,
Só duram muito as presentes.

XLVI.

Sentou-se afflicta
Junto a Aganipe
A triste Alcipe,
E assim fallou:

«Nume de Cirrha,
Que impios abates,
Se amas os Vates,
Eu Vate sou.

Porque a pezares
Cruel m'entregas,
Teu calor negas
A quem te amou?

Meú estro aquece,
Torna-me á vida;
Cura a ferida
Que a alma rasgou.»

Ouvio-me, e logo
Venceo meu fado;
C'o plectro ousado
Me premiou.

Dos sons canoros
Fugiram penas;
E co' as Camenas
Cantando vou.

XLVII.

Versos pequenos
Nascei da lyra,
A quem suspira
Vinde alentar!

Lindas Camenas,
Soltai as vozes;
Fados atrozes
Podeis domar.

Não poupa a Sorte
No rigor seu;
Numes do Ceo
Chega a expulsar.

A Delio mesmo
Jove fez guerra;
Pastor na terra
O fez andar.

No fero exilio
Delio trabalha,
Sem que lhe valha
Saber cantar.

Inutil lyra
Que outros deleitas,
De que aproveitas
No meu pezar?

Se os Deoses soffrem,
Se Apollo geme,
Alcipe treme
De se queixar.

XLVIII.

Illusão.

Bate as azas, fantasia,
Acorda, imaginação;
Tendes nos vossos thesouros
A varinha de condão.

Em vão contra os casos tristes
A geometrica razão
Cuida achar remedio a tudo
Na melhor demonstração:

Replica-lhe o sentimento,
Sem compasso o coração;
Vão procurar seu conforto
Na encantadora illusão.

Pega, fantasia, pega
Com tua mimosa mão
N'um véo denso que me encubra
Os horrores da traição.

Da ferida mais profunda
Sempre é nulla a sensação
Se o teu magico soccorro
Põe longe della a attenção.

Pinta-me em todos os rostos
Doçura, paz, união,
Inda que as almas encerrem
A negra cavilação.

Não são males que percebo
Que me dão consolação;
Sou feliz c'o bem que sinto,
Seja verdade ou ficção.

XLIX.

Sonho.

Sonhos meus, suaves sonhos,
Sois melhores que a verdade;
Quando sonho sou ditosa,
Sem o ser na realidade.

Amor, tu vens nos meus sonhos
Acalmar-me o coração:
Mas cruel! quanto promettes
Não passa de uma illusão.

Sonhei, tyranno, esta noite,
Sonhei que tu me chamavas,
E que sobre a relva branda
Tu mesmo me acalentavas.

Disseste-me: « Dorme, Alcipe,
« Depõe todos teus cuidados;
« Amor sobre ti vigia,
« Mal podes temer os fados. »

Dormi: neste dobre somno
Me achei n'um palacio d'ouro:
Entregaram-me uma chave
Para que abrisse um thesouro.

— « Chave magica, sublime,
Que me vais tu descobrir?
Se é menos do que desejo
Será melhor não abrir... »

— « Abre, Alcipe » qual trovão
Brada o Deos que me vigia:
Acordei sobresaltada,
E abrio-se, mas foi o dia.

L.

PÁRA, funesto Destino,
Respeita a minha constancia;
Pouco vences se não vences
De minha alma a tolerancia.

Se eu sobrevivo aos estragos
Dos males que me fizeste,
Inutil é combater-me,
Nem me vences, nem venceste.

Com seccos olhos diviso
Esse horror que se apresenta:
Os meus existem de gloria;
Morrendo, a gloria os alenta.

LI.

Basta, Destino severo:
Em dias tão mallogrados
Me trocaste sem piedade
Instantes afortunados.

Quaes voltam do sol os raios
Pelas trevas apagados,
Voltai, se podeis, instantes,
Instantes afortunados!

Voto imprudente! que digo?
Só posso esperar cuidados,
Uma vez que se interrompem
Instantes afortunados.

LII.

Ás Marilias (1).

Logo que o Sol se levanta
São os raios da luz pura
Testemunhas do meu pranto
E da minha desventura.

Cresce o dia, e desenvolve
O rigor do meu martyrio,
E no excesso com que choro
Passa a razão por delirio.

Quando a noite tenebrosa
Cobre os Ceos e o mundo inteiro,
Peço ás Parcas que me acceitem
O suspiro derradeiro.

Soa no Averno o meu voto,
Acorda o esqualido Mêdo,
Soltam-se os sonhos afflictos,
E perseguem-me em segredo.

Faz trinta circulos Delio
Sem reparar no meu fado;
Já lh' esqueceo que chorava
Tambem nas margens do Pado.

(1) As tres irmãs Lacerdas, açafatas da Rainha, insignes cantoras, que todas tinham o nome de Maria.

Calcando os celestes climas,
Os doze signos visita;
E o meu mal sempre constante
Nenhuma piedade excita.

Os lustros como os instantes
Voam dos que tem ventura;
Para mim um só momento
Como um seculo me dura.

Cantai, Marilias, cantai
O mal que eu tenho chorado;
Póde ser que o vosso canto
Applaque o rigor do fado.

LIII.

Ás Marilias (1).

JÁ que não querem ouvir-me
Os destinos desabridos,
Marilias, lindas Marilias
Repeti-lhe os meus gemidos.

Se o canto de Orpheo abranda
Té do Averno a força bruta,
Que fará o meu Destino
Se alguma vez vos escuta!

Cantai, que ainda que injusto,
Denegrido, envolto em fumo,
Quando cantam as Serêas
Um bom nauta perde o rumo.

(1) Veja-se a nota antecedente.

LIV.

A Anarda, que se queixava do silencio do campo.

SILENCIO da Natureza!
Com que energicos accentos
Nas horas das saudades
Suavisas meus tormentos!

D'entre as folhas falla o vento,
Vegetando as plantas fallam;
Nem os concavos rochedos,
Nem os ribeiros se calam.

Estes louros que me cercam
Fallam-me do Deos do dia,
Defendem vastos thesouros
Da espaçosa fantasia.

Do passado e do presente
Imagens mil tudo encerra;
E a esperança do futuro
Cultiva tambem a terra.

Ora vejo nesta a origem
Dos soccorros do indigente,
Ora o pacifico asylo
Da singeleza contente.

Ora o coração me mostra
Entre a seara dourada
Ceres quebrando as espigas,
Chorando a filha roubada.

Chóro então, e com Virgilio
Digo esse verso sabido:
=Que tem dó do mal alheio
Quem outro igual tem soffrido.=

Rompendo o botão mimoso,
Exhalando pura essencia,
As rosas me vão mostrando
Das filhas a adolescencia.

Escuta as vozes dos ermos,
Bella Anarda, alguns momentos;
Vê quanto dellas differem
Narcoticos comprimentos.

Depois voltando á cidade
Dirás comigo talvez:
« Aqui todos fallam *grego*,
« Lá, falla-se *portuguez*. »

LV.

A Armania.

ESTE logar é sagrado,
Cerquemo-lo de verbena;
Musas, tecei nova c'roa,
Teço eu nova cantilena.

Apollo, tu não m'inspiras;
Escuta meu verso attento;
As vãs ficções do Parnaso
Escusa o meu pensamento.

Só, sobre um carro de nuvens,
Vou planar sobre o Universo,
Vou buscar luzes mui altas
Para adornar o meu verso.

Sapho em cysne convertida
Cantou menos do que eu canto;
Não te assustes, linda Armania,
Se 'té aos astros te levanto.

Lá nesses bosques celestes,
Onde a linda Egéria mora,
Vamos ler nos seus dictames
Um dictame para agora.

Lá não repugnam as Graças
Ligar-se co' a razão séria;
Vem, Armania, vem trocar
Teu nome pelo d'Egéria.

Olha que um alto destino
Igualmente por ti clama;
Vê que quem honra a Virtude
Tem que contemplar a Fama.

Olha que as cousas pequenas
Só ferem olhos vulgares;
Faze que o teu nome voe
Sobre a terra, sobre os mares.

LVI.

Amor com frio.

N'UM bosque, onde entrar só póde
A séria melancolia,
Entre umas roseiras bravas
Encontrei Amor um dia.

—« Amor! oh Ceos, é possivel
Que adorado em Chypre, em Gnido,
Este Deos, que ama os festejos,
More aqui triste, escondido?... »

Ia a dizer mais; e Amor
O lindo rosto voltando
Me conta em phrases divinas
O seu desastre, chorando.

—« Fui abrigar-me (diz elle)
No seio amavel d'Aulisa;
Mas para estar sem sossobro,
Gaza e calor se precisa.

Fugi logo, que a tyranna
Tinha o peito descoberto;
Não achando onde esconder-me,
Preferi este deserto. »

LVII.

Ah! vem, não tardes, não, etc.

Esperei quem só buscava
N'um jardim cheio de flores;
As plantas raizes tinham,
Porêm azas os amores.

Em vão cheia de saudades
A vista ao longe estendia;
Voaram as horas leves,
E foi-se apagando o dia.

Desceo finalmente a noite,
A cor desmaiou nas plantas,
Meus suspiros foram muitos,
E minhas lagrimas tantas!...

Ingrata, se não me escutas
Vingue o Ceo tanta dureza,
Porque tens gesto divino,
E de fera a natureza.

Ah! vem, não tardes, não, etc.

LVIII.

Allegoria.

UMA gotta d'agua pura
Caío do rosto d'Aurora;
Iris a colheo nos ares,
E enxuga o pranto a quem chora.

Pedio a Phebo alguns raios,
E ornou-a das sette cores;
Pomposa assim brilha a gotta
C'os delphicos resplendores.

Os mortaes, que a vista erguiam
Aos ares aonde brilha,
Celebram, cantam, admiram
Esta rara maravilha.

Os sabios tudo explicaram,
Sem comtudo serem cridos;
Mas o povo neste assumpto
Aos devotos deu ouvidos.

Era um signal que mandava
Jove ao mundo descuidado,
Para restaurar na terra
O tempo d'oiro ou doirado.

Era um Sylpho, um Eon puro
Que aos homens vinha ensinar
As veredas da virtude,
Que ninguem póde atinar.

Nisto o Cão celeste ladra,
Manda o Sol maior calor;
Foi-se a gotta desfazendo,
E converteo-se em vapor,

LIX.

QUEM diz que amor é um crime
Calumnía a natureza,
Faz da causa organisante
Criminosa a singeleza.

Que vejo, Ceos! que não seja
De uma attracção resultado?
Attracção e amor é o mesmo;
Logo amor não é peccado.

Se respiro, a atmosphera,
C'um fluido combinado,
É quem me sustenta a vida
Dentro do peito agitado.

Se vejo mares, se fontes,
Rio, cristalino lago,
Dois gazes se unem, formando
Aguas com que a sede apago.

Uma lei d'affinidade
Se acha nos corpos terrenos;
Acidos, metaes, alkalis,
Tudo se une mais ou menos.

De que sou feita? — De terra;
Nella me hei de converter:
Se amor arder em meu peito
É da essencia do meu ser.

Sem que te offenda, Razão,
Quero defender Amor;
Se comtigo não concorda
Não é virtude, é furor.

LX.

Cantiga improvisada com o Mote

É causa de tudo Amor.

Foi causa de amor a Terra
E o Zephyro animador;
Mas hoje este effeito é causa,
É causa de tudo Amor.

O planeta que nos manda
A luz, a força, o calor,
Sem attracção fôra inerte;
É causa de tudo Amor.

Se os mais astros não descrevem
Uma orbita maior,
Attractiva força os prende,
É causa de tudo Amor.

Se esta essencia poderosa
Torna a ternura em furor,
Se arraza os muros de Troya,
É causa de tudo Amor.

Se os mares espavorida
Corta a filha de Agenor,
Se um Deos se converte em touro,
É causa de tudo Amor.

Se nas aguas do Hellesponto
Perece um terno amador,
Se afflicta a amante se mata,
É causa de tudo Amor.

Se encruzado a roca empunha
Das Hydras o Domador,
Cumplice d'Omphale altiva,
É causa de tudo Amor.

Não procureis, infelizes,
A origem da vossa dor:
Ditosos! se sois ditosos,
É causa de tudo Amor.

LXI.

Amor e Ciume.

Dois irmãos gerou a terra
De caracter mui diverso;
Um encanta, outro atormenta,
Ambos regem o universo.

Uma venda, um facho acceso
Que attrahe tudo c'o esplendor,
É quanto possue um delles;
É lindo, e chama-se Amor.

Descórado, carrancudo,
Ardendo em sulfureo lume,
Corações roe o segundo,
Chama-se o feio Ciume.

Em quanto Amor innocente
Faz throno do coração,
Tudo é ventura entre os homens;
Mas esta não dura, não:

Pois toda a delicia cessa
Se avista o irmão cruel:
Ciume é Caim de Amor,
E Amor morre como Abel.

LXII.

A DIVINA mãe de Amor
As verdes ondas geraram;
E por qual motivo as Horas
Esta deidade educaram?

Será por que o Fado absurdo
Tema as leis da Natureza?
Será por que as Horas fogem,
E fugir deve a belleza?

Mas de que servio a Venus
Tão sublime educação?
Seu filho é quem voa; a Deosa
Transmittio-lhe essa lição.

LXIII.

Deserção.

Amor longe do ruido
Procurou doce morada;
De rosas e madre-silva
Tinha à porta engrinaldada.

Tudo eram flores em torno,
Por dentro tudo caricias;
Neste sublunario mundo
Ninguem vio tantas delicias.

Aos sonhos como aos prazeres,
Costumados a segui-lo,
Impoz a lei que a Pobreza
Affastassem deste asylo.

Disse: — «Se acaso aqui chega
Hão de murchar estas flores,
Hão de desmaiar caricias,
Hão de fugir os amores.»

Nisto a pallida Pobreza
Da porta o degráo subio;
Amor abrio a janella,
Bateo as azas, fugio.

LXIV.

A meu Pae. (1)

Aqui, onde mora um cysne
Cuja voz desfallecida
Por entre surdos penhascos
Vaga sem que seja ouvida:

Aqui, onde ao longe soa
O ruido dos contentes,
Fluctuando na incerteza
Formo mil votos ardentes.

Mas dos Numes inflexiveis
Só a Febre é quem m'escuta;
Fartando-se do meu sangue,
Comtigo e comigo luta.

Se um voluntario systema
Te prescreve esse retiro,
Vem ao menos confortar
O meu ultimo suspiro.

Firme sem temor da morte
Vejo dissipar meus dias;
Tu, que a vida já me déste,
Dar-ma outra vez bem podias.

(1) O Marquez d'Alorna D. João d'Almeida.

LXV.

Testamento poetico d'Alcipe, a Lize sua filha. (1)

JÁ me vão tremendo as mãos
Quando as aureas cordas firo,
E em logar de um som cadente
Resoa um triste suspiro.

Cercado de dissabores,
Vai-me Saturno apagando
As idéas luminosas
Que n'alma estavam pulando.

Toma, Lize, a minha flauta,
E vai nos valles cantar;
Teu canto suave póde
Minhas magoas applacar.

Aqui tens a lyra d'oiro,
Na tripode toma assento;
Vai-te encontrar co' as estrellas
Nas azas do pensamento.

É voando co' as idéas
Que se avista a Divindade;
Só quem do vulgo se aparta
Entende a voz da Verdade.

(1) A Marqueza de Fronteira.

Resposta de Lize.

FALLA-ME Apollo ás idéas,
Tu fallas-me ao coração;
Quando a lyra assim me entregas
Minha alma dicta a canção.

Porêm a lyra conhece
O poder da tua mão;
Quando sabe que não tocas
Perde a sua afinação.

Se te diverte o méu canto
Illustra a minha razão;
Tudo pódes ensinar-me;
A amar-te, sómente não.

LXVI.

*Em resposta a outras de D.**

Apollo irado em pessoa
Tirou-me a lyra da mão,
Dizendo: — « Tu desafinas,
Não tocas o coração.

« Marsias viste castigado;
Teme a sorte do cantor,
E não mettas nos teus versos
As inepcías de Amor.

« Esse elemento do mundo,
Essa origem d'harmonia,
Só é digno de cantá-lo
O Numen que accende o dia.

« Cala-te, Alcipe imprudente,
Não cantes de Amor jámais;
Já cercaste os seus altares
Com enternecidos ais. »

LXVII.

A paz que mora nos bosques
É quem me ha de consolar;
Venho fugindo ao ruido,
Por que me póde matar.

Debaixo de um triste freixo
Vou pensamentos soltar;
Elles vão rompendo os ares,
Com os Ceos se vão ligar.

Lá das moradas celestes
Arrisco os olhos voltar;
E vendo em distancia o mundo
Então posso descançar.

Aqui transborda uma alverca
Que vai o campo inundar;
Acolá ventos irados,
Estão faias a arrancar.

Mais longe se atêa o fogo,
Que as searas vem queimar;
E apenas uma cabana
Póde ás chammas escapar.

De mil gemidos inuteis
Ouço os ares atroar:
Vejo junto áquella fonte
Uma Pastora a chorar.

Mas que bando d'aves negras
Vem sobre a terra pousar?...
A orfandade e a tristeza
Estão co' a innocencia a lutar.

Voam bandos de saudades
Os corações devorar:
Se eu não 'stivesse nos Ceos,
Té cá me haviam chegar.

Ah! como os momentos voam!
É já tempo de acordar:
Cuidei-me longe do mundo;
Comigo estava a sonhar.

LXVIII.

Cantiga patriotica, na guerra peninsular.

QUE intentas, Tyranno?
Vencer Portuguezes?
Almas generosas
Não temem revezes.

No campo da gloria,
Vencendo, ou vencidos,
Quaes rochas constantes
Nos vês destemidos.

Se ferreas cadêas
Nos prendem os braços,
Nossas almas livres
Desprezam teus laços.

A terra ensopada
No sangue mais puro,
Ao Ceo justiceiro
Te accusa, perjuro.

Se tardam seus raios,
Se é lenta a vingança,
Já vem no horizonte
A nuvem que os lança.

LXIX.

Cantiga Patriotica.

Puz tímida a mão na lyra,
O tom desejando achar;
Mas incerta da verdade
Receei desafinar.

Fiel meu peito ao que jura,
Em santo fogo abrazado,
Menos me assustava a morte
Que um juramento quebrado.

Nesta luta, sem concerto
Meu coração palpitava,
E de minha alma fugia
A certeza que buscava.

Porêm do Ceo, condoído,
Nova luz em mim se atêa:
Seguida da Lealdade,
Vejo vir descendo Astréa.

— « Fugi da terra em que os homens
Me insultaram tantas vezes;
Volto, chamada; esta gloria
Só pertence a Portuguezes.

« Alento! me diz, não temas,
Jura o que te ordena a lei;
Serves a Justiça, a Patria:
Jura; pois jura o teu Rei. »

LXX.

Cantiga devota.

Com que ardor minha alma voa
Após a Eterna Belleza!
Para tanto amor são poucas
As forças da Natureza.

Oh dura ausencia!
Oh saudade,
Que só se apaga
Na eternidade!

Que tristeza, se no mundo
Longe de ti me contemplo!
Corro, busco, e só descanço
Acolhendo-me ao teu templo.

Oh dura ausencia!
Oh saudade,
Que só se apaga
Na eternidade!

Alli um penhor sagrado
Encontro do teu amor;
Cuido que melhor acceitas
Os meus ais, meu Creador!

Oh dura ausencia!
Oh saudade,
Que só se apaga
Na eternidade!

LXXI.

(Em 16 *de Setembro de* 1836.*)*

Apenas desponta a Aurora
Despertam meus pensamentos;
Resalta o mundo das trevas,
E annulla presentimentos.

A meus olhos dão recreio
Um monte, um valle, uma penha;
A cascata que entre rochas
Com ruido se despenha:

Relva que o chão alcatifa,
Troncos que aos Ceos se levantam,
Aves que os ares cortando
Com seus gorgeios me encantam.

Ah! se o resto dos humanos
Pudesse esconder paixões,
Inda houveram subsistencia
As suaves sensações.

Mas quaes ventos furiosos
Que precedem tempestade,
Em partidos se dividem
Os membros da sociedade.

Da razão cessa o luzeiro,
Desfigura-se a belleza,
O terror seu logar toma,
Enluta-se a Natureza.

Creador deste Universo!
Gela no peito a ternura:
Ou me acolhe nos teus lares,
Ou dissipa a desventura.

LXXII. (1)

A SOMBRA de uma roseira
Dormia Amor socegado:
De rosas ávida vespa
Picou o menino alado.

Estremecido e choroso,
Sem saber o que era ainda,
Torce as mãos, grita, e procura
O collo de Venus linda.

— « Uma serpente com azas
Me mordeo, estou perdido!
Eu morro, querida mãe! »
Soluçando, diz Cupido.

— « Socega, responde Venus;
Essa terrivel serpente
O vulgo lhe chama vespa,
É um insecto innocente.

« Mas pensa, se essa picada
Te causa tal sensação,
Que farão as tuas settas
Cravadas no coração?... »

(1) Imitada de Anacreonte.

LXXIII. (1)

Em vão se resiste a Amor,
O seu poder reconheço;
Ante seu throno ajoelho,
Meu captiveiro confesso.

Ha muito o doce tyranno
Minha alma ataca em segredo,
Que de principios armada
Nunca delle teve medo.

Lindo, sorrindo, e com graça
Contra mim afoito avança;
Eu sem susto desafio
Os golpes de uma criança.

De um arco fatal armado,
De rica e doirada aljava,
Desprezando as minhas forças
Á luta me provocava.

Um broquel tomo; a meu lado
Pende luzidia espada:
Qual fero Achilles lhe ordeno
Que me ceda logo a estrada.

(1) Imitada de Anacreonte.

Seus dardos porêm, ligeiros
Como a luz, contra mim voam:
Eu zombo, esquivando os tiros,
Que nem ferem nem magôam.

Vasa o carcaz todo inteiro,
Com furor, mas sem effeito:
Até que elle mesmo irado
Se entranha dentro em meu peito.

Esta interna cidadella
O seu triumpho proclama:
Tudo estraga sem piedade
A devastadora chamma.

Vai-te, espada infiel, vai-te;
Deixa-me, inutil broquel:
Meu coração luta e cede
Na batalha mais cruel.

LXXIV. (1)

CHORAI, bando dos Amores,
Chore a bella Natureza:
Da minha Clore o Canario
Morreo — que dor! que tristeza!

Era seu prazer e encanto,
Mais que os seus olhos o amava:
Elle, filial e meigo,
Materno amor lhe pagava.

Do seu collo não fugia:
Se ora aqui e alli saltava,
Tornava logo saudoso,
Por ella só pipillava.

Hoje, ai de mim! pela estrada
Vai do Orco tenebroso,
De donde voltar não póde
Por decreto rigoroso.

Malditas sejais, ó trevas,
Que devorais quanto é bello!
Que nesse passaro lindo
Me roubaste o meu desvelo.

Oh desgraça! oh cruel Fado!
Que fizeste?... Enternecidos,
Tem Clore os seus lindos olhos
Vermelhos e entumecidos.

(1) Imitada de Catullo.

LXXV.

Em dia de Anno-bom. (1)

(1.° de Janeiro de 1800.)

Uma fresca aurora o dia
Apenas annunciava;
Para achar do bosque o trilho
Via-se quanto bastava.

Ficava-me para a esquerda
Lucifer; eu ia andando
Pelo valle, e docemente
Nisto e naquillo pensando.

Lembrou-me que á minha Patria
Esta estrella da manhã
Um anno novo trazia,
E me achava forte e sã.

Lembraram-me muitas cousas:
Lembrou-me o anno passado,
Mais o outro... e o meu destino,
E tudo estava acabado.

— «Quem te poz ahi, (lembrou-me)
Em muito converte o nada:
Quantas bençãos me rodeam!...
Valle! Estrellas! Madrugada!...

(1) Imitação de um cantico allemão.

«Logo o seu Sol juvenil
Virá tudo allumiar...»
Senti no peito um incendio,
Foi-me preciso parar.

Bem assim como quem sonha,
De mil visões rodeada,
Vacillante ao pé de um freixo
Fiquei com elle abraçada...

Senti então vir descendo
Por entre mil resplendores
Um canto que redisseram
Os echos dos arredores.

— «Patria dos antigos Vates,
Da antiga fidelidade,
Consagra-te Horus Lybico
De novo á santa Verdade.

«Em ti renasçam virtudes,
Do tempo velho, ornamento:
Tenham paz vossas cabanas,
E o Povo contentamento.

«Os homens, moços e velhos,
Não achem as leis molestas;
Sejam probos, sejam destros,
E as mulheres bem modestas.

«Principes grandes e justos,
Grandes, boas as Princezas,
Pagarão vossos esforços,
Dignas almas portuguezas.

« Sede sabios, valorosos,
Quaes foram vossos maiores:
Poetas, quebrai as lyras
Se cantais sómente amores.

« Os Bardos devem ser homens,
Ensinar a humanidade;
Encher de um fogo celeste
Versos que dicte a Verdade.

« Dizei ao nobre sem pejo,
Que em vão seus defeitos cobre,
Seja melhor, se lhe custa
Que o melhor seja mais nobre.

« Restrinja-se o vôo altivo
Do plebeo que a muito aspira:
Ambição une-se ás vezes
Com fraude, roubo, e mentira. »

Horus entre nuvens densas
Se encobrio no firmamento:
Ah! queira o Ceo que estas vozes
Não dissipe logo o vento!

LXXVI. (1)

Ausencia.

É certo que me deixaste?
Foste tu que me fugiste?...
Ah! que o som da tua falla
Inda em meu ouvido existe!...

Como o peregrino em trevas
Vê se a manhã se levanta,
Porque entre folhas reclusa
A cotovia já canta:

Busca-te a minha saudade
Nas grutas que o valle tem:
Chamam-te as minhas cantigas;
Ah! torna, torna, meu bem!

(1) Imitada de Goethe.

LXXVII. (1)

Medida do tempo.

Que nova insignia te adorna,
Amor! Dá-me a explicação
Por que motivo um clepsydro
Hoje vejo em tua mão?

Fantastico Deos, tu queres
Do tempo a regra mudar,
E o comprimento das horas
A teu capricho ordenar?

Longe do meu bem, pretendes
Que um' hora um anno pareça?
E que outr' hora junto delle
Corra, qual instante, á pressa?

(1) Imitada de Goethe.

LXXVIII. (1)

Cuidado.

Se os passos movo, que faço?
Ando quanto tenho andado:
Em que circulo penoso
Me fazes lidar, Cuidado?

Deixa-me ir por outra estrada,
Ver se alguma paz alcanço;
Não me invejes inquieto
Um momento de descanço.

Não sei se devo fugir-te,
Se entregar-me sem defeza:
Cuidado, fatal Cuidado,
Põe termo a tanta incerteza.

Se me não deixas, tyranno,
Ser feliz como preciso;
Se me estragas a ventura,
Se-quer, poupa-me o juizo.

(1) Imitada de Goethe.

LXXIX. (1)

Como devo, como posso
Mitigar esta paixão,
Este tumulto em que lida
Revoltoso o coração?

Como hei de calar os gritos
Que delle saindo vão?
Se são desta dor violenta
Ultima consolação!

Grito, sim, é-me preciso
Dissolvê-la nos meus gritos:
Desculpe Deos meus excessos,
E Marcia, pois são delictos.

Freme qual raiva do Inferno,
No peito a dor se revolta;
Da mais elevada chamma,
Que é sua origem, se sólta.

Desta labareda surde
Torrente devoradora,
Cujo incendio tudo abraza,
E a mim mesmo me devora.

(1) Imitada de Burger.

Sede, ó Deos! ó creaturas!
Testemunhas de um tal damno;
Se póde testemunha-lo,
Soffrê-lo algum sêr humano.

Bem como em masmorra escura
Geme um preso maneatado,
Que em grilhões de um peso enorme
Tem o corpo carregado:

Meu espirito assim luta;
Apalpa em torno, forceja
Por encontrar uma fenda
Onde entre a luz que deseja.

Um raio refrigerante
D'esperança qne o conforte.
Veda a abobada funesta,
Que romper só póde a morte.

De multiformes idéas
Um novo terror o opprime;
Todo o alivio lhe é defeso;
Desejo, esperançá, é crime.

LXXX. (1)

A uma Rosa.

Vi uma Rosa,
Indo passando,
Que derramava
Um cheiro brando.

Eu quiz colhê-la
Bella e florente;
Porêm picou-me
Severamente.

Tu, Lilia amada,
Ouve o meu canto:
Tu te assemelhas
Á rosa tanto!

Porêm repara
Que o Sol passando
Vai-te aquecendo,
E vais murchando.

Antes da noite,
Já desfolhada
Por vento rijo,
Tornas-te em nada.

(1) Imitada do allemão.

Ah! não desprezes
Esta lição,
Bem que importuna
Seja a razão.

O tempo voa,
Pune altiveza,
Rigido humilha
Quem o despreza.

LXXXI. (1)

Vôa, vôa, passarinho,
Goza em Maio tua idade:
Tua gaiola quebrou-se,
Vai gozar da liberdade.

Porêm ouvi neste bosque
Um som enganoso agora:
Não te fies na negaça;
Vôa, vôa, vai-te embora.

Tu não vês o falso laço
Que do lindo bago pende?
Vôa, pobre passarinho,
Ou a traição te surpr'ende.

Se aquelle bago engolires
Em vão quererás voar:
O laço contêm a morte,
E tu vais nelle expirar.

(1) Imitada do allemão.

LXXXII. (1)

Os dois Cysnes.

Moram dois Cysnes no mar
Que evitam com susto a praia;
Sua alvura faz cegar,
Sua luz como o sol raia,
Entre juncos e salgueiros
Que n'uma penha musgosa
Que forma a cella de um monge
Lançam sombra pavorosa:
Esta veda a luz do dia,
E augmenta a melancolia.

Só do tecto do Castello,
D'entre o musgo gotejante,
Espreitando, os olhos rompem
O ambiente verdejante:
Então ao longe apercebem
Os dois Cysnes prateados,
Seus gestos, e que repousam
Com os collos enlaçados.

Quando as dunas e os outeiros
Vai prateando o luar,
Sobre o fluctuante espelho
Veem-se os cysnes navegar:

(1) Imitada do allemão.

Um delles afflicto víra
Para traz a vista amarga,
Como quem leva saudades
Do doce asylo que larga.

Quando o sol nasce, desmaiam
Pela manhã as estrellas;
Toca a sineta do claustro
Das penitentes donzellas:
Então cada qual dos cysnes
Na fugida se disputa,
E com rapida carreira
Procura a sombria gruta.

Por este modo lidaram
Muito tempo nestes lares;
E a Fama já lhes chamava
Dois amantes singulares.
É feliz quem vive amando
Em suave companhia;
Do seu bem se não separa
Um só instante, um só dia.

Nisto um sonoro gemido
Retinio na praia um dia,
Motivado d'uma flecha
Que o peito a um delles feria:
De sangue purpureo jôrro
Pelo golpe lhe saío,
E com elle o fôlgo, a vida
Para sempre lhe exhaurio.

O companheiro fiel,
Junto delle vigiando,
Nem comida, nem soccorro
Quiz ir d'alguem acceitando.
Do alvissimo cadaver
Cobrio com junco a ferida;
E por tres dias e noites
Canta a fatal despedida.

Triste Cysne! melhor fôra
Acabar tambem agora:
Muito mais soffre que a morte
Quem perpetuamente chora;
Quem com olhos quebrantados
Prantêa os casos passados.

LXXXIII.

Imitação livre de uma cantiga ingleza de Mrs. Opie.

Bem que tão longo e terno amor nos ata,
Separar-nos, devêr altivo ordena:
Mas se lavra teu peito angustia e pena,
Dor mais acerba, mais cruel me mata.

É mudo o meu pezar — o teu discorre;
O deposito triste tocar temo:
Tu buscas gente — eu solitaria gemo;
Chorar não sei — porêm teu pranto corre.

Por mais votos que a tua boca faça,
Na minha alma o tormento é mais duravel:
Rapida vai torrente vadeavel,
Sombrio e lento um vasto rio passa.

LXXXIV.

Cantiga de uma Princeza da China, casada com um Rei dos Hunos. (1)

Como o destino persegue
Quem d'alta estirpe nasceo!...
Illudido pela gloria
Meu pae um esposo me deo:
E no mais fatal instante
Fixou-me em paiz distante.

Que transtorno! Meus palacios
Em barracas se tornaram;
E as mais soberbas columnas
Por estacas se trocaram:
Cessou a meza opulenta,
Carne crua me sustenta.

Um acido leite apaga
Minha sêde desmedida;
Entre ancias crueis suppórto
Esta insipida bebida:
Que será de mim se a sorte
Me dilata muito a morte?...

Oh Patria querida! oh Patria!
Penso em ti continuamente;
Sinto o coração ferido,
E ferido mortalmente:
Ah! se em ave me mudara
Para lá logo voara.

(1) Traduzida de...

LXXXV. (1)

Bem t'entendo, coração;
Queres queixas exhalar:
Se queres dizer que adoras,
De que te podes queixar?

Mas cala-te; não reveles
Da minha alma um tal segredo:
Os Deoses podem sabê-lo,
Mas dos mortaes tenho medo.

Zephyro brando, se encontras
Quem amo nesse retiro,
Não digas de quem, mas dize
Que não és mais que um suspiro.

E tu, placido remanso,
Se ao pé delle vais correr,
Dize só que és pranto, e cala
Qual chôro te fez crescer.

(1) Imitada de Metastasio.

LXXXVI. (1)

TANTAS lagrimas chorei
Para teu peito abrandar,
Que ao teu rigor já te entrego,
Estou cançado de chorar.

Se o termo da vida esperas,
É tardia essa piedade;
Que em mim se apaga a ternura,
Como em ti augmenta a idade.

Vê a pressa com que o rio
Se precipita no mar:
Assim os annos que fogem
Sabem o amor avisar.

(1) Imitada de Metastasio.

LXXXVII. (1).

Amor, Tempo, e Amizade.

Se queres, Amor, que eu ame
Dá-me a idade dos amores:
Une á tarde de meus annos
Da manhã os resplendores.

De Paphos e de Cythéra,
Onde Amor brinca e suspira,
Pela mão me leva o Tempo,
E por força me retira.

Deste seu rigor tiremos
Ao menos utilidade:
Quem não tem da idade o senso,
Tem as desgraças da idade.

Deixemos aos tenros annos
Seus loucos divertimentos:
Um momento á razão demos,
Se a vida são dois momentos.

Triste sorte! tudo foge,
Prazer, illusão, ternura:
Dons do Ceo, que consolaveis
Da minha vida a amargura!

(1) Traduzida de V.

Nós morremos duas vezes:
Mas deixar de ser amada
É das mortes a peor;
Cessar de viver é nada.

Deste modo eu deplorava
A perda de erros antigos:
Minha alma entregue a desejos
Chorava os seus inimigos.

Nisto, veio soccorrer-me
Dos Ceos a terna Amizade;
Menos viva que os Amores,
Mas d'igual suavidade.

Senti-me, ao vê-la, illustrada
De uma luz serena e bella;
Segui-a, porêm chorando:
Porquè? — Por seguir só ella.

LXXXVIII. (1)

O Valle.

Meu coração fatigado,
E mesmo até da esperança,
Com supplicas importunas
O Destino já não cança.

Valle, onde a infancia passava
Sem me aperceber da sorte,
Dá-me asylo por uns dias,
Para esperar pela morte.

Eis essa estreita vereda
Que ao recluso Valle traz:
Eis o bosque, que me cobre
De sombras, silencio e paz.

Dois regatos, escondidos
Entre berços de verdura,
Vão serpeando perder-se,
Sem nome, nesta espessura.

A fonte destes meus dias
Tambem assim tem corrido;
Esgota-se mansamente,
Sem regresso nem ruido.

(1) Imitada de Lamartine.

Como a creança que embala
Do canto a monotonia,
C'o murmurío das aguas
A minha alma adormecia.

De um verde muro cercada,
E um limitado horizonte,
Ah! como então me bastava
Ver os Ceos, e ouvir a fonte!

Muito, vi, senti; na vida
Tudo já me sobejava:
Só do Lethes o socego
Nestes ermos invejava.

Sitios bellos, convertei-vos
Nesses onde tudo esquece:
O esquecimento agora
Só ventura me parece.

SEXTINAS.

SEXTINAS.

A D. José Manoel da Camara, que então se achava no Rio de Janeiro, donde me communicou que o Principe D. Pedro gostava da Poesia.

Com pensamento e vontade
Fui da Phocida ás campinas,
Ver se a minha adversidade
Domam as Musas divinas;
Ou se afogam a saudade
As torrentes Cabalinas.

Inutil esforço é este!
Acho-me dentro em Lisboa,
Aonde o fogo celeste
Arde sim, porêm magôa:
Nada é bom, por mais que preste,
E até Homero destôa.

Onde acolher-me, Camiro?
Qual recanto sobre a terra,
Qual pacifico retiro
Me ha de livrar desta guerra?
Lá onde moras infiro
Que o socego e paz se encerra.

Pois deixo o Parnaso; e creio
Que as Camenas avisadas
No Brasil com mais aceio
Fixaram suas moradas;
E que adornam com recreio
Frentes que hão de ser c'roadas.

Outr'ora da lyra ufanas,
Contentes da branda avena,
No Lyceo ou nas cabanas
Soltavam a cantilena;
Junto ao solio, soberanas,
Novas leis Phebo lhe ordena.

Quer que as Irmãs que trajavam
Gregas alfaias, se adornem
Como d'antes se adornavam
As Virtudes; que não tornem
A morar onde moravam,
E que regios lares ornem.

Quer que os thesouros que tinham
Derramem nessas florestas,
Pois que tão pouco avisinham
D'Europa as plagas infestas,
Onde monstros esquadrinham
Sómente cousas funestas.

Novo e gentil Hierophante,
Em nobre templo elevado,
Com diadema radiante
Presida ao rito sagrado;
Pois seu canto altisonante
Inda póde mais que o Fado.

Graças, Musas virtuosas
Lhe offertem nossa esperança
Para as canções sonorosas:
Feliz quem a dor amansa!
Quem das palpebras chorosas
Enxugar o pranto alcança!

Acima de tudo eleva
Sapiencia, ingenho, e arte:
Esse volatil que leva
Os nomes a toda a parte
Sobre taboa d'ouro escreva
Pedro, Diniz, e Duarte.

Quando este pregão ditoso
Realçar a Poesia,
No Tartaro tenebroso
Gemerá a aleivosia,
E culto respeituoso
Terão as leis da harmonia.

Em quanto, desentoada,
A turba das rans grasnando
Faz no seu lodo morada,
Irão os Cysnes voando,
Sobre a terra afortunada
Seus aureos sons espalhando.

SEXTINAS.

CANTAI, Aonias Donzellas,
Ás filhas do Tejo unidas:
Sejam muito alem dos astros
As vossas canções ouvidas;
E de lá do immortal templo
Dai ao mundo o nosso exemplo.

O que viram com assombro
Os antigos Transtaganos
Vemos hoje, renascendo,
O Reino, isento d'enganos:
Derrubou-se a maura gente, (1)
Surge a Patria refulgente.

Alagar de sangue a terra,
Quebrar vinculos sagrados,
Foi o funesto remedio
Que salvou outros Estados:
Entre nós triumpha a Lei,
Honra, Divindade, e Rei.

(1) A maura gente entende-se com aquelles que no anno de 1810 condemnaram tão injustamente meu irmão o Marquez d'Alorna.

(Nota da auctora).

Não foi vingadora espada
Que desfez antigos erros:
Á simples voz da verdade
Caem por terra nossos ferros:
Dissipa alegre a innocencia
As trevas da Inconfidencia.

São de flores as cadêas
Com que nos prende o Governo;
Grata a Nação lhe afiança
Entre os Lusos nome eterno:
Ávante, Heroes da verdade!
Abrangei a Eternidade.

Dizei sem susto aos que ensinam
Aos homens a lei divina,
Que as paixões discordam sempre
De tão pura e sã doutrina:
Mas affastai os enganos
Com que os insultam profanos.

Depositarios do Culto,
Quanto lhes deve a piedade!
Deos honramos, respeitando
Ministros da Divindade:
Fazendo-lhes grave offensa
Desmentimos nossa crença.

Dizei ao nobre sem pejo,
Que em vão defeitos encobre,
Seja melhor, se lhe custa
Que o melhor seja mais nobre:
Não traga seu nome a rastos,
Se este ornava os nossos fastos.

Mas se o sangue hereditario
Tem no seu peito calor,
Seria ingrato descuido
Rebaixar preço ao valor;
Reassumir o premio herdado
Dos defensores do Estado.

Vinde, Victimas illustres
De uma briosa illusão;
As leis esquecidas bradam,
Chama por vós a Nação:
Mantende o que Heroes juraram
Quando este Reino fundaram.

Então columnas do Throno,
Do Povo sublime amparo,
Defendereis o Rei, tanto
Quanto o Reino vos for caro.
Será cego quem não vê
Que nisto consiste a fé.

SEXTINAS.

Quando me penhoraram injustamente todos os meus bens.

Á Fortuna.

Fortuna, que me persegues!
Pequeno triumpho tens;
Eu desejo só vontades,
Tu disputas-me vintens:
Basta-me o que me deixares
Quando tudo me levares.

Basta-me esta alma que tenho,
Constante como os penedos;
Bastam-me as aguas das fontes,
E a sombra dos arvoredos:
Ponho-me ao fresco no Estio,
E aquento-me, andando ao frio.

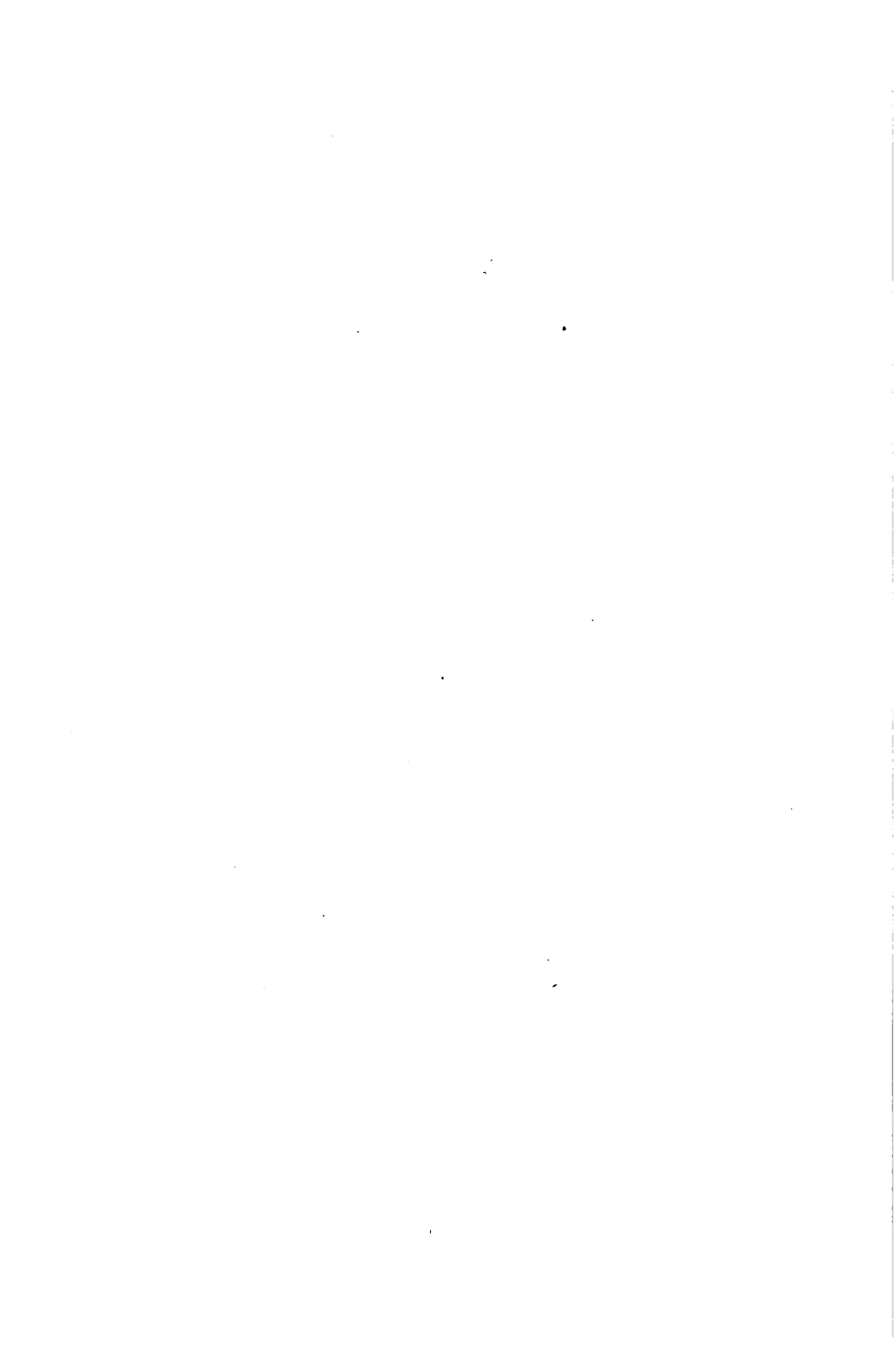
Basta-me o Sol, que não podes
Apagar; e á noite a Lua:
Se me tirares a casa,
Irei dormir para a rua:
Sopa, não me dá cuidado,
Tem muitas plantas o prado.

Se o teu rigor se estendesse
A tirar-me o meu tinteiro,
Escreveria nos troncos,
Com um prego, este letreiro:
« Vim ao mundo sem camisa,
Ninguem morrendo a precisa. »

Madrigal.

*Imitado de ****

Philis disse ao seu Pastor:
« Sabes tu por que motivo
Não terá olhos Amor? »
Respondeo-lhe: — « Não tem olhos
Porque generoso os deo
A Philis quando nasceo. »

APOLOGOS.

APOLOGOS.

I.

O Pyrilampo e o Sapo.

Lustroso um astro volante
Rompeo das humildes relvas:
Com seu vôo rutilante
Alegrava á noite as selvas.

Mas de visinho terreno
Saío de uma cova um Sapo,
E despedio-lhe um sopapo
Que o ensopou em veneno.

Ao morrer exclama o triste:
« Que tens tu de que me accuses?
« Que crime em meu seio existe? »
Respondeo-lhe: « Porque luzes? »

II.

O Morcego.

Um Morcego presumido
Fez nas trevas mil projectos,
Dizendo, que a luz não era
Essencial aos objectos.

Que para subir tão alto
Como as Aguias, bastaria
Ir subindo para o ar
Antes que nascesse o dia.

Sem mais calculos fazer,
Sem suas forças medir,
Bateo as dentadas azas,
E começou a subir.

A madrugada, entre nevoas
Assomando no horisonte,
Inda soçobrou mui pouco
O nosso novo Phaetonte:

E logo que a luz serena
Do formoso Sol luzio,
Foi subindo até aos astros,
E lá de cima caío.

Caío por terra, coitado:
Mas o seu ingenho opaco
Não descubrio outro abrigo
Mais que um escuro buraco.

III.

O Pintasilgo e o Rouxinol.

Um Pintasilgo imprudente
Desviou-se do seu ninho,
E nem um só grão d'arpista
Encontrou pelo caminho.

Pela fome conduzido
Entrou n'um bosque sombrio
Onde retinia ao longe
De um Rouxinol o assobio.

Ao doce cantor das selvas
Voou afoito, e lhe disse,
Se tinha grão de sobejo
Que com elle repartisse.

«Tenho, (respondeo polido,
O musico das florestas)
Tenho grão, e sei cantigas;
Terás delle, escuta estas.»

Começou logo a cantar;
Cantou, té que amanheceo,
E entretanto o Pintasilgo
Foi definhando, e morreo. (1)

IV.

A penna e o tinteiro.

Uma penna, presumida
D'escrever grandes sentenças,
Fallava das suas obras
Tão sublimes como extensas.

(1) Este apologo foi feito em casa de uma senhora que tambem fazia versos, e tinha a vantagem de ser casada com um Ministro d'Estado.

(Nota da auctora).

« Sem mim, disse ella ao tinteiro,
Pouca figura farias:
Cheio de um liquor immundo,
Sem mim, triste, que serias? »

O tinteiro injuriado
Vasou logo a tinta fóra,
E voltou-se para a penna
Dizendo-lhe: « Escreve agora. »

Assim responde aos ingratos
Muitas vezes a razão:
Muita gente ha como a penna,
Como o tinteiro outros são.

V.

O Cuco e o Rouxinol.

Disse um Cuco, ponderado,
A um Rouxinol, certo dia:
« O meu canto é regulado,
Tem compasso e melodia.

« São estas regras do canto
Dignas de grande attenção:
Ouve, Rouxinol, talvez
Que te aproveite a lição. »

Espanejou-se o cantor,
E em duas notas iguaes
Vomitou do triste papo
Cucu, cucu, nada mais.

A Philomella sorrindo
Respondeo n'uma volata,
E em torrentes d'harmonia
Suffocou a voz ingrata.

Quando um quadrupede triste,
Pelas orelhas famoso,
Começa a cantar tão alto
Que atrôa o bosque frondoso.

O Rouxinol coitadinho
Nem mais poude abrir o bico:
Eu tambem n'um caso destes
Nem me pico, nem despico.

VI.

O Leão e a Raposa.

Meu Senhor! (disse a Raposa,
Fallando nm dia ao Leão)
Eu não sou mexeriqueira,
Mas calar-me é sem-razão.

Sabe que mais? anda um Burro
Aqui por toda a cidade
A dizer mil insolencias
Contra Vossa Magestade.

Elle diz, que não percebe
Como lhe acham talentos,
Em que consiste a grandeza
Desses seus merecimentos.

Diz que o seu valor é força,
E que é pouca habilidade
Quando vence facilmente
Ostentar heroicidade.

Calou-se um pouco o Leão,
E depois, sorrindo, disse:
« Qu' importa o que diz um asno?
Enfadar-se é parvoice. »

EPIGRAMMAS.

EPIGRAMMAS.

I.

Traduzido de Marcial.

ATRAVESSANDO as ondas empoladas
Buscava audaz Leandro a amante linda,
E assim fallava ás ondas irritadas:
« Deixai-me lá chegar, matai-me á vinda. »

II.

A um Prégador insipido.

ESTE prégador famoso
Põe-nos em contradição;
— Vigiai — diz a Escriptura,
E — durma — diz o sermão.

III.

SE acaso a febre de amor
Fosse como a das sezões,
Que vergonhas no intervallo,
Teriam os corações!...

IV.

VÁ mentindo, mentiroso,
Contra mim muito á vontade;
Hei de vingar-me dizendo
De você simples verdade.

V.

Dos teus estudos sublimes
Os mestres negar não podes;
Euclides em Geometria,
Em Jurisprudencia Herodes.

EPIGRAMME

À un soi-disant médecin qui m'accusait d'être sçavante.

Tu m'accuses, Docteur, le crime est beau!
J'ai du sçavoir, ce mal vaut bien un autre;
Blâmez, criez, je garde mon défaut,
Et fais serment que ce n'est pas le votre.

DECIMAS.

DECIMAS.

MOTE ALHEIO.

Toma Amor, mas toma em vão
Um suspiro em desafogo:
Quer subir, mas torna logo
A descer ao coração.

GLOSA.

1.ª

Jove anima a Natureza,
Solta ao sol raios dourados,
Flora em vão adorna os prados,
Nada em mim vence a tristeza:
Minha altiva dor despreza
A vulgar consolação;
Nem mesmo a doce paixão
Pode ao meu mal arrancar-me;
O cuidado de alegrar-me
Toma Amor, mas toma em vão.

2.ª

O tumulto das idéas
Me arroja o sangue á cabeça,
Que bate, ardendo com pressa
Nas entumecidas vêas:
Virtude! se não premêas
Feros sacrificios logo,
Se a pyra em que arde o teu fogo
Rodêam punhaes, venenos,
Consente que eu solte ao menos
Um suspiro em desafogo.

3.ª

Desfallecida e cançada
Me prostro ás vezes por terra,
E a dor que minha alma encerra
Mando aos Ceos desesperada:
São surdos os Ceos; o Nada,
Em perspectiva ao meu fogo,
Annulla no ar meu rogo;
Do destino desprezado,
Quer no peito encarcerado,
Quer subir, mas torna logo.

4.ª

Torna logo, e o seu veneno
Vai-me corroendo os dias,
Sinto o rosto e as mãos já frias,
D'Atropos já vejo o aceno:
Neste despojo terreno
Já lavra a destruição;
Não vacilles, Parca, não,
Vibra em mim o feliz corte...
Começa o gelo da morte
A descer ao coração.

MOTE

Do Doutor Domingos Borges de Barros.

Tu és minha companheira,
Ó triste e mimosa flor!
Se tens de saudade o nome
Da saudade eu tenho a dor.

GLOSA.

1.ª

A Parca em seu fuso enrola
Os meus afflictos instantes,
Põe-me os prazeres distantes,
E a fatal tesoura amola:
Nem ao menos me consola
Memorar a vida inteira;
Como exhalação ligeira
Tudo fugio: que me resta?
Tu, meditação funesta,
Tu és minha companheira.

2.ª

Contemplando a Natureza,
Os Astros, a Terra, o Ceo,
Tudo, tudo esmoreceo,
Tudo amortece a tristeza:
Murchou do campo a belleza,
As boninas não tem cor;
Só tu conservas vigor,
Saudade, que açouta o vento;
Symbolo do meu tormento,
Ó triste e mimosa flor!

3.ª

Flor funesta! que não sentes
O que á vista significas,
Que hypocritamente explicas
O que insensivel desmentes:
Não insultes descontentes
Que a dor aguda consome;
Teme que vingança tome
O Ceo desse atrevimento,
E que te desfolhe o vento,
Se tens de saudade o nome.

4.ª

Nome que differe tanto
Da cruel realidade,
Como a sombra da verdade,
O Ceo dos sitios do pranto:
Se gemo, se a voz levanto,
Se inspiro aos mortaes terror,
É que o meu sedento ardor
De Tantalo a sede excede;
Com meu mal algum se mede,
Da saudade eu tenho a dor.

MOTE

DE MANOEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE.

Para Amor todos são crentes,
Atheos não ha para Amor.

GLOSA D'ALCIPE.

TYRANNO Amor, quando mentes,
Quando as almas atraiçoas,
As razões sempre são boas,
Para Amor todos são crentes:
Os suspiros mais ardentes
Finges, divino impostor;
Seu veneno encantador
Convem tanto ao peito humano,
Que adoram todos o engano,
Atheos não ha para Amor.

MOTE.

O tormento da incerteza.

GLOSA.

NAS ondas do mar irado,
Nas furias do Noto fero
Uma pintura achar quero
Do meu acerbo cuidado:
  Mas é tão duro o meu fado,
Tão densa a minha tristeza,
Que na vasta natureza,
Por mais que a idéa dilate,
Nada encontro que retrate
O tormento da incerteza.

MOTE ALHEIO.

Quem creou o coração
Deve ser centro de amor.

GLOSA IMPROVISADA.

Luz brilhante da razão,
Presente do Author dos Ceos,
Tu declaras que foi Deos
Quem creou o coração:
  Se os nossos suspiros vão
Ás paixões dar só calor,
Distantes do seu Author
Insultam a natureza;
Pois só de Deos a belleza
Deve ser centro de amor.

INSOMNIA.

Na madrugada de 17 *d'Agosto de* 1832.

Raios de luz do Oriente
Vem a noite afugentando;
Vão-se as sombras affastando,
Sem que algum sonho me alente:
  O susto assalta-me a mente,
Que em cuidados envolvida
É tanto o horror em que lida
Que nada vê que a conforte,
E crê que mais vale a morte
Que a duração de tal vida.

QUADRAS.

QUADRAS

Que fiz a minha irmã. (1)

Se da sorte a mão ousada
De teus braços me arrancou,
Não póde roubar a imagem
Que a saudade em mim gravou.

Se eu e tu fossemos duas,
Pudera a Parca sem dó
Separar-nos; mas não somos
Eu e tu mais que uma só.

Se respiro, inda respiras;
Nem tem a Parca poder
De confundir-te c'os mortos
Em quanto Alcipe viver.

(1) A Condessa da Ribeira D. Maria d'Almeida.

EPITAFIO DE RAPHAEL.

HIC SITUS EST RAPHAEL, TIMUIT QUO SOSPITE VINCI
RERUM MAGNA PARÉNS, ET MORIENTE MORI.

Traducção minha, ou imitação, em italiano, porque se não entendia o portuguez, em Vienna d'Austria, onde foi proposto pelo Principe de Kaunitz a quatro pessoas, para traduzir em quatro differentes linguas: coube-me a traducção italiana.

QUI jace Raphael; mentre vivea
Sotto il penel sublime se credea
La grande Madre de le Cose vinta,
E con la morte sua anch' ella estinta.

Despedindo-me do Abbade Metastasio, fez-me ou repetio-me esta quadra (elle tinha já 83 annos.)

I momenti sanno eterni
Si lontan tu sei da me;
Sanno istanti i giorni miei,
Idol mio, vicino a te.

RESPOSTA.

É ver, Musa, tu lo sai,
Che con lui le voce alterni;
Quando la gloria se serve
I momenti sanno eterni.

Io lo so, nel alma mia
Si ripetono fra se
Le tue voce, i tuoi concenti,
Si lontan tu sei da me.

Ma cosi lente non giova
Contar l'ore, io non potrei:
Quando vi lodo o vi canto
Sanno istanti i giorni miei.

La mia cetra adesso io prendo,
Piu dolce cura non vè:
Porte Amor grato l' ommagio,
Idol mio, vicino a te.

EPITAFIO.

AQUI jaz essa Virtude,
Companheira da innocencia,
Com que as graças se adornavam;
Chama-se Condescendencia.

Despedida nas Caldas a uma amiga.

NA invenção das cortezias
Não entrou o coração:
Nasceram do fingimento,
Tolerou-as a razão.

Se eu fosse amiga das duzias,
Fôra a teus pés despedir-me:
Mas faz sol, eu tenho calma,
Quer o meu bem, quero ir-me.

Vou-me embora, adeos, amiga:
De palavra ou por escripto
Verás sempre na minha alma
Mesmo o que não tenho dito.

Lerás o que outras não leem;
Saudades, sinceridade;
E mais calida que as Caldas
A minha terna amizade.

Imprecações contra Apollo. (1)

PHEBO! a lyra me bastara
Se este instrumento dourasses:
Com que gosto iria a Mafra
Se os teus urcos me emprestasses!

As minhas mulas idosas
Não vencem estradas rudas;
Eram bons Pyrois e Ethonte,
Neste aperto, para mudas.

No teu rutilante carro
Nenhuma attenção me dás:
Cruel Deos! porque m'impedes
Que vá festejar a Paz?

Tu com teu vigor fecundas
No seio da terra as minas:
Porêm isso de que serve
Quando as mãos tens tão mofinas?

Na imaginação conservo
Os thesouros que me déste:
Mas com elles emmagreço,
Valem quanto vale a peste.

(1) A auctora desejava ir a Mafra em uma occasião de parabens a ElRei D. João VI., e faltou-lhe a carroagem.

Guarda os teus dons; não m'importa
O teu corporeo calor:
A minha alma independente
Vai saudar o Imperador.

Talvez que mais generoso
Da paz reparta comigo:
Se o meu leal amor paga,
Quanto desejo consigo.

CANTICO

Para os meninos da Escola da Infancia.

Os nossos primeiros Pais,
Lá no principio do mundo,
Tinham claro o entendimento,
Por isso saber profundo.

Conversavam com os Anjos,
O Senhor os instruia;
E então na vontade humana
Erro algum ou mancha havia.

Dias tão ditosos nascem
Por divina inspiração;
MARIA DA GLORIA os suppre,
Protegendo a educação.

Regia MARIA! és o Anjo
Que da parte de Deos fallas:
As sementes da maldade
Tua mão vem arrancá-las.

Em Genios da Patria dignos
Tu vais converter a Infancia,
Levantar throno de gloria
Das ruinas da ignorancia.

Já vemos de toda a parte
Affluirem Subscriptores;
Tal é do exemplo o triumpho
N'alma dos imitadores.

Os oraculos sagrados
Disseram verdade eterna,
Que a multidão sempre é justa
Como é tal quem a governa.

Do teu animo celeste
Quem te vê logo adivinha
O amor patrio, a caridade
Que adorna a nossa RAINHA.

Na face das Inspectoras
Brilham maternaes cuidados,
E multiplicam-se as mães
Aos meninos desgraçados.

Os homens, a quem não toca
Tão delicada funcção,
Generosos contribuem
Para que cresça a instrucção.

Por este bem tão sublime,
Em logar de outra paixão,
Crearam em nossas almas
A mais firme gratidão.

Salve, ó compassivos Socios
Da empreza mais caridosa!
Seja-vos constante o premio,
Sendo á Infancia proveitosa.

Unido ao coro dos Anjos
O nosso cantico soe:
A RAINHA e a quem a imita
Benigno Deos abençoe.

Estando muito doente, em 22 de Novembro de 1837.

ACTO DE CONTRICÇÃO.

SINTO o corrosivo tempo
Sempre sobre mim passar,
Sem que a minha razão possa
Meus defeitos emendar.

Córos celestes! cantai-me
Hymnos da resurreição:
As imagens doces ganham
Facilmente o coração.

Tu, meu Deos, que me creaste,
E de barro me fizeste,
Quebra, dissipa este barro,
Que piedoso compuzeste.

Lava-me tu, ficarei
Mais alva que a neve pura;
Terei forças com que faça
Quanto a salvação segura.

Victimarei com valor
As fantasticas vaidades;
Guardará meu sêr apenas
Cicatrizes das saudades.

Porêm, inundada em pranto,
De viva dor opprimida,
Meu Deos! virá tua piedade
Conduzir-me a melhor vida?

Perdoa se descuidada
Fechei á tua voz ouvidos,
E ouvi criminosos brados
Dos meus barbaros sentidos.

Em memoria de Pimperle. (1)

(Anno de 1839.)

Chorai, sensiveis matilhas,
Pimperle já não existe!...
Á saudade que nos causa
O coração não resiste.

Se os humanos imitassem
Suas raras qualidades,
Ausentando-se do mundo
Cresceriam as saudades.

Nem Oreste nem Piládes
Na amizade o excederam;
Nunca foram tão ditosos
Quando no mundo viveram.

Pimperle sabio e prudente
Do Orco evita os horrores,
E só do estrellado Ceo
Sollicita os resplendores.

Vê que está vago o logar
Que a Canicula occupou;
Cheio de merecimentos,
Para lá se encaminhou.

(1) *Pimperle*, cão valido, que pertencia a Sua Magestade ElRei D. Fernando.

Brilhou como brilha a estrella
Na boca do Cão maior,
Todo ornado das insignias,
Das graças do seu Senhor.

Logo se sentio na terra
Sua benigna influencia;
Os calores diminutos
Nos consolaram da ausencia.

Este assumpto inda é mais bello
Que o que Catullo cantou;
Pois se um canario gorgêa,
Pimperle pouco ladrou.

Foi grato a regios favores,
Com talento os mereceo;
Acabou seus dias breves,
Fama lhe superviveo.

Eu tambem, que inda respiro,
Se uma igual sorte tivesse,
Pela sua a minha sorte
Trocara em quanto vivesse.

Mas chegou o Enxota-Musas, (1)
Phebo desappareceo:
Se parodiei Catullo,
Se o imitei, não sei eu.

(1) Nome que a auctora poz a um seu criado que a veio interromper na occasião em que compunha estes versos, dezoito dias antes de fallecer.

FIM DO TOMO II.

INDICE

DO QUE CONTÊM O TOMO II. DAS OBRAS POETICAS D'ALCIPE.

EPISTOLAS.

ODES.

ELEGIAS.

CANTO FUNEBRE,

ECLOGA.

SONETOS.

CANTATA.

HYMNOS.

CANTIGAS.

SEXTINAS.

APOLOGOS.

DECIMAS.

QUADRAS.

ERRATA.

Paginas	*Verso*	*Erros*	*Emendas*
5	27.°	percursoras	precursoras
9	20.°	Cohorte	cohorte
10	7.°	estado	Estado
11	12.°	causa	Causa
12	7.°	regaça	negaça
25	17.°	as sedições	sedições
29	25.°	creação	Creação
34	17.°	Tempe,	Tempe !
»	21.°	susurro,	susurro ;
36	13.°	Apollo	Apollo,
43	25.°	sublimes	sublimes,
44	2.°	fixa ;)	fixa) ;
»	ultimo	Escultou	Esculptou
50	22.°	Anulla,	Annulla,
72	23.°	quanto	quanto,
84	6.°	d'olhos,	d'olhos ;
85	17.°	sacro-santas,	sacro-santas !
87	4.°	triregnio	triregno
»	»	ou	e
102	15.°	as Eras,	ás Eras,
103	24.°	Enfacha	Enfaxa
110	3.°	anniquila	aniquila
»	16.°	Anullou	Annullou
122	9.°	demove	revoca
126	5.°	coarctar-lhe	coarctar-lhes
133	7.°	ao Fauno	a Fauno
138	7.°	acordes	accordes
148	16.°	pranto,	pranto
158	15.°	Verdade :	Verdade,
»	16.°	Chymera,	Chymera :
168	14.°	Este *é* o salto famoso	Este o salto famoso
174	6.°	A Aurora ;	A Aurora
»	»	voltava)	voltava) ;
193	4.°	Fraca	Fraco
223	1.°	olhos	olhos,
224	13.°	creis	crueis
228	penultimo	Porque	Por que
238	16.°	cega	sega
242	15.°	déste	déste,
246	15.°	accomettes	acommettes
276	1.°	pequenos	pequenos,
347	3.°	vontades,	virtudes,